

ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO

NESTOR VÍTOR
Um intelectual e as idéias do seu tempo
1890 - 1930

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Etelvina Maria de Castro Trindade

Curitiba
1997

ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO

NESTOR VÍTOR

Um intelectual e as idéias do seu tempo
1890 - 1930

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelas professoras.

Etelvina Maria de Castro Trindade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Etelvina Maria de Castro Trindade
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Ana Maria de Oliveira Burmester

Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Burmester
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Marilene Weinhardt

Prof.^a Dr.^a Marilene Weinhardt
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Ao Chico, com saudade.

AGRADECIMENTOS

Como tudo na vida, esta dissertação também tem sua história. Marcada por felizes momentos e por outros nem tanto, resulta de uma trajetória teórica que vem se delineando desde a graduação. Este percurso, no entanto, sofreu uma ruptura no momento em que seu orientador, Francisco Moraes Paz, parte para a grande viagem, talvez para mais perto das estrelas onde, de fato, seria o seu lugar.

Neste sentido, gostaria de destinar meus sinceros agradecimentos à professora Etelvina Trindade que, diante daquela irremediável falta, assumiu prontamente a orientação deste trabalho. Suas observações tal como sua atenta leitura, frutos da sua grande competência intelectual, foram de valiosa e atilada contribuição.

Agradeço à professora Ana Maria Burmester por ter me conduzido ao conhecimento do sedutor mundo das idéias. Ao seu lado, pude vislumbrar os caminhos que levam à reflexão histórica. As discussões decorrentes de suas aulas de elevado caráter teórico deram o norte que aqui se tentou seguir.

Na banca de qualificação, contei com a presença da professora Helena Müeller, a quem agradeço pelos importantes apontamentos que fez.

À CAPES, sou grata pela bolsa de mestrado concedida.

Durante este tempo, contei com a presença inestimável de Marília, Vidal,

Marcelo, Luís Fernando e Janáina que tornaram o ambiente acadêmico mais aprazível e humano. Neste sentido, sou grata a Dani Vieira, com quem posso “voar” pelos mais variados temas da vida e, ainda, a Carminha, quem cotidianamente me contagia com sua força e alegria de viver.

Sou, particularmente, grata a Marcos Cordioli, quem, literalmente, me “apresentou” a Nestor Vítor e que, ao longo da minha carreira universitária, atuou como uma espécie de mentor intelectual. E, a Cristina Vermelho, amiga de todas as horas, que sempre me salvou frente aos mais terríveis impasses tecnológicos. Ao amigo Nelson “Farofa”, que leu trechos deste trabalho, agradeço pela discussão e sugestões de grande pertinência.

A revisão deste texto coube a Antônia, verdadeira preciosidade desse ofício, a quem agradeço não apenas pelo seu trabalho, mas também pelas deliciosas conversas que tivemos naquelas longas noites.

Aos meus pais, serei eternamente grata pelo incentivo e pela confiança que sempre depositaram em mim. Aos meus amigos da montanha, agradeço pela energia que só eles podem me passar.

Por fim, agradeço de todo o coração ao Drá, meu marido, pela força, pelo incentivo, pela paciência, por seu amor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
APRESENTANDO NESTOR VÍTOR.....	06
CAPÍTULO 1: UM TURBILHÃO DE IDÉIAS NOVAS	16
1.1 UMA BREVE CONFIGURAÇÃO INTELLECTUAL DO SÉCULO XIX	16
1.2 AS IDÉIAS NO LADO DE CÁ.....	30
1.2.1 Em busca de uma história oficial.....	33
1.2.2 O tema da mestiçagem	35
1.3 NAS ASAS DOS “NEFELIBATAS”	39
1.3.1 Um terreno para os simbolistas	39
1.3.2 A vez dos esotéricos	43
1.3.3 Uma nova estética literária	45
1.3.4 O simbolismo no Brasil.....	53
CAPÍTULO 2: SOB O OLHAR PARTICULARIZADO DE UM INTELLECTUAL	62
2.1 A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO INTELLECTUAL	62
2.2 NESTOR VÍTOR E O MOVIMENTO SIMBOLISTA	72
2.3 NO EXERCÍCIO DA CRÍTICA.....	81
2.4 NESTOR VÍTOR E A HISTÓRIA	97
2.4.1 Essa tal modernidade.....	102
CAPÍTULO 3: POR UM BRASIL NACIONAL	109
3.1 NA PAUTA DA CRÍTICA, A REPÚBLICA.....	113
3.2 RIO DE JANEIRO, CAPITAL DA INTELLECTUALIDADE.....	115
3.3 A CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO NACIONAL	121
3.3.1 Uma raça que faz a diferença	128
3.3.2 Construindo uma idéia de Brasil	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
FONTES.....	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153

“Nas letras não se morre, se alguém nos apanha deixa, porque o que vimos dizer é um pedaço de frase que valerá em se juntando outro pedaço de frase capaz de completar-lhe o sentido, para que o povo de que somos representantes inscreva no tempo a legenda significativa da missão que lhe coube”.

Nestor Vítor

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro contato com alguns textos de Nestor Vítor, ficou evidente a esta pesquisadora o seu discurso de fé no futuro do Brasil em função da singularidade do país. Em meio à intelectualidade da época, o crítico fez ouvir sua voz em prol da reflexão e elaboração de uma identidade nacional.

E o que a princípio poderia ser caracterizado como uma “curiosidade de historiadora”, os acontecimentos do presente contribuíram para demarcar uma reflexão que se faz histórica. Todas as vezes que tomava um jornal às mãos ou assistia a um noticiário o assunto era constantemente o mesmo: as diversas explosões nacionalistas que estavam sacodindo o planeta, fosse na ex-Iugoslávia, na ex-URSS, na França, na Espanha, na Ruanda ou em Quebec.

No Brasil, paralelamente, estamos acostumados à florescência de nacionalismos sazonais, seja nos momentos de Copas do Mundo, seja nos palanques eleitorais eletrônicos. Ainda mais grave e profundo, no ressurgimento de movimentos com tendências fascistas ou mesmo, na aceitação de movimentos que pregam o separatismo. Civismo momentâneo ou xenofobia, o nacionalismo de tempo em tempo insiste em ressurgir auto-proclamando-se, aqui como em outros lugares, panacéia para os problemas políticos e sociais.

A grande ironia disto tudo é que paradoxalmente o mundo avança para a superação das barreiras nacionais, pela livre circulação de mercadorias e capital e também pela integração de idéias e culturas. Como, então, assistir à convivência da tendência

globalizante com o xenofobismo nacionalista e o racismo? O impasse se impõe.

Neste sentido, a leitura de um intelectual do início do século que, à primeira vista, parecia tão otimista quanto ao futuro desta terra e às questões da problemática do nacional, representou, além da oportunidade de recuperar da obra de Nestor Vítor e de sua época – objeto constituído teoricamente –, uma experiência histórica, também a oportunidade de atender a uma sugestão de Walter Benjamin, para quem o historiador recupera do passado imagens que se refletem no presente.

Quase toda pesquisa, no entanto, se revela uma caixa de Pandora. Assim, mesmo com os olhos voltados àquela temática, Nestor Vítor acabou revelando-se um intelectual fascinante, cuja produção teórica, mais voltada ao mundo das idéias do que às objetividades da realidade enquanto tal, foi o condutor de uma viagem através dos propósitos que marcaram tanto o seu pensar como o de toda uma época da história brasileira. A fina perspicácia dos seus textos viria exatamente desse contraponto entre o particular e o universal recorrentemente estabelecido no interior da sua obra.

Esse universal, por sua vez, não se circunscreve apenas no âmbito nacional. Considerando que a intelectualidade brasileira espelhava suas reflexões, embora com uma certa diferença de temporalidade, a partir do pensamento europeu, procurou-se no primeiro capítulo apreender as idéias-força que ao longo do oitocentos ditaram a tônica do discurso historiográfico. No embate entre a diferença, a similitude e a originalidade, buscou-se compreender como tal ideário foi assimilado e modificado, em fins do século XIX e início deste, pelas classes letradas nacionais no afã de inserir-se nos moldes da modernidade.

Sob o ideário simbolista, Nestor Vítor lançaria uma forma muito peculiar e

ao senso comum, procurava entender como se constituía a psique daquele que escrevia. Ao fazê-lo, acabava priorizando o *eu* do indivíduo em face dos esteriótipos mais facilmente reconhecíveis. Acabava, também, tratando os temas com uma maior abrangência e, por mais variados que fossem, findava por entrecruzar os assuntos, complementando-os, pois tinha uma visão de que o individual e o universal, aconteciam simultaneamente e por isso, no momento da interpretação, não poderiam ser separados em compartimentos estanques.

Daí a possibilidade de tomar suas idéias como fonte para uma reflexão no campo da história. Nesse sentido, não houve preocupação com questões de forma e fundo, por exemplo, domínios do campo da literatura, inscritas na crítica elaborada por Nestor Vitor. Ao lado disso, características como parcialidade e subjetividade são evidentes no desempenho de seu ofício. Buscando, então, compreender de que forma os conceitos do simbolismo influenciaram o seu pensamento, ainda no primeiro capítulo, apresenta-se um estudo sobre o momento histórico e as idéias que, tanto na Europa como no Brasil, impulsionaram essa tendência literária.

Da obra de Nestor Vitor são recortes para este trabalho os indícios da sociedade da qual fez parte e a maneira como interagiu com ela. Afinal, se o discurso literário resulta de uma reflexão, de uma mediação social, tal como o discurso histórico, é possível através dele reconhecer a sociedade da qual é originário.¹ Além disso, no dizer do próprio Nestor Vitor, *a literatura é o caminho por onde podemos acompanhá-lo lado a lado, no percurso que ele vem fazendo para isso. A literatura nos mostra o homem com uma veracidade que*

¹ PAZ, Francisco Moraes. Pensar a utopia da ciência. In: *Humanas*, Curitiba, n.3, p. 167-182. 1994. Editora da UFPR.

*a ciência talvez não tenha, porque é documento espontâneo da vida em trânsito.*²

Embora não se trate, aqui, do estudo de textos literários, o interlocutor pertenceu a esse ambiente e foi a partir dele que a sua produção se consubstanciou. Diante disso, será recorrentemente feita a alusão às tendências literárias que marcaram época no Brasil, com o intuito não apenas de situá-lo historicamente, mas também de compreender como o seu pensamento se articulava com o momento.

O olhar de Nestor Vitor sobre como deveria ser a formação intelectual dos escritores; sua participação junto ao movimento simbolista; os pressupostos sobre os quais se baseava a sua crítica e a sua idéia de história, formam a base para o segundo capítulo. Um olhar, sem dúvida, estabelecido por referenciais estéticos, fruto da sua integração com a atividade literária, mas que se revela também fortemente sugestionado por valores éticos, próprios daqueles que buscavam na interpretação da contemporaneidade, apreender o curso que tomava a experiência humanitária, não somente enquanto conceito, mas também enquanto prática.

No último capítulo, retoma-se a preocupação sobre a participação de Nestor Vitor na construção de uma idéia de Brasil, independente, capaz e menos servil ao pensamento estrangeiro, característica da intelectualidade que atuou na virada deste século. Essa recuperação do processo das idéias e imagens de nação projetadas por ele, no seu espaço de circulação e interlocução com a sociedade, pressupõe, no entanto, uma reorganização dessas mesmas idéias e imagens, de maneira que se possa apreendê-las em sua essência, sem delas perder a sua dimensão histórica e temporal.

²NESTOR VÍTOR. Na arguição à tese de Cecília Meireles, *O Espírito Vitorioso*, do Concurso de Literatura para a Escola Normal (atual Instituto de Educação) do Rio de Janeiro, realizado em 1930. In: *Obra crítica de Nestor Vitor*. v. III. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1979, p. 318.

Esta, na verdade, foi a metodologia utilizada ao longo de toda a pesquisa. Assumindo o pressuposto de que *não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida*,³ o objeto de estudo foi a produção escrita de Nestor Vitor. No entanto, não foi considerado rigorosamente o aspecto cronológico na abordagem dos textos, uma vez que se priorizou não a genealogia de suas idéias, mas a forma como elas apareciam no seu discurso.

Os pensamentos, de fato, têm um lugar privilegiado neste trabalho. Sob a orientação da história das idéias o que se busca é *conhecer o que outros, situados em lugares e tempos diferentes, sentiram e pensaram. Pois, estes pensadores antigos podem ter algo extremamente valioso a nos dizer, sobretudo em áreas em que, devido à textura peculiar do seu mundo, desenvolveram uma sensibilidade especial e experiências específicas*.⁴

Assim, na experiência histórica de Nestor Vitor o que se priorizou foram as teorias gerais tanto quanto suas opiniões particulares inscritas nos temas abordados. Foi desta forma, que se tentou compreender a sua vida e a sua obra – *isto é, tanto quanto se pode dizer que se compreende a vida e a obra de alguém*.⁵ E, para finalizar, ou melhor, para começar, se é o olhar que constrói o objeto, tenha-se em mente que a interpretação que se segue é o olhar desta historiadora.

³ SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986, p. 87.

⁴ BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno, séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Edições 70, 1990. V I, p. 25. PAZ, Francisco M. *Na poética da história. A realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996, p. 162.

⁵ MILLER, Henry. *A hora dos assassinos*. Um estudo sobre Rimbaud. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, p. 13.

APRESENTANDO NESTOR VÍTOR

Nestor Vítor dos Santos nasceu em Paranaguá, Estado do Paraná, em 12 de abril de 1868. Coursou as primeiras letras na sua cidade natal sob a orientação dos professores José Cleto da Silva, um ativo abolicionista que teria influenciado na sua formação intelectual, e Francisco Machado, o então tradutor público da cidade.

Em 1887,⁶ Nestor Vítor participou da fundação do Clube Republicano, em Paranaguá, do qual foi o primeiro secretário. Mudando-se para Curitiba, em 1888, foi eleito secretário da Confederação Abolicionista do Paraná, presidida pelo Major Solon de Sampaio Ribeiro. Nesse ano, partiu para o Rio de Janeiro a fim de se preparar para o Curso Anexo da Escola Politécnica. Retornando a Curitiba em 1889, foi convidado para oficial de gabinete pelo governador do Estado, Américo Lôbo Leite Pereira, cargo que não aceitou por divergências políticas, indo dirigir o *Diário do Paraná*, órgão de oposição.

Fixou-se definitivamente no Rio de Janeiro em 1891.⁷ Nessa época, colaborava em revistas e jornais do Rio e do Paraná. A convite de Fanor Cumplido, exercia as funções de secretário da Companhia Metropolitana do Paraná.

Nestor Vítor, desde cedo, mostrou-se interessado pela vida literária que se desenvolvia no país. Quando chegou ao Rio, dominavam nas letras o parnasianismo, no verso, e o naturalismo, na prosa. Em São Paulo, entretanto, começava-se a ler, entre alguns moços acadêmicos, Baudelaire. Envolto numa atmosfera de mistério, quase como

⁶ Infelizmente não foram encontradas referências acerca dos primeiros anos de vida de Nestor Vítor. Todo o percurso cronológico que se segue, referente a sua carreira profissional e produção literária, deve-se ao estudo anteriormente feito por Andrade Muricy, amigo pessoal do literato, sobretudo, na obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987. v. I, p. 335-343. Esse livro foi, inclusive, dedicado à memória de Nestor Vítor.

⁷ Em 1892, Nestor Vítor casou-se com Catarina Alzira Coruja, com quem teve oito filhos.

quem lia páginas proibidas com seus mais íntimos companheiros, Emiliano Pernetá, que lá estudava, foi um dos primeiros a manusear as *Flores do Mal*. Num encontro com Nestor Vítor, quando retornava de férias a Curitiba, Emiliano Pernetá emprestou-lhe aquele *estranho volume* que passava então por raridade.

Naquele momento, todavia, o grande precursor do simbolismo não chegou a contaminar desde logo a esses rapazes a ponto de evitar-lhes o contato com os representantes do único verso tido ainda por moderno na literatura brasileira, ou seja, o romântico. Nestor Vítor, ao contrário, proclamava-se *desprevenido admirador* dos que já haviam publicado obras antes que ele tivesse começado a escrever, estando aberto a múltiplas influências. Emiliano, neste sentido, sempre voltava para Curitiba cheio de informações e anedotas sobre o meio intelectual do qual participava em São Paulo, deliciando seus companheiros que daqui mal podiam acompanhar o movimento literário dos grandes centros. Apenas alguns anos mais tarde a jovem capital paranaense começaria a ter representantes também em tal sentido.

Nestor Vítor levou para o Rio de Janeiro a alguns daqueles parnasianos cartas de apresentação assinadas por Emílio de Menezes, seu conterrâneo, que lá estivera e travara relações antes dele. Foi, desta forma, acolhido pelos parnasianos e com eles conviveu nos seus primeiros anos na grande capital.

Com o passar do tempo, foi estendendo suas relações e passou a conhecer grande parte da roda literária e jornalística do momento, circulando entre eles ainda como um simples *observador*. O próprio Nestor Vítor estranhava sua atitude, mas acreditava ser ela decorrente, em parte, de seu provincianismo *cheio dos preconceitos de aldeia, em surto e*

*difícil processo de adaptação ao meio carioca.*⁸ Porém, essa sua atitude já denunciava a linha sobre a qual se desenvolveria sua carreira intelectual.

Olavo Bilac, por exemplo, um dentre aqueles a quem Nestor Vitor levava uma carta de apresentação, recebeu-o muito bem, produzindo-se entre ambos uma profunda simpatia. Ao ser publicado, entretanto, o livro *Poesias*, de Bilac, Nestor Vitor reconheceu que todo e qualquer esforço para aproximá-los muito um do outro seria em vão, pois sentia que aqueles versos *não eram para ser amados por mim como foram desde logo por tantos.*⁹ Ficava claro para ele que o terra-a-terra do naturalismo e a excessiva exterioridade dos parnasianos não correspondiam às suas expectativas literárias. Possivelmente, era este o resultado da influência de Baudelaire, combinada ao *pendor natural* que Nestor Vitor trazia.

Pouco antes de mudar-se para o Rio, Emiliano Pernetá publicou *Músicas*, que teve alguma repercussão em São Paulo, mesmo pelo fato de o seu autor freqüentar o meio dos jornais garantindo-lhe, assim, certa simpatia e prestígio. No Rio de Janeiro, porém, sua obra passou quase despercebida. *Músicas*, segundo Nestor Vitor, representava naquele momento apenas um curioso sintoma de inquietação literária, em que os leitores podiam vislumbrar uma singular natureza em formação, avessa ao decalque e ao terreno batido, mas ainda muito problemática e de um desarranjo que os parnasianos não podiam admitir.

Em torno de Emiliano Pernetá foram se agrupando nomes como Gonzaga Duque, Oscar Rosas, Lima Campos e outros que não se mostravam simpatizantes aos naturalistas e aos parnasianos. Dando preferência às leituras de Flaubert, Goncourts, Villiers de l'Isle

⁸ NESTOR VÍTOR. Como nasceu o simbolismo no Brasil. O Globo, 19-5-1930. In: *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro, Fundação casa Rui Barbosa; Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1979. v. III, p. 76. OBS: Para facilitar a leitura dos textos selecionados, procedeu-se a atualização ortográfica.

⁹ *Ibid.*, p. 77.

Adam, Sar, Guy de Maupassant e Huysmans,¹⁰ esse grupo vinha operando numa transição caracterizada por contradições e vacilações, de fato inevitáveis em tais casos, que desembocaria no surgimento de uma nova e definida escola.

Deixando sua neutralidade, Nestor Vitor aproximou-se efetivamente daquele grupo encabeçado por Emiliano. A influência desta corrente em formação verifica-se no livro de contos, *Signos*, com que mais tarde estreou. Mas, por certo, foi somente com a vinda de Cruz e Sousa para o Rio, em fins de 1890 – e ainda mais depois que se ligaram os dois mais intimamente – que Nestor Vitor decidiu tomar parte ativa no movimento literário simbolista.

Na verdade, esse era o momento em que o simbolismo se definia no Brasil, não apenas com o tom solene que lhe conferia o *Poeta Negro*, publicando *Missal*, como também pela forma hierática, sob a qual iniciou-se, por exemplo em Curitiba, o movimento de formação de um Cenáculo que, com orientação esotérica, acabou-se cristalizando na organização de um Centro Neo-pitagórico, na cidade.¹¹

É interessante observar, entretanto, como ocorreu de forma diferenciada a organização do movimento do Rio em comparação à que se formava na Província. No Rio, conhecia-se Rimbaud, Verlaine, Mallarmé e outros “decadentes” (como eram chamados), e no começo apenas pela versão que Medeiros de Albuquerque proporcionara com notícias nos jornais e com as suas *Canções da Decadência*. No Paraná, por sua vez, começou-se a ler Ivan Gilkin e outros belgas representativos do simbolismo, sobretudo, trazidos por João Itiberê, discípulo de alguns deles em Bruxelas e que por esse tempo voltava para esta

¹⁰ Ibid., p. 78.

¹¹ Sobre este tema ver: CORDIOLLI, Marcos. O olhar de um ponto diverso; as gênesis de um idílio; a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909). *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a, I, n.01, p. 5-26, mar./1988/ Projeto: *O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920* - Série Monografias.

terra. Da mesma forma acontecia com os simbolistas portugueses, Eugênio de Castro e Antônio Nobre, que eram lidos com mais preferência em Curitiba do que no Rio.

O grupo simbolista nacional tornava-se cada vez mais complexo, conforme surgiam novas figuras, tanto no Norte como no Sul do país, mas entre tudo o que se produzia por toda parte, destacava-se a novidade sugerida pela obra de Cruz e Sousa. Nestor Vítor foi um dos primeiros a se debruçar e a assimilar as idéias desta nova proposta literária. Do seu contato mais sistemático com Cruz e Sousa frutificou uma grande amizade, a qual, segundo Andrade Muricy, *passaria a ser a tônica emocional, com poderosas conotações estéticas e morais, de sua vida de espírito. Foi exemplar e tornou-se legendária.*¹² Nestor Vítor entregou-se de fato a esta amizade e somente mais tarde, numa carta enviada de Paris ao *Correio Paulistano* (06-03-1903), resumiria o seu significado:

*Se há homem que necessite essencialmente de um amigo será por certo todo aquele que é verdadeiramente um intelectual. E quanto mais poderosa a envergadura de que seja dotado mais dessa necessidade afetiva se há de ressentir.*¹³

Ou seja, para ele, a atividade intelectual proporcionava a quem dela se ocupasse uma profunda solidão e por isso a presença de um amigo fiel tornaria sua luta no campo das idéias menos pesada.

Em 1894, seguindo sua carreira profissional, Nestor Vítor, ardoroso partidário de Floriano Peixoto, então presidente da República, foi por este nomeado, aos 26 anos de idade, vice-diretor do Internato do Ginásio Nacional, depois Colégio Dom Pedro II, onde também lecionou várias disciplinas do curso de Letras. Nesse posto teve como colegas de

¹² MURICY, Andrade. In: *Obra Crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro, Fundação Casa Rui Barbosa, v. I, 1969, p. XI.

¹³ NESTOR VÍTOR. *Obra crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, v. III, 1979, p. 117.

magistério Silvío Romero e João Ribeiro. A convite do diretor do ginásio, Quintino Bocaiuva, passou a colaborar no periódico *O País*. A esse tempo, José Veríssimo era o diretor do Externato e as relações que Nestor Vítor travou com ele foram um tanto extraliterárias devido, sobretudo, às idéias nada favoráveis que o eminente crítico retinha sobre o movimento simbolista.

Em 1898, morreu Cruz e Sousa, acontecimento que deferiu um terrível golpe a Nestor Vítor, marcando para sempre a sua vida. Um aspecto a destacar nesse episódio foi que a perda do estimado amigo serviu-lhe, ao mesmo tempo, de um vigoroso arrebatamento realizador. Escreveu, então, seu primeiro grande ensaio sobre um autor estrangeiro: *Os Desplantados* de Maurice Barrès, e o seu primeiro estudo sobre Raul Pompéia.

Começou a corresponder-se com Maurice Maeterlinck em 1899, a quem solicitou licença para traduzir *La Sagesse et La Destinée*. Naquele mesmo ano escreveu os ensaios sobre *Cyrano de Bergerac*, sobre *Novalis* e *Balzac*, e o importante estudo de crítica intitulado *Os Novos*. Seu grupo compunha-se, então, de Gustavo Santiago, Oliveira Gomes, Tibúrcio de Freitas, Rocha Pombo, Maurício Jubim, Arthur de Miranda e o jovem poeta paranaense Silveira Neto. Colaborava em quase todas as revistas simbolistas de Curitiba: *O Sapo*, *Pallium*, *Azul*, *Breviário*, *Turris Eburnea*, *Vera Cruz* etc. Promoveu, também, a publicação de *Faróis* de Cruz e Sousa.

Em 1901, publicou o romance *Amigos*. Surgiram neste ano, também, alguns dos seus mais importantes ensaios: sobre *H. Ibsen*.¹⁴ *Os Sete Ensaios de Emerson*, *Um livro de*

¹⁴ Que mais tarde causou certa polêmica acerca de quem teria sido o primeiro a se referir a Ibsen, se fora Nestor Vítor ou Araripe Júnior. No entanto, o ensaio de Araripe data apenas de 1906.

Hello, F. Nietzsche, publicações que levaram Sílvio Romero a declarar que “... acerca de letras estrangeiras não possuímos nada superior nem que se compare, ao que escreveu [Nestor Vitor] de Ibsen, de Maurice Barrès, de Edmundo Rostand, especialmente de Maurice Maeterlinck. Bastaram êstes quatro largos estudos para ser colocado na primeira plana dos nossos críticos”.¹⁵

Em 1901, publicou ainda *A Hora*. Demitiu-se do Ginásio Nacional e então desempregado e ainda muito sensibilizado pela morte do amigo, o qual considerava seu fulcro catalisador, partiu para a Europa, indo morar em Paris. De lá, foi correspondente dos jornais *O País* e *Correio Paulistano*. Obteve modesta colocação no Consulado do Brasil e solicitado pelo amigo Barão do Rio Branco foi professor dos seus filhos. Realizou, neste ínterim, algumas traduções e revisões para a Editora Garnier.

Seu único livro de poesias, *Transfigurações*, surgiu em 1902. Naquele mesmo ano, foi pessoalmente levar a Maeterlinck o primeiro exemplar de sua tradução de *A Sabedoria e o Destino*. Seus principais amigos em Paris, além de Maeterlinck, foram o Conde Prozor, céebre tradutor de Ibsen; Maurice Barrès; Saint-George de Bouhélier; Georgette Leblanc, esposa de Maeterlinck e do irmão dela, Maurice Leblanc, autor de *Arsène Lupin*, e o pintor Carrière.

Quando retornou ao Brasil em fins 1905, trouxe consigo a primeira edição póstuma dos *Últimos Sonetos*, de Cruz e Sousa, impressa em Paris pelo editor Aillaud. Em 1906, assumiu a seção de crítica literária da revista *Os Anais*, de Domingos Olímpio (autor de *Luzia Homem*, sob o pseudônimo de Nunes Vidal). Lecionou na Escola Normal e no Colégio Dom Pedro II.

¹⁵ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, p. 389.

Seu livro de viagem, *Paris*, apareceu em 1912. Para Sílvio Romero, contemporâneo seu, neste livro:

*Tudo é flagrantemente exato, finamente sentido e corretamente exposto. Nestor Vitor, em seu novo livro, revelou-se, no gênero, o mais complexo dos escritores brasileiros. Pois merece ser traduzido nas línguas estrangeiras para que se saiba lá fora a que ponto a inteligência brasileira tem atingido de atilamento e penetração.*¹⁶

Sobre a mesma obra, Brito Broca escreveu também muitos anos mais tarde: "... livro único em nossas letras, constituindo verdadeira exegese de uma cidade e de um povo".¹⁷ Este livro valeu ao seu autor a *Legião de Honra*. Em 1913, publicou *A Terra do Futuro / (Impressões do Paraná)*¹⁸.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1914, promoveu com Rui Barbosa, José Veríssimo e outros companheiros, a Liga Brasileira pelos Aliados. Em 1915 publicou a conferência *O Elogio da Criança* e o estudo sobre *Três Romancistas do Norte* (Xavier Marques, Rodolfo Teófilo e Pápi Júnior). Com a morte de Veríssimo, em 1916, Nestor Vitor substituiu-o na cadeira de História do Lycée Français, hoje Instituto Franco-Brasileiro.

Foi eleito deputado estadual, no Paraná, em 1917, e teve o seu mandato renovado em 1919. Em 1918, aceitou uma cadeira na Escola Superior de Comércio, chegando a ser vice-diretor daquele estabelecimento. Ainda em 1919, publicou *A Crítica de Ontem*, e em 1920, *Fólias que ficam*. Em 1923, organizou a primeira edição das *Obras Completas de*

¹⁶ Ibid., 389.

¹⁷ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil-1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1960.

¹⁸ Nestor Vitor. *A Terra do Futuro (Impressões do Paraná)*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comercio, 1913. Este livro é recorrentemente utilizado como fonte nas dissertações e teses desenvolvidas, sobretudo, no DEHIS / UFPR, por conter importantes informações sobre aspectos da vida econômica, política e social do Paraná na virada do século XX. Foi, também, por mim utilizado como fonte principal no desenvolvimento da monografia *Curitiba: As imagens da experiência urbana no início deste século por Nestor Vitor*, entregue como conclusão do curso de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-1994. Sob orientação do professor Francisco Moraes Paz (*In memoriam*).

Cruz e Sousa. Em seguida, após ter colaborado anos no *Correio da Manhã*, foi atraído por Irineu Marinho para *O Globo*, do qual foi o primeiro crítico literário, acolhendo cordialmente os chamados *modernistas* que então compunham a nova literatura brasileira. Tais folhetins de crítica foram reunidos por Andrade Muricy, em volume póstumo, intitulado *Os de Hoje* (1938). Em 1928, foi eleito membro da Academia Paranaense de Letras. Passou a colaborar, em *O Estado de São Paulo* em 1929 e recebeu, também nesse ano, o título de Doutor em Ciências Jurídicas e Comerciais, pela Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro.

Nestor Vítor faleceu no Rio de Janeiro, na tarde de 13 de outubro de 1932, aos 64 anos de idade, em conseqüência de uma doença maligna.

A vida de Nestor Vítor demonstra um aspecto eclético característico dos intelectuais que compunham as *idades das letras* na passagem deste século. Ora visto como político, ora como negociante, ora como catedrático, Nestor Vítor firmou sua posição histórica dentro da crítica literária brasileira, especialmente, a partir do movimento simbolista.

Neste sentido, buscando entender o ideário desta nova escola que a Nestor Vítor empolgara, e da qual tornou-se *crítico oficial*, passaremos mais adiante ao reconhecimento dos referenciais simbolistas, partindo da sua *gestação* num ambiente, sobretudo, francês, até a sua introdução dentro do circuito literário nacional. A compreensão de como esses referenciais perpassam o produção teórica de Nestor Vítor contribui de forma elucidativa na circunstância em que se passa a interpretar suas idéias tanto no que se refere à questão mais particularizada da abordagem e da construção do *espírito nacional*, inscrita no transcorrer da sua obra, assim como na sua própria idéia de história.

Antes, porém, faz-se uma incursão à história das idéias que informaram o século XIX. Tem-se com isso o intuito de buscar apreender as formas de pensamento que circulavam no seu centro difusor, a Europa, bem como compreender como tal ideário foi assimilado no Brasil e de que forma influenciou toda a produção intelectual nacional do período.

CAPÍTULO 1

UM TURBILHÃO DE IDÉIAS NOVAS

As transformações da sensibilidade histórica, ao longo do oitocentos, revelam as diferentes fases da consciência e do sentido da história – ora ciência, ora arte, ora discurso. E reafirmam o constante desejo de decifrar as ironias do destino humano.

(Francisco Moraes Paz)

1.1 UMA BREVE CONFIGURAÇÃO INTELECTUAL DO SÉCULO XIX

O século XIX caracterizou-se, de maneira mais geral, pelo embate entre duas formas de pensar o mundo: uma que enfatizava a permanência, uma ordem estática, subentendida sob a categoria do *ser* e outra que implicava mudança, evolução, ou seja, o *devir*. No entanto, diferentemente dos séculos XVII e XVIII quando as utopias se referiam a épocas passadas, o século XIX enunciou uma idéia de realização no futuro. A sociedade passou, assim, a ser pensada sob o signo do progresso, sobretudo, europeu.

Foi, sem dúvida, uma época de enorme expansão do conhecimento em todos os campos, proporcionando, segundo F. Meinecke, uma verdadeira “revolução do pensamento”. Ora marcado pela busca de uma certa organicidade, ora por um posicionamento crítico frente às constantes transformações, a história passou a cumprir um papel que até então a tradição cumpria, ou seja, o de transmitir uma determinada “compreensão do passado”, mas também de dar um sentido àquele presente, pensando em termos históricos a originalidade das épocas.

Ao se tomar o século XIX como constituído de um sistema de idéias próprio, pode-se, para uma melhor compreensão do período e da sua multiplicidade de estilos e formas de pensamento, utilizar a estrutura analítica pensada por Franklin Baumer em *O pensamento europeu moderno*¹⁹ sobre o século decorrente.

Dessa forma, a reflexão sobre tais idéias passará, rapidamente, por quatro mundos distintos de elaboração teórica e concepção histórica, o Romântico, o Néo-Iluminista, o Evolucionário e o *Fin-de-Siècle*.

|

O Movimento Romântico, compreendido entre 1780 e 1830, de certa forma, opunha-se à concepção iluminista da filosofia e das ciências, do pensamento histórico e político, como também da poesia e do teatro, denunciando a estreiteza das conseqüentes doutrinas relacionadas com o pensamento geométrico, o neoclassicismo ou ainda o empirismo lockeano.

Os românticos, embora não fossem necessariamente anticientíficos, consideravam que este mundo, característico do século XVIII, tentava impor a razão, mecanizando toda a vida, atribuindo regras universais e rígidas às artes e reduzindo, terrivelmente, o conhecimento humano ao mundo das aparências.

Em contrapartida, foi na exploração do lado oculto da vida, dos sonhos e do inconsciente que os românticos enfatizaram suas predisposições na aspiração pelo Infinito, num forte sentido do irracional, na particularidade ou na individualidade em oposição à generalidade, na arte, na história como na antropologia.

¹⁹ BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. volume II. Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

Neste mesmo sentido, houve uma renovação religiosa despertada pelo Romantismo, inspirando inclusive um certo misticismo. Sentiam, os românticos, a necessidade de recuperar as capacidades metafísicas e religiosas que as pessoas haviam perdido no “Século Descrente”. Contudo, entendiam a religião não como moral ou filosofia, de forma que não poderia ser conciliada a razão, mas como uma particularidade da alma humana. Relacionando intimamente o indivíduo com a encarnação do todo, localizaram Deus na natureza e buscaram nela o poder criativo, através do qual o homem tomaria consciência de si mesmo.

É possível, também, destacar uma grande contribuição do Movimento Romântico no fornecimento da base teórica para o nacionalismo moderno. As idéias românticas concederam novos sentidos e significado às reflexões de Rousseau, Burke e Hender sobre a organização social e política, representando uma mudança repentina contra todo pensamento iluminista acerca dos problemas sociais, sobretudo após as decorrências da Revolução Francesa.

Para a grande parte dos românticos, a nação ou o Estado-Nação constituiria a forma mais elevada de organismo social. Este racionalismo não negava, entretanto, o individualismo romântico. Segundo este novo pensamento, com a ajuda do Estado como um guia cultural, o indivíduo poderia desenvolver melhor as suas potencialidades. Na realidade, a própria nação era representada como um grande indivíduo diferente das outras nações, de maneira que, politicamente, o individualismo romântico acabava expressando-se também na idéia de nação.

Os sentimentos de justiça e liberdade social passaram a ser representados na compaixão pelos miseráveis, os oprimidos de uma nova era de exploração industrial. O

românticos, afinal acreditavam que o povo não surgira de um contrato ou da vontade humana, mas crescera como um organismo sobrepondo-se as suas partes individuais. Deveria, assim, ser considerado na formação de uma grande comunidade imaginária, a nação histórica.

//

O Neo-Iluminismo surgiu na década de 1830 anunciado por uma nova linhagem da historiografia. Preocupado principalmente em produzir uma ciência marcada pela objetividade, buscava na desacralização do conhecimento uma nova interpretação do homem. Assim, ao estabelecer o homem como foco central do conhecimento, anunciava-o como a “religião da humanidade”.

Embora possa ser entendido como uma reação ao movimento romântico, o surgimento do Neo-Iluminismo não significou o fim daquele. Da mesma forma, não foi apenas a retomada dos conceitos Iluministas. Com esses, o novo movimento também estabeleceu um diálogo crítico, aprofundando o sentido de mudança, mesmo porque já havia passado pela experiência da Revolução Francesa e se confrontado com a Revolução Industrial.

O “culto da ciência” foi, de fato, a expressão que melhor sintetizou as idéias Neo-Iluministas. Sob a perspectiva da retomada da consciência, de um culto do progresso, o otimismo, baseado na ciência e na técnica, passou a ditar as próximas linhas da história.

Uma espécie de sentimento nacional, já forte no Mundo Romântico, tornava-se rapidamente uma idéia primária social da Europa, tanto para os liberais como para os conservadores. Porém, considerava-se que nem todas as nações tinham a vocação nacional, ou seja, a nação era então entendida como um elemento potencial do progresso.

uma determinada singularidade, quer dizer, onde a força das tradições pesassem no seu passado.²⁰

Enquanto no século XVIII estabeleceu-se um ponto de tensão entre o mundo rural e o urbano, numa sociedade dividida entre a agricultura e a indústria, o conflito, no século XIX, deu-se no interior do próprio espaço urbano com o advento da indústria e da sociedade industrializada. Com isso, a vertente Neo-Iluminista desdobrou-se na França com o positivismo, na Inglaterra, com o utilitarismo e na Alemanha, com os jovens hegelianistas.

Naquele contexto, as disciplinas da história e da filosofia da história foram separadas com o intuito de fazer prevalecer *a vontade de verdade histórica e o espírito de objetividade dos historiadores oitocentistas*.²¹ Ou seja, o historiador então pretendia estabelecer uma história baseada em acontecimentos reais e não mais nos acontecimentos narrados conforme a apreensão pessoal daquele que a contava.

Neste sentido, no plano da filosofia, Comte estabeleceu uma forma positiva para revelar aquele progresso, o que, por sua vez, devido à influência que teve na historiografia do período, acabou produzindo uma história que se confundia com a própria idéia de ciência. Para Comte, os três estágios do conhecimento histórico representavam a própria evolução humana. Assim, o teológico/fictício e o metafísico/abstrato, que teriam caracterizado o pensamento das primeiras épocas, haviam cedido lugar ao científico/positivo. O conhecimento devia estar limitado às “leis” e não às “causas”, isto é, às causas finais e às essências.

²⁰ Ver: HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

²¹ PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história. A realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Editora UFPR. 1996, p. 176.

A história, por essa perspectiva, ficava encarregada da tarefa de sistematizar os fatos objetivamente para sua exposição. Seguindo a orientação da ciência do documento, procurou-se reunir uma documentação nacional com origem documental, que dizer, a produção de uma história científica (historicismo), ou ainda, uma produção isenta de paixões. Como os documentos escritos eram produzidos no interior do próprio Estado, obteve-se, não por acaso, uma ênfase na história política.

Embora a concepção político-historicista tenha sido, relativamente, predominante no movimento Neo-Iluminista, pode-se facilmente identificar outros arranjos historiográficos ao longo do século XIX como: o econômico, a partir do pensamento marxiano e o conceito de Revolução; o cultural, trabalhado por Burkhardt no estudo da cultura renascentista italiana e por Michelet, enfatizando o povo como sujeito histórico na Revolução Francesa; com Dilthey pensando o passado como um sistema de idéias; e Tocqueville sobre uma história social a partir da Revolução Francesa.

A crença, no progresso, entretanto, atingiu de uma forma ou de outra, os homens de todos os segmentos.

Naturalmente que os diferentes grupos e indivíduos discordavam, por vezes, de um modo impetuoso, sobre a dinâmica e a trajetória, e até mesmo sobre o curso descrito. Alguns, por exemplo, acreditavam na inevitabilidade do progresso, outros apenas na sua probabilidade. Alguns acentuavam o papel do espírito, outros as forças físicas ou materiais na realização do progresso. Para alguns, a meta era um maior conhecimento, para outros a maior felicidade para um maior número, maior liberdade (para a nação e para o indivíduo), ou igualdade, uma moral mais elevada, ou uma mistura de tudo isso.²²

III

Pode-se pensar o Mundo Evolucionário como uma extensão, uma segunda parte do Neo-Iluminista, diferenciando-se deste principalmente no aspecto da idéia de evolução. A

²² BAUMER, ... p. 92.

consciência pessoal de vida num mundo de permanente mudança, em constante transformação, no século XIX não dependia da doutrina da evolução. Contudo, foi o darwinismo que apresentou as provas.

De uma forma bem diferente da concepção que será utilizada pelos evolucionistas no decorrer do século XIX, a visão humanista do XVIII já discorria a partir da noção de “perfectibilidade” e “liberdade” sobre a capacidade singular e inerente a todos os homens de sempre se superarem. Numa via de mão dupla, a “perfectibilidade” não conduzia, porém, o acesso obrigatório ao “estado de civilização” e à virtude, tal como pensavam os teóricos do século XIX. Esta “perfectibilidade humana” enquanto marca de uma humanidade una, anunciava para Rousseau os “vícios” da civilização e a origem da desigualdade entre os homens. Pressupondo a igualdade e a liberdade como fatores naturais, levava-se à determinação da unidade do gênero humano e a certa universalização da igualdade, entendida como um modelo imposto pela natureza. Dessa maneira, acreditava-se que os homens nasciam iguais, apenas sem uma definição completa da natureza.

Essa idéia apresenta-se, por exemplo, na noção de “bom selvagem” em Rousseau. A autoridade do homem americano – o “novo homem”, transformada em modelo lógico, contrapunha-se à experiência ocidental. Sobre a origem da desigualdade entre os homens, Rousseau concluía que “se há uma bondade original da natureza humana: a evolução social corrompeu-a”.²³ Conformando este quadro antitético, no entanto, Rousseau se afastava, de certa forma, da Ilustração, já que refletia sobre um progresso às avessas contrapondo-se

²³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 205 (1º ed.: 1775).

à filosofia humanista. Procurava na identificação, ou na “compaixão”, a melhor maneira para entender esse homem que tanto se distinguia da experiência ocidental.

Se, por um lado, tem-se a visão idílica de Rousseau, por outro, pode-se identificar ainda no século XVIII vertentes mais negativas de interpretação. As imagens que detravam o Novo Mundo, se intensificaram, sobretudo, a partir da segunda metade do século XVIII, simetricamente correspondentes ao maior conhecimento e colonização desses novos territórios.²⁴ É o momento em que se passa da projeção da inocência à inata maldade do selvagem.²⁵

Entre os vários pensadores que contribuíram nesse tipo de visão negativa da América, dois, no entanto, merecem ser destacados. Buffon, que em sua tese da “infantilidade do continente americano”, caracterizou-o sob o signo da carência. Embora a unidade do gênero humano permanecesse como postulado, com Buffon descrevendo sobre o pequeno porte dos animais, o escasso povoamento, a ausência de pêlos nos homens, a proliferação de répteis e insetos, um agudo senso de hierarquia seguia como novidade.

A partir da noção de “degeneração” utilizada por Cornelius de Pauw, como o segundo destaque, este termo deixa de se referir apenas a mudanças de forma, passando a descrever “um desvio patológico do tipo original”. Assim, este jurista acreditava que os americanos (radicalizando os argumentos de Buffon) não eram apenas “imatuross” como também “decaídos”, inferiores por estarem degenerados.

Já o desafio de pensar a origem do homem, enfrentado por diferentes autores na época, pode, de certa forma, ser aglutinado em também duas grandes vertentes. Os

²⁴ MELLO e SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 42.

²⁵ SCHAWARCZ, Lilian M. *O espetáculo das raças. cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 46.

pensadores que esboçavam suas reflexões a partir das escrituras bíblicas, acreditando em uma humanidade una, posição dominante até meados do século XIX, congregavam-se em torno da visão monogenista. Sem pressupor, num primeiro momento, uma noção única de evolução, a humanidade era pensada como sob um parâmetro que iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração). Em vistas da crescente sofisticação das ciências biológicas e, sobretudo, diante da contestação ao dogma monogenista da Igreja, a hipótese poligenista transformava-se em uma alternativa plausível.

A publicação de *A origem das espécies*, em 1859, além de amenizar o embate entre monogenistas e poligenistas, passou a constituir uma espécie de paradigma de época. Sob o conceito do processo cósmico, ou seja, a natureza sendo regida por leis físicas naturais, Darwin enunciou que a existência dependia de um integração dinâmica entre o homem e a natureza. Aos poucos, como uma reorientação teórica consensual, as máximas de Darwin transformavam-se em referência obrigatória.

Assim, seus conceitos como “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” passavam a ser aplicados aos mais variados ramos do conhecimento: na psicologia, com H. Magnus e sua teoria sobre as cores, que supunha uma hierarquia natural na organização dos matizes de cor (1877); na lingüística, com Franz Bopp e sua procura das raízes comuns da linguagem (1867); na pedagogia, com os estudos do desenvolvimento infantil, na literatura naturalista, com a introdução de personagens e enredos condicionados pelas máximas deterministas da época, para não falar da sociologia evolutiva de Spencer e da história determinista de Buckle.²⁶

²⁶ SCHWARCZ, ...p. 56.

O darwinismo representou também uma base de sustentação teórica para práticas de cunho bastante conservador na esfera política. O imperialismo europeu que tomou a noção de “seleção natural” como justificativa para a explicação do domínio ocidental, “mais forte e adaptado”, pode facilmente ser vinculado a esse tipo de modelo.²⁷

Uma disciplina que se definia nesse momento, a antropologia cultural ou etnologia social, tinha como objeto central a questão da cultura, vista, no entanto, sob uma ótica evolucionista e tomada em uma perspectiva comparativa. A partir de termos como civilização e progresso então entendidos como modelos universais, evolucionistas sociais, tais como Morgan, Tylor e Frazer, procuravam estabelecer estágios sucessivos que definiriam a direção que toda a humanidade deveria seguir. Tratava-se naquele momento de *entender toda e qualquer diferença como contingente, como se o conjunto da humanidade estivesse sujeito a passar pelos mesmos estágios de progresso evolutivo.*²⁸

Concomitante ao evolucionismo social, surgiram as influentes escolas deterministas. Tal como a escola determinista geográfica, cujos maiores representantes, Ratzel e Buckle, defendiam a tese de que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio, toma força neste contexto um outro tipo de determinismo, o darwinismo social, ou “teoria das raças”. Nesta perspectiva, a miscegenação era encarada de forma pessimista, uma vez que se acreditava “não se transmitirem caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo de evolução social. Dessa forma, as raças eram entendidas como fenômenos finais, sendo assim todo e qualquer cruzamento um erro a ser evitado. O enaltecimento da existência de “tipos puros”

²⁷ Ver: TUCHMAN, Barbara. *A torre do orgulho: um retrato do mundo antes da guerra: 1890-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

²⁸ SCHWARCZ, ...p. 58.

e a compreensão da mestiçagem como sinônimo de degeneração, não só social como cultural, foram as decorrências lógicas desse postulado.

Como um “ideal político”, um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, a eugenia se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social, com a meta de intervir na reprodução das populações. O termo “eugenia”-*eu* : boa; *genus*: geração, foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, que buscou provar, a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação.

Mais uma vez uma política social, o movimento de eugenia revelava as contradições existentes entre evolucionismo cultural e darwinismo social. O conceito de degeneração vai lentamente assumindo um espaço antes ocupado pelo conceito de evolução, na tentativa de explicar o rumo que tomava o progresso ocidental. Uma vez que a degeneração não era inevitável, pois relacionava-se às sociedades miscegenadas, podia-se então pensar no progresso das sociedades “puras”.

Como um projeto teórico de pretensão universal e globalizante, “naturalizar as diferenças ” passa a compor o discurso intermediário entre fisionomia e moralidade. *Em meio a este projeto grandioso, que pretendia retirar a diversidade humana do reino incerto da cultura para localizá-la na moradia segura da ciência determinista do século XIX, pouco espaço sobrava para o arbítrio do indivíduo.*²⁹

IV

O *Mundo do Fin-de-Siècle* caracterizou-se por um sentimento de “decadência” referido às décadas de 1880 e 1890 e a certas modas filosóficas e artísticas que

²⁹ Ibid., p. 65.

expressaram uma nova linhagem de pensamento. Envoltas num pessimismo vinculado ao questionamento e à dúvida acerca das questões *razão, verdade e história*, as novas idéias que passavam a circular no final do século XIX retomavam um debate que se acreditava findado pela produção de um conhecimento científico ou, ainda, do conhecimento “verdadeiro” das décadas anteriores.

Frente a um mundo em revolução contra todos os padrões dos valores e convenções burguesas e ao seu racionalismo em geral, a uma desorientação – tão bem exemplificada na metáfora de Nietzsche de uma abertura sem precedentes (1882), – alguns cidadãos do *Fin-de-Siècle* pareciam estar enfadados do mundo.

A natureza humana, nesse momento, começou a parecer menos racional, o conhecimento mais subjetivo e ilusório, e a história menos previsível e compreensível. A via do pensamento era, principalmente, em direção a um universo mais causal, sujeito a mudanças sem fim ou fins.³⁰

Uma revolta contra o positivismo, incitada de certa forma pelas novas idéias sobre natureza era essencialmente dirigida mais ao culto da ciência, ou seja, contra o cientificismo do que uma revolta contra a ciência em si. Pensava-se que a pretensão da ciência em chamar a si todo o conhecimento na idéia de determinismo impedia a liberdade, tal como denegria a vida e o espírito.

Contudo, o positivismo ainda estava muito próximo do seu auge como movimento organizado, sendo capaz inclusive de renovar a si próprio. Ou seja, o *Fin-de-Siècle* não representava nem um modelo de pensamento unificado, nem dominante, permanecendo incluído num mundo mais vasto, ainda potente, de perspectiva iluminista.

³⁰ BAUMER, ...p. 133-4.

Mas chegava, sem dúvida, o momento da filosofia “vingar-se” da ciência. Vários pensadores, fossem espiritualistas ou existencialistas, tais como Bergson e Nietzsche, começaram a questionar a finalidade da ciência. Para eles, o objetivo dela era “pensar a matéria e não compreender a vida”. Sua utilidade prática resumia-se em estender o conhecimento sobre as coisas. Contrapondo-se ao princípio mecanicista, ou apenas utilizando-o como uma ferramenta de pensamento, a filosofia passou, então, a ver a natureza como um “simples fluxo, uma continuidade que flui, um devir”.

Como se rompesse com a idéia da razão, ou da racionalidade do homem, o *Fin-de-Siècle* partiu em busca do inconsciente, de um mundo subjetivo, das profundezas ocultas da psique humana. Este movimento desdobrou-se em várias tendências filosóficas, científicas, sociais, artística e literárias tais como nos simbolistas e expressionistas, na psicologia freudiana, no existencialismo de Nietzsche, no relativismo filosófico em Dilthey, na antropologia física de Le Bon, entre tantos outros. *Esta exploração para além da fachada racional resultou, entretanto, de forma nenhuma numa exaltação da dignidade humana, deixando o homem racional a oscilar no seu pedestal.*³¹

O tema das multidões aliado à melancolia e ao mal-estar do progresso traduziam uma visão de desencantamento pela vida e pelo mundo. A realidade passava a ser percebida como decadente, e os valores tidos como absolutos e verdadeiros pareciam arruinados e em declínio. O ceticismo tomou a tônica do discurso da maioria dos intelectuais.

Por outro lado, como a noite e o dia, o pessimismo e o otimismo, a tradição e a vanguarda, as expressões *Fin-de-Siècle* e *Belle Époque* estão intimamente relacionadas,

³¹ Ibid., p. 141.

como se uma deslizesse para dentro da outra, formando uma nova realidade, uma espécie de “terceiro incluído”.

Com uma representação sobretudo na literatura européia, a *Belle Époque* constituiu um período que se estendeu de 1885, da morte de Víctor Hugo, a 1915, melhor dizendo, ao início da Primeira Guerra Mundial. Na França, marcou os tratados de paz em torno de 1900, muita prosperidade e também uma vida de frivolidade, de refinamento e de hipocrisia, com muito luxo e com a dissolução dos costumes, das manifestações feministas, das barbas republicanas e com artistas pensadores presentindo que a sua geração anunciaria, ao mesmo tempo, o fim e o começo do mundo.

Advinda do realismo-naturalismo e temperada pelas inquietações intelectuais do momento, a *Belle Époque* tal como o *Fin-de-Siècle* devem ser vistos como signos da fragmentação do pensamento estético e da agitação dos novos escritores em face das transformações científicas que atingiram quase toda a Europa por volta de 1900. Essa proliferação de termos aponta para uma nova ideologia da modernidade, incorporada à experiência iluminista do século XVIII e ao subjetivismo idealista dos românticos, articulando-se, por isso mesmo, em três direções: na do novo, na do velho (da tradição) e na do novo e do velho simultaneamente: duas atitudes radicais e uma conciliatória.

No entanto, como nenhuma dessas direções podia fixar exatamente o seu objetivo teórico ou estético, girando cada uma em busca do mais estranho e original ou do mais adequado à tradição, houve um aparecimento descontrolado de *-ismos*, cada qual tentando garantir sua autonomia numa época de transição caracterizada pelas incertezas.

1.2 AS IDÉIAS NO LADO DE CÁ

A década de 70 do século XIX representou um marco para a história dos idéias no Brasil. Com a entrada de todo um novo ideário positivo-evolucionista, os modelos raciais de análise passaram a desempenhar um importante papel no pensamento intelectual nacional.³²

Enquanto esse território se transformara no paraíso dos naturalistas, a questão étnica por sua vez tornou-se central no Brasil, em termos de implantação do liberalismo e do trabalho assalariado. O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando os ideais liberais, ao refrear sua tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias. Neste *paradoxo interessante, liberalismo e racismo corporificaram, nesse momento, dois grandes modelos teóricos explicativos de sucesso local equivalente e no entanto contraditório: o primeiro fundava-se no indivíduo e em sua responsabilidade pessoal; o segundo retirava a atenção do sujeito para centrá-la na atuação do grupo entendido enquanto resultado de uma estrutura biológica singular.*³³

Contudo, foi nesse contexto, em que eram diversas as decorrências teóricas de diferentes modelos, de enfraquecimento e término da escravidão, de um novo projeto político para o país, e sobretudo de necessidade de estabelecer critérios diferenciados de cidadania, que uma ciência positivista e determinista foi utilizada para pensar e trilhar o destino do Brasil.

Por outro lado, a adoção dessas teorias não podia ser tão imediata nesse contexto.

³² Ver: VENTURA...; SCHWARCZ,....

³³ SCHWARCZ, ...p. 17.

É necessário pensar primeiro nestas teorias dos cientistas da época enquanto resultado de um momento específico, assim como entendê-las em seu momento de elaboração, destacando-se os usos que essas idéias alcançaram no âmbito nacional. Numa situação oposta, pode-se *cair em certo reducionismo, deixando de lado a atuação de intelectuais reconhecidos na época, e mesmo desconhecer a importância de um momento em que a correlação entre produção científica e movimento social aparece de forma bastante evidenciada.*³⁴

Esses intelectuais da época que se caracterizavam por um misto de cientistas e políticos, pesquisadores e literatos, acadêmicos e missionários fizeram de fato um uso inusitado da literatura européia.

Paralelamente a uma diversificação entre as várias instituições científicas que se estabeleciam em torno dos novos centros econômicos do país, ocorreu uma fragmentação dos campos de conhecimento em áreas acadêmicas distintas, implicando uma diversificação no âmbito de atuação das elites intelectuais nacionais. Embora estes conformassem um perfil bastante homogêneo em termos de formação e carreira, ou seja, uma formação normalmente obtida em Coimbra e uma carreira burocrática, a partir desse momento passaram a exercer cargos profissionais diretamente vinculados às diversas instituições.

Compondo esse panorama diversificado, de muitos estabelecimentos proliferavam novas idéias, como no caso das faculdades de direito de São Paulo, aliadas aos modelos liberais de análise, e do Recife, sob a orientação social-darwinista de Haeckel e Spencer, ambas preocupadas com a elaboração de um código nacional; e também dos institutos médicos e históricos empenhados em sanar e contar o Brasil, ou seja, em higienizar e

³⁴ Ibid., p. 17.

controlar o cotidiano da população, assim como produzir uma história, um passado que fosse a representação de uma experiência histórica nacional.

A consolidação dos grupos intelectuais distintos já era, entretanto, visível durante o Segundo Reinado. A sociedade brasileira passava por um acelerado processo de mudança. O movimento migratório rumo às cidades e a urbanização eram realidades, assim como o delineamento de elites político-financeiras com interesses bastante variados.

Mas, foi após o fim da Guerra do Paraguai em 1870 que, apesar de um certo desenvolvimento econômico garantido pela alta aceitação do café brasileiro no mercado mundial, as contradições do sistema se aguçaram, ao embalo da campanha republicana. Mais que a construção de um novo regime político, estava em jogo a conservação de uma hierarquia social arraigada, em que elites de proprietários rurais opunham-se a uma grande massa de escravos e uma pequena classe média urbana.³⁵

Além do problema da desmontagem do sistema escravocrata, outras questões estratégicas apareciam nesta ebulição social em que tudo continha ares de novidade: os modelos políticos, o ataque à religião, o regime de trabalho, a literatura, as teorias científicas. Com efeito, todo o debate que se travou a partir dos anos 70 tinha como origem de referência as discussões sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial.³⁶

1.2.1 Em busca de uma história oficial

Com a tarefa de *construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar*

³⁵ Ibid., p.26-7.

³⁶ Ver: VENTURA,...

mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos foi criado, em 1839, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.³⁷

Verificar a nação significava a construção de um passado que se pretendia singular, visando à consolidação do Estado nacional e à preservação da sua unidade política e territorial. Neste contexto do processo da consolidação, claramente narrado pelos interesses das elites econômicas e sociais que participavam dos diversos institutos e pelas disputas regionais, tomou força um programa de sistematização de uma história oficial.

Os institutos (tanto o Brasileiro, como outros que surgiram em nível estadual) eram financiados pelo imperador ou pelos próprios sócios, sendo assim a sua produção caracteristicamente de cunho oficial. Para se fazer parte desses institutos, por exemplo, nem sempre era levada em conta a produção intelectual do candidato; por sinal, a condição social era geralmente o fator determinante no momento de seleção. Cumprindo diferentes papéis, a associação a tais institutos significava para alguns um local de projeção intelectual, para outros, um espaço de promoção social. O instituto tinha, assim, como função a consagração da elite local e de uma história basicamente regional e oficial.

De fato, *fazer história da pátria naquele momento, era antes de tudo um exercício de exaltação*,³⁸ fosse reproduzindo o que se fazia na Europa ou exprimindo uma realidade específica local.

Enquanto tipo de história que se pretendia escrever no Brasil, o Instituto expressava sua posição no debate que se travava em outros círculos intelectuais da época, tendo como modelo uma história católica, patriótica, paralela a um discurso evolucionista

³⁷ SCHWARCZ, ...p. 99.

³⁸ *Ibid.*, p. 104.

e muito vinculado à política oficial.

Tal efeito tem sua melhor exemplificação a partir da análise do concurso promovido pelo IHGB em 1844, que premiaria o melhor projeto sobre “Como escrever a história do Brasil”. O projeto vencedor, do naturalista alemão (ou bávaro) Carl Friedrich Philip von Martius, também sócio correspondente do Instituto, ao gerar o mito da democracia racial, estabeleceu as linhas de um projeto historiográfico, capaz de garantir uma identidade específica à nação em processo de construção.

O modelo apresentado por Martius *toma a idéia de uma história nacional fundada na identificação dos elementos que sustentam o desenvolvimento do homem. Trata-se do singular encontro das raças, cada uma com características absolutamente distintas proporcionando o desenvolvimento da nação. Com isso, Martius lança um primeiro desrecale da nacionalidade brasileira. Na ausência da pureza, destaca as qualidades da mistura.*³⁹ Assim, ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original, ajudando-o a subir os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação.⁴⁰

A nação se construiria, portanto, segundo a historiografia proposta, *no movimento ambíguo entre a identidade e a diferença, entre a reprodução da experiência européia e a sua relativa diferenciação nos trópicos.*⁴¹

³⁹ PAZ, ...p. 234.

⁴⁰ SCHWARCZ, ...p. 112.

⁴¹ VENTURA,... p.43.

1.2.2 O tema da mestiçagem

No Brasil, os modelos deterministas raciais foram bastante populares. No entanto, aqui se fez um uso inusitado da teoria original, à medida que a interpretação social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogenista. O modelo racial servia para explicar as diferenças e hierarquias, mas, feitos certos rearranjos teóricos, não impediria pensar na viabilidade de uma nação mestiça.⁴²

As “outras” culturas não foram – e não são – entendidas, no Brasil, como externas à nação mas como parte integrante, fazendo com que a etnologia e o naturalismo tenham marcado a crítica literária e a história social a partir de 1870, tanto como *por formas reatualizadas de história natural, que levaram à aspiração, à unidade do saber e à exclusão da especialização científica ou disciplinar*. Neste sentido, ressalta-se a *importância do ensaio literário, histórico e cultural, como forma de expressão dos letrados e bacharéis, que tornava possível uma concatenação eclética de teorias e conhecimento díspares apresentados como saber “universal”*. Sendo a história social e a crítica literária orientadas até 1930 pelas noções de raça e natureza, explica-se a grande recepção do positivismo, do evolucionismo e do racismo.⁴³

A mestiçagem passou a ser debatida e defendida por alguns “homens de letras” como uma solução plausível ao impasse. Isto frente ao desafio de projetar uma nação sob a idéia de unidade racial ou cultural rumo ao progressivo branqueamento, contemplando, assim, a dupla perspectiva de procurar dar conta das origens da nação e inseri-la, ao mesmo tempo, na tradição do progresso, herdada da ilustração.

⁴² SCHWARCZ, ...p. 65.

⁴³ VENTURA, ...p.41.

Sob os mais variados termos como exotismo cultural, estilo, tropicalização, obnubilação, miscegenação, nacionalismo crítico, sincretismo teórico, entre outros, o que na realidade estava na pauta do discurso da época era como promover a interação entre um componente eurocêntrico, enquanto incorporação da ideologia civilizatória, e as reivindicações de autonomia e originalidade do meio local.

A ideologia da mestiçagem, como fusão de raças e culturas de fato se tornou elemento recorrente na literatura, na historiografia e no ensaísmo brasileiros.⁴⁴ Mas, para além de um projeto de embranquecimento do povo, a mestiçagem já era uma realidade posta no âmbito nacional. Coube então aos intelectuais, fossem eles literatos, médicos ou juristas, pensarem formas de controlar ou conduzir este processo, assim como verificar as implicações físicas, morais e culturais que acarretariam sobre o futuro da civilização no Brasil. Mesmo neste aspecto, as conclusões eram amplamente diferenciadas, ora proclamavam-se previsões sombrias, ora apostava-se numa marca de identidade, ora acreditava-se na “recuperação” das raças inferiores.

O resultado desse debate, que se estendeu ao longo do século XIX e início do século XX, *não foi a formação de uma consciência coletiva, mas a emergência, nos setores letrados, de uma ambivalência psicossocial, em que a identidade cultural é percebida como problema. Ambivalência, esta, que revela a tensão entre a integração à civilização e a gênese da nação.*⁴⁵

Civilização e progresso foram, realmente, os grandes lemas do século XIX. No entanto, o século que começara cheio de otimismo e convicto de suas potencialidades de

⁴⁴ Ibid., p. 67.

⁴⁵ Ibid., p. 67-8.

reformatar o mundo à luz de suas idéias e descobertas assiste, no decorrer das décadas, ao desmantelamento das suas certezas.

O surgimento das grandes cidades e, conseqüentemente, de suas multidões marcou profundas transformações no cenário social e intelectual europeu. Já havia se rompido com valores tradicionais referentes à família, à religião, à política etc., em prol de uma nova mecânica social, de uma nova sociabilidade responsável pela promoção política do trabalho disciplinado e produtivo, de uma tecnologia de verdade. Mas, a experiência da modernidade revelou-se como uma experiência insólita à população.

Em vez de uma “maior felicidade”, viviam-se a melancolia e o mal-estar do progresso num final de século embalado por um pessimismo, pelo xenofobismo e por um naturalismo depressivo. Buscaram-se assim saídas para esse desequilíbrio. Em meio a uma movimentação de idéias, pôs-se a pensar “curas para doença” que se referiam, principalmente, à qualidade da vida e da civilização moderna. Contudo, aos poucos uma convicção firmava-se: o futuro não estava resguardado em algum lugar, ele, ao contrário, deveria ser construído. Chegava, então, a vez do devir.

O Brasil, a seu turno, cumpriria, no século XIX, o papel de paraíso dos viajantes naturalistas. Num primeiro momento, eles se colocaram em busca da fauna, flora e pujança da terra e num segundo, interessados na composição racial particular dos homens enquanto marca da singularidade local.

A miscigenação do país, saudada pelos cientistas estrangeiros como fenômeno desconhecido e recente, tornava-se neste momento um tema polêmico também entre as elites intelectuais brasileiras. Se, por um lado, *justificava teoricamente desde a construção de projetos políticos conservadores até a existência de hierarquias rígidas*, por outro a

atraso”.

O que se percebeu no Brasil, foi a emergência de dois debates contemporâneos, ou seja, o enraizamento de um modelo liberal jurídico na concepção do Estado e a retomada do debate sobre a questão da igualdade, porém tomando como base as conclusões deterministas raciais, a par do paralelo enfraquecimento de uma discussão sobre a cidadania.

No entanto, quando se fala da adoção de teorias raciais no Brasil deve-se pensar, particularmente, sobre um modelo que “incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava”. A questão implica pensar como a cópia se estabeleceu, e a própria circulação das idéias por contextos tão dispares.

Nos institutos, nos jornais, nos romances, era uma sociedade científica e moderna que o Brasil de final de século pretendia se auto-representar. Mas a ciência penetrava na intelectualidade brasileira primeiro como “moda” e só muito depois como prática e produção.⁴⁶

A moda científicista foi introduzida e se difundiu no país, com efeito, por meio da literatura e não da ciência mais diretamente; afinal, a passagem do século foi de fato uma época em que a mania nacional era “literatizar” tudo.⁴⁷

Neste sentido vale a pena considerar que o estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica preenche-se de significados muitos peculiares.

Como diz Sevcenko:

Se a literatura moderna é uma fronteira externa entre o discurso e prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos conflitos. Deve

⁴⁶ SCHWARCZ,... p. 30.

⁴⁷ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: Olympio, 1960, p. 104.

*traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real.*⁴⁸

Então, se por um lado temos a literatura possibilitando informações ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre possibilidades e planos que não se concretizaram e por outro, que o tema social, de fato, se apresentava como um argumento verdadeiro para se pensar um projeto de cunho nacional, o que e como teria, Nestor Vitor, pensado para o futuro do país? Mas, esta já é uma outra história ...

1.3 NAS ASAS DOS “NEFELIBATAS”

1.3.1 Um terreno para os simbolistas

Para uma compreensão maior da transformação cultural que propiciou o surgimento do simbolismo, precisa-se antes relevar os fenômenos que o suscitaram. Neste sentido, em relação aos meados do século XIX, dois aspectos devem ser considerados. Um, de caráter econômico, que assistiu à intensificação da Revolução Industrial e outro, cultural, cujos pressupostos científicos foram utilizados pelo homem na tentativa de explicar o real.

Com a produção em massa de mercadorias e com a crescente automatização, a Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, atingiu seu apogeu nesse momento. As indústrias passaram a exigir cada vez mais o serviço de mão-de-obra especializada, aumentando, consideravelmente, a população em torno das grandes metrópoles. Frente à

⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 20.

obsessão da velocidade e da competição, vivia-se, de fato, uma grande euforia. Como efeitos deste rápido progresso, verificou-se um substancial crescimento da produção de manufaturados, da economia de recursos, a diminuição das distâncias levada pela intensificação dos meios de locomoção e da multiplicação dos serviços de imprensa.

O desenvolvimento industrial e científico foi concomitante e, nunca como então, as descobertas da ciência haviam tido uma aplicação tão prática e imediata na indústria. Contudo, o binômio que engloba Revolução Industrial / Ciência é mais complexo do que parece, pois, também diz respeito à visão de mundo. Se, por um lado, o progresso industrial apresentou à Humanidade inegáveis benefícios materiais, por outro, procurou numa *Razão Triunfante* a explicação do Universo através da concepção científica e materialista das coisas. Assim, o Positivismo de Augusto Comte surgiu concebendo a sociologia como a forma máxima de conhecimento e defendendo a aproximação positiva do real. Na sua esteira, destacaram-se Taine, procurando explicar o mundo à luz de determinantes fixos (a raça, o meio, o momento histórico), Lamarck e Darwin, à luz das teorias evolucionistas. A razão era, para todos eles, a via para se compreender o mundo, ao passo que a metafísica era desprezada em nome do conhecimento experimental da realidade.

Os sucessos, entretanto, suscitados pela relação Revolução Industrial e Racionalismo acabaram por resultar numa séria crise. A Revolução Industrial, com efeito, economizou recursos com a automatização, mas, ao mesmo tempo, ao condicionar o operário às linhas de montagem, transformou-o na engrenagem de uma máquina. Ao introduzir a produção em série, isolando o homem dentro de uma especialidade, intensificou, também, a brutal separação das classes sociais. Se a velocidade da locomoção

em conseqüência de tais meios, o homem passou a ter uma imagem fragmentária do Universo.

As certezas positivistas viram-se abaladas com o surgimento de novas concepções filosóficas. Nelas o pólo do sujeito ocupava, então, o pólo do objeto, ou, ao menos, essas concepções desconsideravam os pressupostos experimentalistas que fundamentavam os métodos de abordagem do real. Em *O Mundo Como Vontade e Representação*,⁴⁹ Schopenhauer desprezou o conhecimento científico ao conceber, platonicamente, o mundo como *representação*, ilusão dos nossos sentidos. A *vontade*, por sua vez, seria a força irrefletida e cega que impele o homem. Sua frustração se caracterizaria, no entanto, pelo fato de que, uma vez realizado um desejo, outros sempre se apresentariam em seu lugar, prolongando-se, assim, as exigências ao infinito. O procedimento científico, neste sentido, seria inútil, pois estaria sempre aquém do seu objetivo. Entendendo a realidade como *ilusão*, mera *representação*, para Schopenhauer, o homem acabaria sofrendo ao tentar alcançá-la através do querer. A base ideológica da Revolução Industrial e do Cientificismo, ou seja, o esforço, a luta e a idéia de competição, foi também por ele desmistificada, ao mesmo tempo que introduziu o pessimismo e o culto à Dor, os quais acabariam se transformando em temas básicos de um movimento simbolista.

Outros filósofos contestaram a viabilidade de se chegar à realidade imediata, mas foi com Bergson, ao desvalorizar a inteligência em prol da intuição, que a minimização dos métodos científicos atingiu o seu auge. Para Bergson, a intuição apreende o objeto num todo, dentro do fluxo dinâmico da existência, enquanto a inteligência retira do objeto sua vitalidade ao atraí-lo para si e ao tentar enquadrá-lo dentro de categorias concebidas a

⁴⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Representação*. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 32.

priori. Através da intuição, segundo ele, as pessoas podem ser introduzidas no domínio próprio da vida, que é interpenetração recíproca, criação infinitamente continuada.⁵⁰ A inteligência, por sua vez, limita-se a pensar o ser e as coisas através de medidas e convenções arbitrárias, exteriores a eles.

A Razão e o progresso industrial levaram o homem a acreditar que ele teria acesso aos segredos do Universo. Quando suas expectativas não se realizavam e, ainda, ao encontrar-se sozinho num mundo onde as forças que o regiam lhe eram inatingíveis, seus referenciais se desviavam para a descrença e o desalento. As dúvidas quanto à eficácia dos métodos científicos para desvendar o real, aliadas aos malefícios advindos da Revolução Industrial, acabaram por instaurar uma crise que já estava patente.

O artista da época, por seu turno, ao desprezar o querer, a vontade, ao adotar um procedimento passivo e indiferente frente à vida, reagia contra o espírito de conquista burguês, ao passo que assumia toda a crise em sua extensão.

Também conhecido como decadente, o artista do fim-do-século buscou na fuga do real, caracterizada pelas torres de marfim e pelo hermetismo de certas obras, introduzir uma atitude fundamentalmente artificial frente à existência. Assim, como sugere Andrade Muricy:

*Naquele crepúsculo do 'século das luzes', que foi positivista, cientista fanático, adorador totêmico das próprias invenções e descobertas, naturalista e ideólogo, descendente de Jean-Jacques Rousseau e Darwin, acenderam-se luzes outras, de cores delicadas, raras, luzes de espiritualidade e misticismo.*⁵¹

Duas tendências diretamente relacionadas entre si surgiam em meio aquele certo *mal-estar de cultura*. Uma, de cunho existencial, que se notabilizou mais por constituir um

⁵⁰ BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.149

⁵¹ MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Vol. I. São Paulo: Perspetiva, 1987, p.28.

estado de espírito frente ao mundo, o Decadentismo e outra, especificamente literária, o Simbolismo, que, *pelo contrário, configura-se como um movimento em que não faltaram teóricos e em que os difusos princípios do Decadentismo tomam corpo, sob a forma, entre outras coisas, de atitude passiva frente à vida e da entrega do poeta ao culto do exótico, da linguagem pura, como fuga do mundo destituído de sentido.*⁵² Ou, sob outra perspectiva então, para um mundo onde os sentidos devessem ser muito mais aguçados.

1.3.2 A vez dos esotéricos

Enquanto um movimento híbrido caracterizado pela dispersão de suas tantas manifestações, torna-se tarefa muito complexa tentar chegar a uma definição esclarecedora do simbolismo e suas ambigüidades. Por outro lado, notabilizando-se dentro da teoria literária como seu marco original, o simbolismo nasceu na França na última parte do século XIX e alcançou seu maior grau de atividade polêmica na década situada entre 1885 e 1895.

Para Balakian, muito do que ficou sendo conhecido como simbolismo é, na verdade, uma *mutação do original*, ou seja, uma tradução ou interpretação do simbolismo que se desenvolveu na França, enquanto a estas outras manifestações, seu *grau de originalidade e desvio só pode ser entendido com relação a toda textura do original e suas intenções.*⁵³ E, seguindo ainda nesta linha de raciocínio, a autora considera que:

O simbolismo não foi francês; aconteceu em Paris. O simbolismo foi um movimento 'parisiense' (para distingui-lo do 'francês'); parisiense por seu aspecto cosmopolita, que preparou um determinado clima internacional propício aos subseqüentes grupos de vanguarda: cubismo, futurismo, dadaísmo e surrealismo. Com o simbolismo, a arte deixou realmente de ser racional e assumiu as premissas da cultura ocidental. Sua preocupação maior era o

⁵² GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 13.

⁵³ BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 15.

*problema não-temporal, não-sectário, não-geográfico entre a mortalidade humana com o poder de sobrevivência, através da preservação das sensibilidades humanas nas formas artísticas.*⁵⁴

Assim, em prol de uma atitude mais esotérica da arte, assistiam-se aos poetas da Paris da década de 1890 desvelarem-se, pelo menos temporariamente, de sua identidade nacional (comportamento este, pode-se salientar, inverso ao dos românticos que os precederam). Da mesma forma, não apenas rejeitavam a sociedade como procuravam comunicar-se somente com seus pares, movendo-se em círculos cada vez mais fechados.

As diferentes formações culturais foram neutralizadas em Paris o que propiciou o surgimento ali de uma filosofia da arte que, embora estivesse sujeita às variações individuais, era aceita por todos. Não obstante esse tenha sido o berço, Paris não foi certamente a única casa do simbolismo. A sua consagração como movimento literário universal não tardou a acontecer, marcando, assim, o aparecimento de um novo estilo na escrita poética.

Ao atravessar barreiras nacionais, lingüísticas e geográficas, o simbolismo provou ser um movimento bem mais poderoso e instigante do que uma mera *tendência artificial, afetada, postiça* como dele tanto se disse. Se o nome, ou o *rótulo*, sobreviveu, enquanto muitos que fizeram uso dele caíram no esquecimento, significa que aquele deve conter em si idéias pulsantes que se cristalizaram num determinado e específico momento da história e, por assim ser, pode contribuir para a compreensão e materialização, como sugere Cassirer, do espírito de uma época passada.⁵⁵

⁵⁴ Ibid., p.15.

⁵⁵ CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 289.

1.3.3 Uma nova estética literária

A capacidade sugestiva, a musicalidade de expressão, o hermetismo e o idealismo de origem platônica poderiam, em síntese, representar os elementos que notabilizaram o simbolismo. Tais características, no entanto, não podem ser consideradas tão originais, pois já haviam sido antecipadas por alguns românticos e parnasianos. A inovação se dá na reflexão sobre elas. A temática das correspondências, por exemplo, que se tornou o núcleo da poesia simbolista, originou-se do místico sueco Emmanuel Swedenborg para quem:

(...) todas as coisas que existem na natureza, desde o que há de menor ao que há de maior são correspondências. A razão para que sejam correspondências reside no fato de o mundo natural, com tudo o que contém, existe e subsiste graças ao mundo espiritual, e ambos graças à Divindade.⁵⁶

Idéias como esta foram apreciadas tanto pelos românticos como entre os simbolistas. Para os primeiros, no entanto, devido a sua íntima relação com a concepção cristã de mundo, elas corroboravam, aos seus olhos, com seu desejo de abandonar a Terra para ascender a um paraíso, ao passo que os simbolistas, também espiritualistas, faziam do mundo a sua morada, o seu ideal, lugar da unidade do material e do espiritual e, neste sentido, viam nestas idéias a possibilidade de recuperar a unidade de um mundo artificialmente dividido.

O simbolista, ao desprezar o aparente, o visível, parte em busca do que se oculta, ou mais, da essência das coisas. A idéia de que os objetos do real tenham sentido em si não cabe na concepção de mundo para este poeta. Assumindo a premissa que os objetos são símbolos do mundo espiritual, cabe ao homem decifrá-los para conhecer o enigma do universo. “Correspondências”, portanto, constituem a relação entre o mundo material e o

⁵⁶ SWENDERBORG apud GOMES... p. 15.

espiritual. É também, o título de um dos mais significativos poemas de Baudelaire, autor, por sua vez, tido como uma fonte, um precursor do movimento simbolista e para quem o poeta deveria ser um *decifrador dos símbolos*, ou ainda, nas palavras de Rimbaud, um *vidente*.

No símbolo existe algo como uma *sobreposição de vários sentidos e, freqüentemente, uma profundidade misteriosa escondida por trás das aparências*,⁵⁷ que faz com que a literatura simbólica exija do seu leitor uma *leitura ativa*, ou ainda, criadora, pois, o leitor deve entregar-se num mergulho em busca dos seus sentidos secretos. O que procura o artista simbolista dessa forma é *sugerir, isto é, provocar no outro a emoção, o estado de alma que ele mesmo experimentou*.⁵⁸

Para tanto, é necessário o emprego de meios técnicos que o poeta deve possuir. Baudelaire, dessa maneira, lança mão da comunicação verbal indireta na poesia e é quem resume o processo poético do seguinte modo:

*(...)o estímulo afeta os sentidos, os sentidos afetam a mente; o resultado é a linguagem, produzida por uma vigilância super-racional da mente. O poema emerge como um todo sem que o poeta o tenha conscientemente formado.*⁵⁹

A comunicação, neste sentido, entre o poeta e o leitor se estabelece através de uma série de imagens que tanto têm o valor subjetivo quanto o objetivo. Ou seja, ao contrário dos ingredientes românticos, não se encontra num poema simbolista a exposição direta das emoções do poeta nem por meios qualitativos, adjetivos descritivos, nem a representação da emoção através de personificações alegóricas específicas.⁶⁰ Para os simbolistas, a

⁵⁷ PEYRE, Henri. *A literatura simbolista*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983, p.13.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 14.

⁵⁹ BALAKIAN,... p. 37.

⁶⁰ Para Balakian, ainda, *o símbolo, nos últimos dias do simbolismo, está constantemente ameaçado pelo demônio da alegoria; a última cai sobre o símbolo toda vez que ele pode ser identificado, seja através do emprego anterior seja pela clarificação do seu uso*. *Op.cit.*, p. 125.

existência objetiva é unilateral ao passo que seu significado subjetivo é multidimensional, portanto, mais que designativo, sugestivo. Tem-se, então, uma *poesia que se comunica por intermédio da imagem: assim como um rio se livra de seus detritos em um lago e sai dele bastante diferente, o conceito propulsor passa através do conjunto de metáforas e sai transfigurado. Deve ser decifrado se, por alguma razão, existe a necessidade de reduzi-lo ao significado prosaico.*⁶¹

No cerne da questão, encontra-se nos simbolistas a tentativa de recuperar aquilo que a civilização ocultou no instante em que instituiu a *fatal e definitiva* separação entre o homem e as coisas, quer dizer, a consciência primitiva. A partir desta consciência anterior ao *logos*, o homem poderia, então, lançar-se na aventura de decifrar os símbolos do Universo. As chamadas *sinestésias*, a fusão de diferentes sensações, constituíam, dessa maneira, uma possibilidade de se alcançar a linguagem original, em que a própria palavra, além da simples representação dos objetos, guarda em si um significado próprio.⁶² Com a utilização de imagens sinestésicas *o poeta deseja representar o instante da percepção de um objeto, de um movimento, sem a incômoda intervenção da inteligência, que tende a separar as sensações em blocos distintos.*⁶³

Os usos de uma linguagem que implicam um processo de transformação da realidade, não sendo esta uma tarefa simples, requerem certa habilidade por parte do poeta, tal como se pode verificar nas palavras de Benjamin sobre Baudelaire:

⁶¹ BALAKIAN, ...p. 36.

⁶² Neste sentido, poder-se-ia tentar uma aproximação com Benjamin quando defende que as idéias encontram-se na linguagem ou, *mais precisamente: na dimensão nomeadora da linguagem, em contraste com sua dimensão significativa e comunicativa. É a linguagem adamítica, que despertava as coisas, chamando-as por seu verdadeiro nome, e não a linguagem profana, posterior ao pecado original, que se degrada num mero sistema de signos, e serve apenas para a comunicação.* VER: Walter Benjamin. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁶³ GOMES, ... p. 17.

*O incógnito é a lei de sua poesia. Sua versificação é comparável à planta de uma grande cidade, na qual alguém pode movimentar-se despercebido, encoberto por quarteirões de casas, portais, cachoeiras e pátios. Nessa planta indicam-se às palavras seu lugar exato, como aos conspiradores antes da eclosão da revolta. Baudelaire conspira com a própria língua, calcula seus efeitos passo a passo.*⁶⁴

Baudelaire, com efeito, alterou a noção romântica de poeta. Ao converter a poesia numa atividade intelectual, algo a mais do que meramente emocional, o poeta, que até então era visto sob o estigma do bardo, passa a ocupar o papel de um visionário ou mesmo sábio. Mais do que transmitir ou comunicar o enigma da vida, o poeta deveria decifrá-lo. Este, pois, tornar-se-ia *o poder de dar realidade pessoal aos problemas universais e seus mistérios*.⁶⁵

Mesmo não sendo considerado um simbolista, segundo Balakian, Baudelaire forneceu alicerces ao simbolismo, ou seja, *suas contribuições podem ser explicadas concretamente quando os simbolistas põem em prática: (1) a noção de poeta, (2) o conceito de forma poética e (3) a cristalização do arquétipo simbolista*.⁶⁶ Ao tomar a condição humana como foco central da sua dimensão poética, Baudelaire legou aos simbolistas do fim-do-século um grande viés reflexivo a ser explorado.

Foi Mallarmé, no entanto, o poeta considerado o verdadeiro mentor intelectual do simbolismo, quem *representou o papel do padre secular e do mistificador verbal, representando assim vividamente os dois ramos da escala simbolista*.⁶⁷ Como pedra de toque para o movimento, a idéia fundamental de Mallarmé é *a de recuperar a poesia para a poesia, ou ainda recuperar nela a essência do poético, perdida quando, ao longo do*

⁶⁴ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas; v. 3), p. 95.

⁶⁵ BALAKIAN, ...p. 41.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 41.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 15.

*tempo, os poetas fizeram da poesia meio para os mais diversos fins.*⁶⁸

A poesia, para Mallarmé, deveria, desde o início, ter um caráter enigmático, misterioso, cabendo ao poeta a tarefa de não revelar o segredo que paira sobre a sua atmosfera, pois desta forma deixaria de ser um segredo, mas sugeri-lo dentro de uma obscuridade intensionada. Aquilo que ele insistia em sugerir não era nem claro, nem simples, a ponto de ser suscetível de uma única interpretação. Por vezes, não podia sequer ser interpretado.⁶⁹ Era uma forma, também, de Mallarmé realizar uma arte, tanto preconizada, que erguesse barreiras entre si e a *multidão desvairada*. Embora o homem devesse ser um democrata, como dizia, o artista, este deveria manter-se um aristocrata.

Do mesmo modo que se recusavam a reproduzir os objetos, os simbolistas buscaram na música o desejo de alcançar o máximo da sugestão da palavra. Sendo a música uma forma não objetiva de pensamento, ela encanta aos ouvidos não por ditar conceitos e visões, mas pela capacidade de abstração, de sugestibilidade que envolve em seus ouvintes. Mallarmé foi um dos primeiros a ensinar a críticos e professores que o sentido do poema não pode ser separado dos sons, dos ritmos, das palavras.⁷⁰ Na verdade, tanto Baudelaire quanto Verlaine e Mallarmé conceberam de formas diferenciadas este *malgrado cerne comum* da relação poesia/música.⁷¹

⁶⁸ Ibid., p. 15.

⁶⁹ PEYRE, ... p. 37.

⁷⁰ Ibid., p. 37.

⁷¹ Para o autor de *Flores do Mal*, sinestesticamente, a sonoridade da palavra, ou das palavras, deveria poder reportar a imagens visuais e até mesmo a sensações, ou seja, as palavras deveriam conseguir evocar sentimentos como as notas musicais. Verlaine, por seu turno, concebia a música em poesia do modo direto, literal. Isto é, do seu ponto de vista, o conjunto de palavras, através do auxílio das aliterações, do eco etc., deveria reproduzir a sonoridade de determinado instrumento musical, para instituir a melodia, sem recorrer, no entanto, a nenhuma objetividade específica, exterior ao sentimento ou ao estado de espírito (GOMES, 1985, p.20). Já Mallarmé, pensava no problema de estrutura ao conceber a relação poesia/música, daí sua inovação caracterizada, sobretudo, em dois aspectos. Primeiro, *ao imaginar o poema como verdadeira sinfonia, com tema, variações e com a engenhosa utilização do espaço em branco (...), foi capaz de suprir a imaginação do leitor com a metáfora da melodia que se perde para depois ser recuperada, superando,*

[Continua...]

Uma preocupação fundamental com a linguagem, no entanto, que além de captar o misterioso e o essencial visava também ao inefável, caracterizou a obra desses poetas. No momento em que romperam com um modo explícito e direto de dizer as coisas, promoveram uma verdadeira reformulação da linguagem poética. Mallarmé, neste sentido, pronunciava sua profunda admiração por Poe e sua capacidade de conceber *matematicamente* o texto e minimizar o papel da inspiração, sugerindo, entre outras coisas, *que o poeta era dono quase absoluto de seu métier*. Mallarmé, ainda, pode ser considerado o ponto mais radical a que chegou o simbolismo no desejo de controlar o fazer poético. Na vertente de se criar a *poesia pura*, o racionalismo de Mallarmé levou-o a conceber o vazio absoluto como o mundo ideal.⁷²

Ao mesmo tempo que os simbolistas voltaram-se para dentro do ego, lançaram-se, também, numa viagem de imprevisíveis conseqüências, no rasto dos mais profundos extratos da alma. Em busca do *eu profundo*, acabaram ultrapassando o nível da consciência e da razoabilidade e imergindo nas esferas inconscientes. Quanto mais insistiam neste percurso, mais atingiam as camadas anteriores à fala e à lógica:

(...) invadiam os devãos do universo íntimo de cada um, onde reinam o caos e anarquia, vivências fluidas, pré-lógicas, inefáveis. Descobri-las ou surpreendê-las como o boiar sobre as águas dum rio recôndito, examina-las e 'sentí-las',- eis a suprema quimera.⁷³

assim, o impasse do fragmentário que a dicção clássica impunha. Segundo, ao conceber as palavras como notas musicais, deu-lhes maior liberdade sintática, possibilitando relações estranhas entre os termos, que justifica sua aproximação não por laços racionais, mas por íntima orquestração, que instala a ruptura no discurso (GOMES, 1985, p.21). Mallarmé buscava, dessa maneira, uma interação com a imaginação do leitor que deveria, por sua vez, preencher o silêncio sugerido, ou ainda, operar uma leitura ativa e ir ao encontro do escritor a meio caminho, envolto em uma *atmosfera mágica e ritualística do texto*

⁷² O *Nada*, assim, emblematiza o vazio quando os poemas *esvaziam-se* de conteúdo, tendo em vista que as palavras que atuam internamente no texto pouco, ou quase nada, trazem da sua relação com o mundo exterior. O símbolo, assim, atua apenas na realidade existente no corpo do poema sem referência direta às coisas ou a tradução superficial dos estados da alma. O *uso perfeito* do símbolo, somente, seria o elemento capaz de expressar a íntima unidade entre o homem e as coisas e também o que evitaria

⁷³ MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 9.

Por outro lado, para *representar* estes *achados insólitos, desconhecidos ou inexpressivos* da psique sem correr o risco de esvaziá-los ou destruí-los foi preciso *inventar uma nova linguagem, fundada numa gramática psicológica e num léxico equivalente, pelo recurso a neologismos, inesperadas combinações vocabulares, emprego de arcaísmos e expedientes gráficos de vária ordem (maiúsculas, cores na impressão de poemas ou partes de livros, y em lugar do i, etc.).*⁷⁴ Uma linguagem, por sua vez, que sugerisse e estabelecesse relações múltiplas entre a palavra e o objeto, que insinuasse a polivalência do *eu* sem comprometê-lo, pressupunha uma transformação radical no âmbito da metáfora assim como uma metamorfose do discurso literário.

Em matéria de técnica, a liberação do verso foi a grande inovação do simbolismo. O verso adquiria maior flexibilidade, maior variedade, não mais estando submetido à rima e à regularidade do alexandrino. A agitação produzida em torno desta inovação na época simbolista, que afirmava as possibilidades deste verso, livre de enumeração silábica e repousado nas medidas rítmicas, pode parecer hoje ter sido muito para pouca coisa. O que interessa reter, no entanto, foi o alargamento de perspectivas sobre a poesia que o simbolismo promoveu. O mais verdadeiro mérito do simbolismo, segundo Peyre,

(...) é ter feito soprar sobre a literatura prisioneira do real, da descrição do presente ou da pesada evocação arqueológica do passado, um grande vento de liberdade. É também ter proclamado o culto da poesia e ter saudado nela um meio de conhecimento paralelo e aliás superior ao conhecimento racional.⁷⁵

A originalidade desse período de lides simbolistas passa também pela constituição e a proliferação dos *opúsculos*, das *panelinhas* e teorias que deixaram àqueles que nelas participaram a recordação de um fervor no culto da poesia e da beleza do qual

⁷⁴ Ibid., p. 9.

⁷⁵ PEYRE, ... p. 58.

conservaram a nostalgia.⁷⁶

A partir do adensamento de uma verdadeira atmosfera específica ao redor e por intermédio de seus grandes mestres, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud⁷⁷, Mallarmé, na busca de atingir a consciência de sua arte, verifica-se a evidência do caráter internacional e da larga extensão do movimento simbolista no mundo. Neste sentido, ainda na França, constata-se a expressividade simbolista na prosa de J.-K. Huysmans e Villiers de L'Isle Adam. Na Bélgica, destacaram-se figuras como Rodenbach, Verhaeren e Maeterlinck. Ivanov, Biély e Alexander Blok foram os mais importantes poetas do simbolismo russo. Na Itália, D'Annunzio inicia o movimento simbolista por volta de 1889 com o romance poético *Il Piacere*. Na Espanha, Unamuno e Valle Inclán mas, sobretudo, Antônio Machado seguiriam na esteira dos decadentistas franceses. Em Portugal, a poesia simbolista se caracterizou nas obras de Eugênio de Castro, Camilo Pessanha e Antônio Nobre e na prosa através de Antônio Patrício e Raul Brandão.

Embora na Inglaterra e na Alemanha o simbolismo tenha sido antecipado por um Romantismo *sui-generis*, pode-se notabilizar a representatividade de Oscar Wilde no simbolismo inglês e de Stefan George e Rilke na poética alemã. Algumas características tipicamente simbolistas se apresentam nas obras de românticos tardios como Emerson, Hawthorne e Melville quando se trata da América de língua inglesa. Já na América espanhola, Rubén Darío foi o introdutor da corrente simbolista.

⁷⁶ Ibid., p. 59-60.

⁷⁷ Balakian (1985, p. 49) considera que Rimbaud não pode ser enquadrado dentro dos moldes simbolistas propriamente ditos. Para ela, *o nome de Rimbaud pertence à fileira simbolista apenas por associação pessoal. Poder-se-ia dizer que ele é um membro da família simbolista como um 'parente por afinidade', através de seu relacionamento pessoal com Verlaine.*

1.3.4 O simbolismo no Brasil

Através de *Broquéis* (1893), Cruz e Sousa introduziu o simbolismo no círculo literário brasileiro. Sua obra, que a princípio expressava sistematicamente os termos do ideário simbolista, *adquire mais tarde tom bastante pessoal, através da manifestação da dor e do sensualismo mórbido*. Na obra de Alphonsus de Guimaraens caracterizou-se o *culto do vago, do místico, numa atmosfera quase sempre medieval*. O simbolismo no Brasil verifica-se ainda, entre outros, com a produção de Augusto dos Anjos e seu *panteísmo evolucionista* e em Pedro Kilkirry, cuja obra está impregnada *pelo hermetismo e pela intensa renovação da linguagem*.⁷⁸

O simbolismo no Brasil, tal como o movimento em sua totalidade, ainda repousa sobre uma vaga que mescla um elevado número de conceitos, concepções, considerações, classificações etc., na tentativa de dar àquele momento literário do final do século uma identidade própria.

Mal compreendido pelos principais críticos da época, como Romero e Veríssimo, desconhecido também de grande parte dos modernistas, somente muito tempo depois tomou-se consciência do elevado número de literatos que o simbolismo agrupara. Quantidade esta, por sua vez, que não encontrou correspondência qualitativa, segundo Brito Broca. Para ele, a importância do simbolismo verificou-se mais no terreno da vida literária do que da literatura, uma vez que criou hábitos, costumes, modas que produziram uma sensível modificação na paisagem do chamado mundo das letras.⁷⁹

Para alguns críticos, como Moisés, o nosso movimento simbolista não constituiu

⁷⁸ GOMES, ... p. 27.

⁷⁹ BROCA, ... p. 126.

época literária autônoma, pois misturou-se ao parnasianismo.⁸⁰ Para Bosi, como técnica o simbolismo foi o sucedâneo fatal do parnasianismo, mas como atitude passava muitas vezes do Parnaso ao Simbolismo e outras tantas voltava ao ponto de partida. O divisor de águas, segundo Bosi, foi a passagem da tônica, *no nível das intenções*: do objeto, nos parnasianos, para o sujeito, nos decadentes, com toda a seqüela de antíteses verbais: matéria-espírito; real-ideal; sagrado-profano; racional-emotivo.⁸¹

De fato, pouco se conhece sobre as relações que envolvem os poetas simbolistas e os poetas da geração precedente que se agrupou sob o pendão de Parnaso. Os parnasianos proclamavam *a velhice do mundo, a sua decadência total após os gregos e, em consequência, a necessidade de o poeta meditar no isolamento e não profanar a poesia pelo contato com a política ou a moral. Também, sua poesia não cultivou as magias da sugestão e apreciou as árduas incursões a épocas findas ou a países exóticos, ou até a contemplação de feras enjauladas.*⁸² Embora os simbolistas tivessem feito ressoar, ao seu tempo, algumas declarações parnasianas, a diferença reside, segundo Andrade Muricy, no fato de que:

*O Simbolismo foi um 'momento' assinalado 'pela predominância de certos estados de espírito e pela convergência de certas influências', resultado de um ambiente literário internacional e, portanto, na sua época, atual e legítimo em toda parte. O Parnasianismo vale pelo merecimento pessoal de alguns mestres, que nada inovaram. No terreno da Literatura Comparada, aparece desprovido de 'mística', estética e ideologia, enquanto o Simbolismo refletia e afirmava uma posição de espírito.*⁸³

No interior do movimento, os simbolistas combateram o parnasianismo tal como este havia combatido o romantismo com a diferença que, desta vez, imprimiam-lhe à

⁸⁰ MOISÉS, ... p.18.

⁸¹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, n.d., p.302.

⁸² PEYRE, ... p.19.

⁸³ MURICY, ... p.39.

ofensiva um caráter que já denunciava o das guerrilhas modernistas. Segundo Brito Broca, *era a luta não apenas no plano teórico das polêmicas em jornais e revistas, como também no plano prático das relações sociais, deslocando-se para as mesas de café e portas de livrarias. Por ali parnasianos e simbolistas trocavam epigramas venenosos e se mimoseavam reciprocamente com os rótulos de “imbecil”, “idiota”, e coisa que o valha.*⁸⁴

Uma vez que o simbolismo procurava, antes de tudo, reabilitar o culto da poesia e a alta condição do poeta no mundo, é compreensível o tensionamento das suas relações com os parnasianos, pois eram estes os pontos que os últimos banalizavam na sua reação aos românticos. A poesia, com o parnasianismo, por inúmeras vezes tomou rumos que não lhe eram próprios, tais como o da ciência, da ação social, da luta política. Os parnasianos, na luta pela vida, não se incomodavam em fazer, por exemplo, sonetos de encomenda desde que isso lhes trouxesse vantagens econômicas, quer dizer, não eram exatamente aptos ao sacrifício em nome da poesia.⁸⁵

Já os simbolistas, embora exercessem empregos públicos, desempenhassem funções no ensino, na magistratura etc., lutassem ao seu modo pela sobrevivência, respeitavam sobretudo a ressalva de não empregar nisso a condição de poeta. *Este permaneceria intangível na sua elevada categoria espiritual, acima de tôdas as pequenezas do mundo.*⁸⁶ Da mesma forma, muitos daqueles literatos arcaram com dificuldades econômicas por recusar-se a participar de competições no terreno da vida civil em nome da sua *aristocracia moral* e da sua *dignidade*.

⁸⁴ BROCA, ... p. 126.

⁸⁵ Ibid., p. 126.

⁸⁶ Ibid., p. 127.

Essa aristocracia que caracterizou o movimento simbolista impunha até certo ponto aos poetas uma ética a parte, diferente da dos outros mortais.⁸⁷ Desprezando e combatendo a vulgaridade com que os parnasianos tratavam a poesia ao admitir implicitamente que com trabalho, paciência e buril, qualquer pessoa poderia ser mais ou menos poeta, buscavam reconduzi-la, a poesia, ao terreno da iniciação. Dessa forma, em nome dessa iniciação, agrupavam-se em círculos fechados onde a admiração mútua se identificava com uma extrema amizade.

Outra questão que remete ao surgimento do movimento simbolista no Brasil, diz respeito à importação deste ideário por parte dos literatos nacionais. Muitos estudos no campo da história demonstram, por vezes, uma tendência de a intelectualidade brasileira se *apropriar* de discursos estrangeiros no sentido de se afirmar em dia com as ideologias e filosofias em voga no circuito europeu. Com relação ao simbolismo, é novamente Muricy quem parte em sua defesa ao afirmar que:

*(...) a aplicação dos métodos comparatistas demonstra que houve um fenômeno de vasos comunicantes, e não importação forçosa ou diletantismo. Não um colonialismo primário, porém comunhão sentimental e estética no Ocidente todo e de que o Brasil também participou.*⁸⁸

Segundo ele, a condição de atmosfera intelectual do próprio momento brasileiro propiciou a penetração e a difusão, sob as mais diferenciadas experiências, das idéias simbolistas.

Por outro lado, deve-se considerar que no Brasil, apesar do *ar geral de novidade* e das suas *conquistas*, o simbolismo *não exerceu a função relevante que o distinguiu na literatura européia, na qual o reconheceram por legítimo precursor o imaginário inglês,*

⁸⁷ Ibid., p. 128.

⁸⁸ MURICY, ... p. 40.

*o surrealismo francês, o expressionismo alemão, o hermetismo italiano, a poesia pura espanhola.*⁸⁹ Não conseguiu romper com os alicerces da literatura oficial, ainda profundamente arraigada dentro do longo período realista, acabando por caracterizar-se como um movimento que teve *algo de surto epidêmico*. Ainda para Bosi, *caso o tivesse feito, outro e mais precoce teria sido o nosso Modernismo, cujas tendências para o “primitivo” e o “inconsciente” se orientaram numa linha bastante próxima das ramificações irracionistas do Simbolismo europeu.*⁹⁰

O ambiente intelectual em que se formaram os simbolistas brasileiros já é bastante conhecido pela historiografia. Ditavam a tônica do discurso o positivismo, o evolucionismo, o spencerismo, o rousseanismo básico, o enciclopedismo,... A consciência filosófica, por sua vez, mantinha como pano de fundo o catolicismo tradicional, profundamente radicado na sensibilidade brasileira, o que não evitou, por outro lado, que quase todos os simbolistas tivessem se tornado anticlericais e maçons.

Os movimentos abolicionistas e de propaganda republicana, que embora estivessem impregnados daquele positivismo combinado ao cientifismo e ao naturalismo literário, marcaram a juventude desses simbolistas. Naquele momento participaram ativamente da vida social e dos interesses coletivos discutindo o destino do país, da raça, da sociedade, fundando clubes e jornais políticos, discursando em praça pública e escrevendo sobre temas polêmicos. Uma vez, porém, que a Abolição e a República se concretizaram, ficaram aqueles jovens *como que de mãos vazias*. E pior, segundo Muricy, no que concerne à República, desenganados. Ou seja, depois de superados os ideais visados *chegou uma fase*

⁸⁹ BOSI, ... p.302.

⁹⁰ Ibid., p. 303.

*morna de conformismo, de desilusão apática, apenas percorrida de vagas inquietações, de cor socialista e até anarquistas, e o encontro, afinal, do Super-Homem nietzschiano.*⁹¹

O simbolista de então buscou refúgio na poesia absoluta, pela qual subjetiva e sugestivamente deixava escoar nuances da sua reflexão sobre o mundo.

Embora Cruz e Sousa tenha sido o autor mais representativo do simbolismo brasileiro e sua obra principal (*Missal e Broquéis*) tenha sido editada apenas em 1893, já na década de setenta começavam a surgir aqui poemas, segundo Queluz,⁹² de cunho baudelariano em livros como: *Alciones* (1872), de Carlos Ferreira; *Opalas* (1884), de Fontoura Xavier; *Poesias* (1879), de Carvalho Júnior; *Fanfarras* (1880), de Teófilo Dias.

Na década de oitenta, o movimento tomou corpo em obras como: *Canções e Decadências* (1880), de Medeiros e Albuquerque, que, aliás, foi um dos primeiros a introduzir a literatura decadentista francesa entre os brasileiros; *Aristo* (1889), de Rodrigo Otávio e em obras de Bernardo Lopes, Emiliano Pernetá, Elísio Carvalho e Cruz e Sousa, autores estes que compunham a *Folha Popular*; além da produção do grupo de Fortaleza, a *Padaria Espiritual* (1892).

No Paraná, um dos centros mais importantes de difusão do simbolismo no Brasil, constituíram-se grupos em torno de efêmeras revistas tais como: *O Cenáculo*, *O Sapo*, *Turrís Eburnea*, *Pallium*. Seus colaboradores foram, além do mais original de todos os simbolistas paranaenses – Emiliano Davi Pernetá –, Silveira Neto, Dario Veloso⁹³ e, ainda,

⁹¹ MURICY, ... p. 42.

⁹² QUELUZ, Gilson Leandro. Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905). Dissertação de mestrado. UFPR, 1994, p. 75.

⁹³ Poeta de *Esotéricas* (1900), mestre em ocultismo pela Escola Superior de Ciências Herméticas de Paris, criada por Papus, e fundador do Instituto Neopitagórico de Curitiba onde iniciava os discípulos nas doutrinas cabalísticas então enfunadas na Europa pelos novos sopros do irracionalismo (BOSI, n.d., p. 137).

Jean Itiberê,⁹⁴ entre outros.⁹⁵

De outros estados brasileiros também surgiram contribuições importantes ao movimento simbolista, tais como: Eduardo Guimaraens do Rio Grande do Sul; os mineiros José Severino Resende, Arcângelus de Guimaraens, Álvaro Viana; Jacques d'Avray (Freitas Vale), Adolfo Araújo, Antônio de Godói, Batista Cepelos e Rodrigues de Abreu de São Paulo; da Bahia, além do grupo reunido em torno das revistas *Nova Cruzada* (1901-1911) e *Os Anais* (1911), destacou-se Pedro Kilkerry; do Norte, alguns poetas como Maranhão Sobrinho, Xavier de Carvalho, Henrique Castriciano, Da Costa e Silva, Flexa Ribeiro etc.

A revista *Fon-Fon!*, por sua vez, foi o último órgão propriamente simbolista que se editou no Rio de Janeiro. Teve à frente o poeta Mário Pederneiras e agrupou colaboradores de caráter intimista oriundos dos grupos regionais tais como Eduardo Guimaraens, Álvaro Moreira e Filipe d'Oliveira.

De fato, o simbolismo tendia a melhor se expressar, pela sua origem e natureza estética, através da poesia. Porém, não faltaram tentativas de inserção na literatura brasileira pelas várias sendas da prosa: o romance, o conto, a crônica, a prosa de arte e a crítica. Tais investidas, segundo Alfredo Bosi, fizeram-se *difusa e copiosamente, mas com precários resultados, à exceção, talvez, de Nestor Vitor, o maior crítico do Simbolismo.*⁹⁶

Três importantes críticos, Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior, produziram suas obras durante os anos de vigência simbolista no Brasil. Os dois primeiros,

⁹⁴ João Itiberê da Cunha, educado na Bélgica, conhecedor de Maeterlinck, autor de *Préludes* (Bruxelas, 1890) e precoce difusor do crepuscularismo belga.

⁹⁵ Euclides Bandeira, autor de *Ditirambus* (1901) e *Ouropéis* (1906); e outros de menor atuação como Santa Rita, Ricardo Lemos, Tiago Peixoto, Leite Jr, José Gelbcke, Ismael Martins, Aristides França, Adolfo Werneck e Cícero França.

⁹⁶ BOSI, ... p. 329.

no entanto, não comungaram com o movimento, defendendo, inclusive, idéias opostas ao simbolismo, enquanto Araripe Júnior, *embora de linhagem impressionista, deixou-se contaminar pelo cientificismo do tempo, assim comprometendo sua valiosa contribuição ao simbolismo.*⁹⁷ Muitos outros dedicaram-se neste ofício, tal como Gonzaga Duque, mas foi Nestor Vitor quem, além de identificado com o ideário simbolista, acabou se tornando seu crítico oficial.

O movimento simbolista, contudo, notabilizou-se por seu caráter francamente hermético que implicou inclusive uma certa inacessibilidade da lírica simbolista. Tal efeito pode ser entendido, por outro lado, quando se retoma o contexto sócio-econômico da época. Ao preconizar uma *poesia pura*; a busca do vazio e/ou do Nada; o controle das emoções; a impessoalidade etc., o poeta simbolista tentava evitar a mercantilização da sua obra num momento em que praticamente todas as coisas estavam submetidas às leis de oferta e procura.⁹⁸ Frente àquela acelerada circulação de mercadorias, pessoas e idéias, pode-se dizer com isto, no próprio afã da modernidade, o simbolista se retirou para a sua torre de marfim onde acreditava poder, assim, proteger a si e a sua criação das apropriações burguesas que ocorriam através do mercado.

O malogro do movimento simbolista, no entanto, foi inevitável e sensível em toda parte. Apesar do esforço desses homens em absterem-se de toda imposição do prestígio das realidades *positivistas*, não conseguiram afundar raízes nas correntes instáveis da cultura, sequer firmarem-se numa realidade histórica que, talvez, apenas, tivesse lhes garantido uma maior permanência no panorama literário.

⁹⁷ MOISÉS, ... p. 20-1.

⁹⁸ Ver Walter Benjamin. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Op, cit.

O simbolismo, mesmo assim, marcou, definitivamente, o terreno das artes ao posicionar-se, sobretudo, como um movimento estetizante. Ao se perguntar, então, como pode ocorrer o esvaziamento de uma corrente estética que descendia de gênios universais como Dostoievski e Nietzsche e de poetas da envergadura de Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, Alfredo Bosi arrisca sua opinião:

O irracionalismo literário não é capaz de substituir em força e universalidade as crenças tradicionais; nem o seu alheamento da ciência e da técnica vai ao encontro das necessidades das massas que ocuparam o cenário da História neste século e têm clamado por uma cultura que promova e interprete os bens advindos do progresso. Daí, os limites fatais da sua influência. No entanto, o irracionalismo dos decadentes valeu (e poderá ainda valer) como sintoma de algo mais importante que os seus mitemas: o incômodo hiato entre os sistemas pretensamente "racional" e "liberais" da sociedade contemporânea e a efetiva liberdade do homem que as estruturas sócio-econômicas vão lesando na própria essência, reduzindo-o a instrumento de mercado e congelando-o em papéis sociais cada vez mais oprimentes. Os Simbolistas – como depois as vanguardas surrealistas e expressionistas – tiveram esta função relevante: dizer do mal-estar profundo que tem enervado a civilização industrial; e o fato de terem oferecido remédios inúteis, quando não perigosos, porque secretados pela própria doença,, não deve servir de pretexto para tardias excomunhões.⁹⁹

É preciso acentuar, em tal sentido, que se o simbolismo não chegou a realizar a revolução que idealizara, tanto no campo das artes como na apreensão da vida social, ao menos serviu como um movimento semeador de novas idéias e sensações propiciando o surgimento da geração que inflamou a época do Modernismo. O importante a reiterar, neste sentido, é que foi a partir daqueles referenciais que Nestor Vitor fez a leitura do mundo em que viveu e da “condição humana” naquele momento. Pode-se dizer, com isso, que o simbolismo foi a lente a partir da qual ele focalizou a sua época.

⁹⁹ BOSI, ...p. 299.

CAPÍTULO 2

SOB O OLHAR PARTICULARIZADO DE UM INTELLECTUAL

Um homem, assim, no mundo das idéias vale por todo um país, já que representa a cristalização do mesmo em tal sentido.

(Nestor Vítor)

2.1 A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO INTELLECTUAL

A leitura dos textos de Nestor Vítor acaba por revelar, além do crítico sagaz já notabilizado, um pensador. Inserido no campo da literatura, não lhe fugiu à pena os referenciais que achava importante para formar a inteligência daquele que quisesse trilhar pelos caminhos do *mundo do pensamento*. Quase como quem propunha implicitamente uma metodologia, Nestor Vítor guarnecia seus escritos com idéias, formulações, *sugestões*, acerca do percurso do intelectual.

Sabia da dificuldade de se apresentar ao público como novo, ou ainda mais um escritor. Daí, parte da sua complacência com os novos, não lhes cobrando genial originalidade, embora bem soubesse identificá-la quando ocorria. Para ele, *quem é original é porque é, não porque procure ser.*¹⁰⁰ Aliás, costumava dizer que as obras de estréia são normalmente menos nossas do que dos *espíritos formados com que primeiro nos fomos encontrando pelo caminho*, ao passo que apenas com muito custo *podemos ir correspondendo por forma autêntica com o nosso próprio chamado*. Nestor Vítor

¹⁰⁰ NESTOR VÍTOR. *Os de Hoje*. Obra crítica... v. II. Op. cit., p. 354.

considerava ser de suma importância este referencial, este diálogo anterior com outros escritores, para que suas próximas obras trouxessem aquele *ar definitivo de heróis prisioneiros que rebentaram cadeias*.¹⁰¹

Não por menos, dizia:

*Usais de um pensamento já pensado que se vos deparou pelo caminho e a que destes um acolhimento tão profundamente cordial que vós e ele acabais um dia, ambos, por vos esquecer de sua origem forasteira ? Não importa; no fundo esse esquecimento é sábio. Estas aderências espontâneas, a que depois se seguem outros fenômenos próprios da legítima assimilação, são sujeitos à lei iniludível das simpatias e das correspondências, das afeições e das afinidades espirituais. O maior poeta, como o maior pensador deste mundo, são incapazes de vos fazer doação, propriamente, de uma idéia ou de um sentimento qualquer. É preciso que o que eles vos dizem já viva em vós muito antes disso, sob uma forma latente, no estado de limo capaz de se tornar animado para que vos impressione, vos abale, produza em vós o deslumbramento de um súbito clarão e se revista de todos os ilusionismos próprios a vos fazer crer no fenômeno interior de uma revelação.*¹⁰²

Embora marcadamente de cunho simbolista, essas suas palavras revelam uma forma de pensar a relação que se estabelece entre obra e leitor. Assim, a receptividade que cada pessoa guarda em correspondência a uma dada leitura é particular. Depende de suas experiências e mesmo da sua essência, do cerne que forma a sua individualidade.

Por outro lado, essa mesma relação que pode vislumbrar novas idéias, sentimentos e sensações aos olhos do leitor, denuncia-lhe também quem está por detrás da pena, pois para Nestor Vitor *muitas vezes um homem escrevendo é mais ele do que visto e até mesmo falando*.¹⁰³ Esta idéia pode levar a uma menção ao espírito positivista da época e ao seu apego às escrituras, porém mais possivelmente remete apenas ao valor incondicional que ele estabelecia com a *arte de escrever*.

Nesse sentido, Nestor Vitor remete-se ainda a uma outra questão que engloba uma

¹⁰¹ Idem. Introdução à *A Sabedoria e o destino*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. In: *Obra crítica...* v. II. Op, cit., p. 4.

¹⁰² Ibid., p. 4.

¹⁰³ Idem. *Correio Paulistano*, 22-5-1904.

visão mais geral na análise de obras literárias. Para ele, não há produções isoladas propriamente ditas. Todas representam o desdobramento de uma determinada individualidade; prendem-se por conseguinte entre si, são mútuas complementações umas das outras, representando apenas uma irradiação a mais. Para que a obra se integre e ganhe um definitivo aspecto, é necessário que seja feita sua filiação ao conjunto já estabelecido.

O nome do autor constitui, dessa forma, um ponto de referência indispensável para os juízos humanos, pois torna-se símbolo correspondente à impressão que no seu conjunto as obras nos deram.

É assim que se explica a incansável busca da verdadeira paternidade e o devido valor de determinadas obras de arte. É assim que se justifica também a real dificuldade que oferece, não raramente, o julgamento de um livro de estréia, uma vez que quem o fez ainda não reúne uma experiência literária capaz de ilustrar a visão do crítico e evitar inclusive o embaraço de uma avaliação positiva de uma obra, porventura, detratada pelos contemporâneos. Para Nestor Vitor, tais considerações implicavam, por um lado, a fraqueza do juízo humano e, por outro, como sua conseqüência, o inevitável pagamento de tributo à convenção no que ela é imprescindível para a argamassa das reputações.¹⁰⁴

Uma outra questão que Nestor Vitor levantava em seus textos, imbuído inclusive de um certo tom de cobrança, era a falta de conhecimento, e mesmo de interesse, das novas gerações de escritores por aqueles que anteriormente a eles fizeram nome nas letras brasileiras. *Tudo até certo ponto pela incultura da nossa terra, mas também muito em conseqüência de que as nossas forças intelectuais não se coordenam, não se solidarizam*

¹⁰⁴ Idem. *Folhas que ficam*. Emoções e pensamentos 1900-1914. Rio de Janeiro: Ed. Leite Ribeiro & Maurillo, 1920, p.173-4.

*entre si. Vivem como que em compartimentos estanques, sem notícia de uma classe de outra classe,*¹⁰⁵ dizia. Com uma conotação um tanto irônica, proclamava neste sentido que o “órgão histórico” nacional era ainda muito embrionário:

*Já não quero falar dos que se foram: os nossos próprios contemporâneos, ora ainda vivos, quase que são conhecidos apenas no que representam neste instante. A quem já vem figurando de mais longe não se leva em conta o que ele foi, o que ele valeu ontem, porque tudo já está esquecido. Somos do “presente puro”, de que falava Goethe, e o somos por ignorância do que passou. Aos moços, parece, afigura-se que um velho já nasceu velho, como eles agora abrindo os olhos os encontram. Procurá-lo na sua figura juvenil pelos documentos que ele deixou atrás, é de mau gosto, é passadismo.*¹⁰⁶

O crítico considerava que a integração do hoje ao ontem era indispensável, justamente porque sem ela seriam abandonados os valores e as tradições da Pátria, quando só estas e aqueles poderiam pôr os brasileiros em contato com o que foram e da mesma forma saber o que são. Essa volta ao passado era importante sobretudo nos momentos de crise, quando as circunstâncias e perspectiva do presente projetavam uma condição ainda mais obscura no futuro:

*É preciso então olhar detidamente para [aqueles] vultos, ver como eles sobrepujaram as tempestades, como estas, em vez de destruí-los, os foram, pelo contrário, enrijecendo, alimentando, ao mesmo tempo que os confirmavam, que os sagravam, mostrando neles o homem vitorioso sobre quantos elementos se lhe opõem através de toda a sua evolução no planeta.*¹⁰⁷

A partir deste ponto pode-se estender o pensamento de Nestor Vitor até o conceito das *correspondances*, em que as afinidades coletivas cristalizam a imagem de experiências que enfatizam os elementos culturais. Neste sentido, o significado da reconstrução de uma experiência vivida seria o da própria experiência que procura se abrigar de qualquer crise. Ou seja, se em determinados momentos somos chamados a recuperar determinados passados é porque o presente o reclama. Para o tempo ser lembrado ele deve ser

¹⁰⁵ Idem. *Correio da Manhã*. 19-6-1927.

¹⁰⁶ Idem. *Correio da Manhã*. 11-2-1928.

¹⁰⁷ Idem. *O País*. 3-4-1903.

presentificado. Tal semelhança entre presente e passado acaba por transformar os dois: o passado que, uma vez retirado do esquecimento, assume nova forma e o próprio presente por este ter se revelado *como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas do atual*. Dessa maneira, ter-se-ia na rememoração a reconstrução dos fatos.¹⁰⁸

No campo da literatura, o autor julgava importante firmar raízes intelectuais junto aos clássicos:

*A lição dos clássicos é tão necessária para uma sociedade culta como para uma população urbana o convívio de quando a quando com a natureza feroz e virgem. São eles uma fonte perene de rejuvenescimento ao gênio próprio de cada povo porque representam esse gênio naquilo que o mesmo oferece de mais espontâneo, de mais inconsciente, mas também, e por essa razão, de mais característico, encantador e essencial.*¹⁰⁹

Ao mesmo tempo, entendia que o gosto pelo estilo clássico não se adquiria num dia, a partir de uma só obra; pois os *recamos e os donaires antigos requerem para seduzir-nos antes de tudo erudição histórica, o conhecimento da atmosfera a que correspondem, das almas de que representam a expressão, da estética que os explica e que figura em sua tábua de valores*. Era preciso mais do que apenas demorar os olhos sobre aquelas velhas páginas para vê-las tomar vida e exalar a sensação artística que pudessem em si ter registradas.

Com efeito, toda a sua produção literária é caracterizada pela incessante alusão a obras de grandes literatos, músicos, pensadores, filósofos, historiadores, tais como: Balzac, Tolstoi, Zola, Oscar Wilde, Vico, Wagner, Bergson, Proust, Baudelaire, Copérnico,

¹⁰⁸ Ver sobre o assunto: Walter Benjamin. Sobre o conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V I. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-32.

¹⁰⁹ NESTOR VÍTOR. *Matias Aires*. Revista *Americana*. Ano V, Nº II,III e IV, 1915. In: *Obra crítica...* V II. Op, cit., p. 43.

Einstein, Darwin, Gibbon, Gobineau, Victor Hugo, Anatole France, Herder, Le Play, Jung, Ibsen, Montesquieu, Ortega y Gasset, Sade, Rousseau, Spinoza, Wells, Shakespeare, e tantos mais. É difícil saber até que ponto cada um individualmente influenciou a formação intelectual de Nestor Vitor. O certo é que o conjunto, sem dúvida, modelou o seu caráter erudito. Afinal, como ele próprio dizia:

*Os autores não basta lê-los, é preciso trazê-los conosco de memória muitos anos para na verdade se cristalizar o nosso definitivo sentimento sobre eles. Dá-se em nós individualmente fenômeno idêntico ao que se dá nas coletividades sobre o mesmo objeto. É assim que a verdadeira seleção se vai processando.*¹¹⁰

Nas páginas escritas por Emerson, um *romântico tardio* americano, Nestor Vitor julgava reconhecer os mesmos traços líricos e místicos de sua personalidade. Contudo, um dos autores mais citados por ele é Nietzsche e o seu conceito de *volonté de puissance*. Tal recorrência pode ser explicada pelas palavras do próprio Nestor Vitor:

Louco embora, sua loucura, entanto, é venerável: Nietzsche agora ficará no mundo com um olho rubro, sem pálpebras, a perseguir todos os comediantes com pretensões a serem tomados a sério, todas as fofidades, todas as falsas quantidades com pretendentes a uma solução.

Se não tiveres confiança em teu valor, não o leias; se tens, encontra-te com ele: na volta há de confessar que reconheces valer menos um pouco do que supunhas.

*Quem fixa atentamente os olhos deste louco, nunca mais o abandona. Para quem tenha valor, eles serão sempre uns olhos duros, implacáveis, mas amigos; para os seres falsos, para as falsas inteligências, para os falsos corações, eles serão sempre uma ironia corrosiva, um sarcasmo dissolvente, impiedosos e fatais.*¹¹¹

As obras pelas quais o público mostrava-se interessado, nas primeiras décadas do século XX, segundo o crítico, eram aquelas em que se encontravam fartos elementos propulsores de idéias, tais como Emerson, Carlyle, Nietzsche ou então aquelas em que se fazia *psicologia por psicologia, secas mas agudas, mas penetrantes, mas diabólicas às*

¹¹⁰ Idem. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica...V II. Op. cit., p. 171.

¹¹¹ Idem. *A Crítica de Ontem*. Obra crítica...V I. Op. cit., p. 341.

vezes, como as desse próprio Nietzsche, as de Schopenhauer, as de Stendhal, e, reportando-nos aos autores antigos, “O Príncipe”, de Maquiavel, as máximas de La Bruyère e de La Rochefoucauld. Tal preferência revelaria, de um lado, a grande curiosidade pela natureza humana e por outro, *nesta época de imperialismo agudo, solicitação de idéias e sentimentos tonificantes, que inspirem a ação, uma coisa ou outra por esta necessidade de humanização e de eficiência que caracteriza os tempos atuais.*¹¹²

Aquela sua predileção pelos clássicos, com efeito, denuncia em Nestor Vitor um certo apego à tradição veiculada pela cultura ocidental, pois, deixava claro que para ele, *o que é novo, de fato novo, no terreno das idéias, é como a semente plantada no solo. Dela saberá todo o mundo só quando braceje no ar seus galhos a árvore que ela tenha originado.*¹¹³ Com isso, referia-se à geração dos novos pensadores brasileiros que naquele momento condenavam formalmente a geração anterior que fizera a República pensando em acabar de um dia para o outro com as *tristezas de nossa terra* que tanto os importunavam. Tal opinião dos mais jovens lhe era compreensível, pois realmente, como ele mesmo dizia, o Brasil a partir de então havia se tornado *mais feio e atrasado do que antes*. O sentimento que se formava trazia a idéia que o melhor seria, pois, não sonhar mais, ou melhor, *sonhar a contrapelo*. Quer dizer, *aceitar a realidade como ela é, dentro dela não prendermos a nossa alegria de viver. Pelo contrário: fazemos com que esta resulte de nos encontrarmos cada vez melhor com o verdadeiro Brasil.*¹¹⁴

Além de comungar com este sentimento e com isso ter facilitado a sua aproximação daqueles que encabeçaram o movimento *modernista*, já havia anteriormente feito dele a

¹¹² Idem. *Matias Aires*. Obra crítica...v. II. Op, cit., p. 46.

¹¹³ Idem. *Os de Hoje*. Obra crítica... v. II. Op, cit., p. 377.

¹¹⁴ Ibid., p. 378.

tônica do seu discurso. O que criticava, porém, nos jovens pensadores era novamente o fato de eles desconsiderarem as gerações intelectuais que os haviam precedidos. Embora fosse a sua própria geração que Nestor Vítor de alguma forma procurasse defender, seu posicionamento nem por isto deixava de ser bastante lúcido:

Antes de Farias Brito, de Alberto Torres e de Euclides da Cunha, para só falarmos dos mortos, vir uma geração pensando assim fora simplesmente absurdo. O pessimismo dos monistas, evolucionistas e positivistas em relação às nossas cousas, e ainda mais o seu entusiasmo livresco pela cultura européia, pelas cousas do "mundo civilizado", inspiravam-nos tal humildade, que a cópia, o arremedo nos pareciam o meio único de nos dignificar.¹¹⁵

Outros pensadores junto aos citados por ele teriam desenvolvido uma corrente de misticismo patriótico, pela qual a nova geração se inflamou tomando uma direção pragmática. Pragmatismo, porém, também de fundo místico, pois, *aceita o que é, como sendo o melhor, não por materialidade rasa, mas em última análise, por fé. Porque, se ainda não teremos orgulho de ser quem somos, os moços convenceram-se afinal de que só nos há de ser dado achar para isso motivo se partirmos do que já representamos.* Ou seja, para o crítico o referencial para se pensar uma identidade nacional deveria partir daqui mesmo, ao passo que toda uma movimentação literária indicava que a nova geração vinha instintivamente solidária em tal sentimento.

Mas sabia que uma decadência política de fato assombrava o país. O mal-estar causado pela maneira como vinha sendo conduzido o novo regime de governo chegava inclusive ao extremo de levar a pensar em dissolução nacional. O receio que Nestor Vítor guardava em relação a este tema não vinha apenas e exatamente em decorrência da conjuntura política:

Pode ser que este movimento intelectual desencadeie por fim tempestades que até nos ponham em perigo, abalando a estrutura do país. Só quem não vê como vai o

¹¹⁵ Ibid., p.378.

mundo é que pensará seja possível continuarmos indefinidamente como estamos. Quanto mais se precipitar essa decadência presente, mais próximos estaremos de uma cousa nova. As duas idéias-força ora em luta lá fora do nosso continente, o fascismo e o soviétismo (mais análogos entre si, do que parecerá), estão indicando em que sentido se poderão desenhar aqui as possibilidades do futuro, dentro embora da nossa índole americana. Tanto mais quanto a nossa mocidade pensante já vem tão desenganada sobre a democracia formal.¹¹⁶

Preconizava, assim, o fundamental papel que teria o intelectual enquanto formador de opinião. Se não houvesse aqui um pensamento próprio, consolidado em termos não apenas de política, mas também de economia, de cultura, seria muito mais fácil a simples apropriação das ideologias estrangeiras. Não se pense com isso que Nestor Vítor era um opositor ao intercâmbio das idéias. Ao contrário, para ele era exatamente essa movimentação, essa circulação das idéias o fator responsável pelo engrandecimento dos povos. Apenas alertava para que não se tornassem os intelectuais meros *compra-chicos do Pensamento*.

Nestor Vítor de fato ressentia-se da qualidade da produção literária atual, pois para ele as condições de vida que se ofereciam aos intelectuais de então, *nas terras verdadeiramente civilizadas*, eram incomparavelmente melhores que as de todos os tempos. Gozavam antes de tudo de uma completa liberdade espiritual. Tinham ao seu alcance, com os jornais, com as revistas, com a tribuna, meios de manter contato com o público de seu país e até com o do mundo inteiro muito superiores àqueles de que em outro tempo o homem de letra dispôs. Vivía-se uma época em que se lia muito e conseqüentemente editava-se muito também.

Se, aparentemente, tudo lhes era favorável de onde, questionava-se Nestor Vítor, procedia então a mediocridade geral do que era produzido, em comparação com o que produziram as grandes épocas? A resposta para ele era muito clara: *da falta de harmonia*

¹¹⁶ Ibid., p. 379.

*espiritual que caracteriza o momento.*¹¹⁷ Para Nestor Vitor, de pouco adiantava poder se pensar à vontade se não houvesse um sentimento definido e que pudesse ser expresso de uma forma ideal. Para ele:

*A massa de que emergimos se preocupa é com as exterioridades da vida, adora a ciência, porém antes a pequena ciência, no fundo charlatanesca ou então microcéfala, adora-a porque esta lhe promete todas as comodidades possíveis, - inclusive a de poder ainda suprimir a morte e sustar as humilhantes, desoladoras consequências da velhice.[...] Essa obsessão, porém, em que todos vivem mais ou menos pelo confortável é apenas para mascarar o desespero íntimo produzido pela falta de uma crença digna do homem, que seja crença propriamente dita.*¹¹⁸

O contato com a multidão¹¹⁹ era de valor secundário, pois era quase que só material. O dinheiro apenas multiplicava as necessidades, trazendo novas fontes de sofrimento resultantes de uma vida artificial. Assim, para o crítico, a diferença entre os intelectuais de outras épocas e os da sua estava no fato que a estes faltava sempre *aquela heróica, embora muita humana disposição que dá em resultado uma legítima plenitude da alma.*¹²⁰ Considerava que em função do decréscimo das dificuldades o homem de então tornara-se um *mimoso do destino, parecendo ter todo o corpo em carne viva e daí a sua extrema, a sua doentia sensibilidade.*¹²¹

Essa falta de espiritualidade, de humanidade que Nestor Vitor sentia e expressava em seus textos demarca ainda uma forte influência da sua formação simbolista. Como anti-realista, antimaterialista e antipositivista, o movimento simbolista semeou a compreensão que, para além da evidência material das coisas e dos fatos, evidência suscetível de observação metódica e de análise, de forma não menos evidente se impõem realidades impalpáveis; e se impõem não aos sentidos, mas à sensibilidade, à emoção e à intuição.

¹¹⁷ Idem. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 200-1.

¹¹⁸ Ibid., p. 201.

¹¹⁹ “Ver muitas caras distrai-nos um pouco do homem”. NESTOR VÍTOR. *Folhas que ficam*. Op, cit, p.89.

¹²⁰ Ibid., p. 202-3.

¹²¹ Ibid., p. 203.

2.2 NESTOR VÍTOR E O MOVIMENTO SIMBOLISTA

O estudo das obras de Nestor Vítor, nas quais desenvolve o seu papel de crítico literário: *Cruz e Sousa, 1899; A Hora, 1900; Três Romancistas do Norte, 1915; Farias Brito, 1917; A Crítica de Ontem, 1919; Cartas à Gente Nova, 1924; Os de Hoje, 1938*, apresenta um forte consenso entre outros críticos contemporâneos seus, ou mesmo predecessores, no que tange ao entendimento da sua produção, que bem pode ser traduzido nas palavras de Massaud Moisés:

Praticava a crítica de simpatia, amparado no princípio de que a interpretação e o juízo crítico dependem da afinidade e do entusiasmo. Impressionista, nem por isso desdenhava a objetividade; guiado pela intuição, nem por isso abdicava de seu espírito crítico, altamente desenvolvido. Moralista, para quem a estética e a ética andam juntas, era menos dotado para o estudo das individualidades que para as idéias gerais. Vocação de teórico, orientava-se pela honestidade, isenção e imparcialidade, mesmo quando estava em causa o movimento simbolista. Não obstante o desleixo na linguagem e na organização dos ensaios, deixou obra indispensável à compreensão do simbolismo.¹²²

Ao escrever *ao sabor das suas sensações*, utilizando muitas vezes jargões da fala cotidiana, seus textos, de fato, propiciam essa sensação de desleixo, pois misturam informações com teorias numa ordem sem grande obediência à lógica do discurso ou do pensamento.

Nestor Vítor, realmente, não escreveu sobre o simbolismo a não ser fragmentariamente. Morreu sem ter escrito aquela que poderia ter sido a sua maior obra, a história do movimento simbolista no Brasil, como assinalou Alceu Amoroso Lima a seu respeito em 1936 (*Jornal do Comércio*, 08-11). Por outro lado, foi de importância primacial o papel que teve na vulgarização dos autores que contribuíram para a formação da cultura literária dos simbolistas: além dos poetas franceses citados, Carlyle, Ibsen,

¹²² MOISÉS ... p. 21.

Maeterlinck, Novalis, Hello, Emerson, Nietzsche, Emily Brontë, Spengler, Keyserling e muitos outros.¹²³

Devido a sua sensibilidade vibrátil, expressa nos versos decadentes de *Transfigurações* (1902), nas novelas de *Signos* e nas páginas sobre a cidade de Paris (*Paris-1911*), à preferência absoluta que dava às leituras apaixonadas e individualistas e enfim, ao espiritualismo e ao intimismo inerentes à sua concepção de poesia, tornou-se o *claro espelho* da corrente simbolista no Brasil.¹²⁴

Para Nestor Vitor, o surgimento do simbolismo no Brasil (o que se poderia estender para o mundo) explicava-se pela atmosfera espiritual que tanto angustiava a existência humana daqueles que estavam em dia com o movimento de seu tempo. O maior mal daqueles tempos estava, então, na *monstruosa Futilidade* que os caracterizavam. *A Espécie inteira sofre de um profundo traumatismo moral*,¹²⁵ dizia. Suas considerações traziam o peso da ferrenha crítica à literatura realista da época, à qual tinha por *estreita aliada do cientifismo, inferiormente intelectualista, antimetafísica, prosaica por natureza*.¹²⁶

A fórmula romântica, por seu turno, havia desiludido a necessidade humana de pura idealização. Considerava que aos românticos havia cabido a preocupação com a toalete da frase, pois tinham gramática, eram claros, ordenados. Vieram para tirar os últimos corolários da civilização cristã e, principalmente, derrubar os preconceitos fundamentais que dela restavam.¹²⁷

¹²³ MURICY, ... p. 340.

¹²⁴ BOSI, ... p.332-3.

¹²⁵ NESTOR VÍTOR. *Cruz e Sousa* (monografia). Rio de Janeiro, 1899. In: *Obra Crítica...* v. I. Op, cit, p. 11.

¹²⁶ Idem. *Farias Brito*. Rio de Janeiro, 1917. In: *Obra Crítica...*, v. I, Op, Cit., p. 237.

¹²⁷ Idem. *A Crítica de Ontem*. Rio de Janeiro, 1919. In: *Obra Crítica...* v. I. Op, cit., p. 288.

Mas os tempos eram outros, *todos o sentem*, dizia Nestor Vítor, e completava: *No nosso tempo há uma visualidade defeituosa, uma idiota miopia geral, uma completa impotência para a concepção de uma grandeza simplificante e enobrecedora. É aqui, portanto, que entra a necessidade de sonhar.*¹²⁸ Sonhar, então, era poder abrir círculos no horizonte, sobretudo, literário, mas também *compreender e fazer compreender o que é ser livre, para oferecer domínios imensos e risonhos, esses de que tôdas as forças contingentes embalde quereriam despojar-nos, porque êles são as imorredouras conquistas do espírito.*¹²⁹

O mundo captado pelos olhos atentos de Nestor Vítor estava embevecido de uma tal crise e de um frívolo ceticismo mundano que os mais extraordinários fenômenos artísticos que se tentasse produzir haveriam de ser, por força, a fórmula de um épico protesto. Tal fenômeno explica-se nas suas próprias palavras:

*... esse búfalo de aço que aí anda rondando, a assustar as florestas, abalando-as, produzindo-lhes traumatismos que degeneram em esgotamentos e as destroem, recebendo elas como irônico incenso para o seu in pace o vapor mortal que a alimária despede das narinas de ferro; êsse esguio, mas interminável instrumento das intrigas internacionais, que nas rêdes que forma reflete a imagem dos complicados enredos que produz; êsse bruaá infernal dêsses centros monstruosos que irrisôriamente se julgam fábricas de descanso, para o qual, no entanto, se andam a atropelar horrivelmente, estropiando o corpo e a alma, loucos que antes da morte querem ver se fazem do oceano um cavalo domado, um paciente produtor de força gratuita, e do fundo da terra, luminoso e bolhante, uma cômoda chaminé central, para que ao menos no catre da agonia lhes venham anunciar que os braços humanos já se tornaram inúteis; tudo isso, tem o seu lado admirável, prodigioso, épico, mas é apenas um assunto incompleto.*¹³⁰

Era, obviamente, sobre os tempos modernos que Nestor Vítor discorria e de onde segue com seu pensamento:

Todo esse progresso, que é assim que tais cousas se chamam, é apenas a metade de uma civilização. O Descanso poderia ser um ideal completo para uma espécie que não se jactasse de super-orgânica, tanto mais quando essa ânsia em que

¹²⁸ Idem. *Cruz e Sousa*. Obra crítica... v. I. Op, cit., p. 12.

¹²⁹ Ibid., p. 12.

¹³⁰ Ibid., p. 13.

*todos se empenham tem um carácter inteiramente individualista, chama-se simplesmente Egoísmo, desde que seja submetida a uma análise rigorosa e final.*¹³¹

Nessa passagem, Nestor Vítor enuncia uma breve crítica a um sistema de pensamento próprio do século XIX, alicerçado também pelo romantismo, para o qual a idéia de sociedade implicava, também, pensar a própria comunidade humana, além da forma de governo. Neste sentido, a própria vivência entre os homens, ou seja, o objeto das ciências sociais, passou a ser entendida e estudada a partir dos métodos aplicados às ciências naturais.¹³² Assim, teve-se a sociedade sendo pensada, num primeiro momento, composta por várias partes individuais que se juntam num todo, idéia esta que, primordialmente, remete-se ao Contrato Social de Hobbes. Nesta concepção, a maneira pela qual os homens se tornam sociedade é artificial e visa à construção de uma máquina que vai gerar o bem-estar de todos. Como máquina, a princípio é construída, podendo dessa forma ser reparada. Mudando de ponto de vista, mas não necessariamente a lógica, surge a idéia que toma a sociedade como um todo orgânico. Como organismo, ela precisa crescer e é dotada de um sentido interno que não vem da junção das partes, mas, sobretudo, do próprio sentido do todo, da unidade.

Ambas as concepções, embora fossem hierárquicas, em que algumas peças tinham uma importância maior que as outras, implicavam, por outro lado, uma secularização do pensamento. A idéia de sociedade como máquina ou como organismo substituía, então, a idéia de uma sociedade cristã.

Já no século XX, volta-se a discutir o peso que tem a sociedade e o indivíduo, ou seja, as questões sociais, retomando-se, em consequência, a própria questão da liberdade.

¹³¹ Ibid., p. 13-14.

¹³² Sobre o tema ver NORBERT ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Na obra de Nestor Vitor, a liberdade aparece como um sinônimo de ousadia. A excessiva preocupação materialista com o Eu, por exemplo, mesmo que esta palavra tomasse a amplitude que por fim pudesse designar Espécie ou Humanidade, embora tivesse adutores por todos os cantos, e representasse, de fato, todo o ideário de uma época, ou melhor, da sua época, não poderia, segundo ele, ser levada a cabo. Pois, essa *trágica ânsia*, como dizia, se não fosse sustada, iria degenerar em delírio e o homem, neste caso, acabaria por *crismar-se o Idiota*.

A ousadia era figurada em palavras que preconizavam, nas artes, uma nova forma de dizer o quão deficiente era aquele fim de século em termos de vida, de existência paradisíaca, de ociosidade pitoresca. Não por menos, dizia: *se temos braços são para o trabalho, mas se temos cérebro, este é especialmente para o Sonho*.¹³³ Apenas as duas ações em conjunto poderiam causar uma reação nos espíritos condescendentes. Para tanto, a arte, como sempre, teria a força de uma sugestão. Mas não mais que isso. O artista, como um termômetro da hora, aspiração do que ainda não está realizado, teria a capacidade de sugerir algo que faltasse e que para Nestor Vitor, naquele momento, consistia exatamente em sonhos que libertassem a alma, ou ainda, em humanidade.

Dessa maneira, tecia os marcos éticos do programa simbolista. Opondo-se à obsessão pela ciência, ao excessivo predomínio da razão, ao materialismo, esta nova corrente literária ensaiava pequenos passos dentro daquilo que acabou por caracterizar-se, entre eles mesmos, de nova Arte. De fato, o que se assistiu foi a uma reação espiritualista ao imperialismo do movimento de idéias, produzindo, assim, uma nova sensibilidade estética.

¹³³ NESTOR VÍTOR. *Cruz e Sousa*. Obra crítica... v. I. Op, cit., p. 14.

Para Nestor Vitor, o simbolismo representou *uma ressurreição sub-reptícia, a princípio inconsciente, da tendência romântica*.¹³⁴ Essa afinidade com os românticos tem sua razão de ser porque estes colocavam em segundo plano a inteligência, dando vazão aos sentimentos e à intuição.¹³⁵

Esteticamente, entretanto, esta nova escola era, para ele, uma conseqüência da sua filosofia intuitiva. Por ter criado, em abundância, *tipos ou imagens que fossem válidos pela demonstração formal ou a representação adequada de seus sentimentos ou de suas idéias*, não obedeceu *ao frio móvel racionalista como aconteceu com a literatura mística de antes do classismo, literatura de que os autos religiosos de Gil Vicente são o reflexo mais interessante de nossa língua*. Considerava que esta, na sua forma de expressão, tinha sobretudo uma intenção moralista. Já o que os simbolistas pretendiam *renovando tal processo [era] dar extraordinário valor estético a tais sentimentos e idéias, valor que esteja em correspondência com a condição de maravilhados em que se acham eles, assim como se deu com os românticos, quando entregues ao seu demônio na febre de produção*.¹³⁶

Dessa forma, a utilização de letras maiúsculas na composição dos textos foi exaustiva, pois acreditavam que só assim poderiam, na gráfica, corresponder à raridade magnífica de tais concepções. A estas julgavam supremas e, em tal sentido, as tinham por simbólicas. Fizeram também o uso, melhor dizer, o abuso, das cores e das formas, chegando a imprimir livros em que cada capítulo era de uma cor diferente ou então, que tivesse, por exemplo, um formato circular. Este teria sido, na verdade, para o crítico, o

¹³⁴ Idem. *Farias Brito. Obra crítica...* v. I. Op, cit., p. 237.

¹³⁵ GOMES, ... p. 141.

¹³⁶ NESTOR VÍTOR. *Farias Brito. Obra crítica...* v. I. Op, cit., p. 238.

grande erro do movimento simbolista, pois, não percebera que *por tal sistema, caíam eles, como aqueles místicos seus antecessores, num formalismo hierático, árido, cansativo, extravagante, perdendo o legítimo senso poético.*¹³⁷

Nestor Vitor acreditava no trabalho intuitivo e considerava que o único simbolismo *sempre fecundo e admirável era o que vinha a posteriore, isto é, o que resulta da genialidade com que se realizem as criações.* Assim, Hamlet, por exemplo, era o símbolo do homem moderno pelo sentimento da dúvida que caracterizava este último, mas símbolo tão extraordinariamente realizado que, por certo, ia muito além das intenções que Shakespeare tivesse *a priori* quando o criou, se alguma intenção o alimentava em tal sentido.¹³⁸

Compreendia, entretanto, que a razão pela qual os simbolistas tendiam para o *esoterismo literário, deixando de entrar em contato, por esse modo, com a massa dos leitores comuns, estranha a cabalas, incapaz de interpretações sutis era porque foram eles os prenunciadores de uma corrente de idéias ainda por criar.* Para ele, os simbolistas, *precedendo a filosofia, isto é, a doutrina consciente, não tinham ponto de apóio sobre o qual pudessem construir amplo e seguro edifício.* Ou seja, *havia de andar mais ou menos aéreos, baseados apenas em fugitivos, incompletas intuições: havia de ser nefelibatas, como aquele povo imaginado pelo gênio de Rabelais, e tanto assim que se ressuscitou o vocábulo para nomeá-los em certo momento.* Não importava, porém, se o simbolismo havia sucumbido ao chegar ao limite real da sua capacidade inovadora, pois, o *impulso estava dado: não tardou muito, veio o pragmatismo anunciar que a tentativa*

¹³⁷ Ibid., p. 238.

¹³⁸ Ibid., p. 238.

*simbolista repercutira no mundo filosófico, começando este a dar os seus primeiros frutos conseqüentes dessa repercussão. Bergson e William James são os mais altos representantes dessa iniciativa na filosofia alienígena, e Nietzsche é o grande precursor de tal corrente.*¹³⁹

Nestor Vitor, dessa forma, prestava uma contribuição crítica ao simbolismo, original em sua essência, pelo fato de considerar que os conceitos filosóficos, sistematizados no início do século XX, tiveram como origem as manifestações intuitiva dos simbolistas, verdadeiros precursores da moderna filosofia. Tal análise, embora denuncie o caráter reducionista de parte de suas reflexões ignorando tendências mais complexas do movimento como um todo, é importante por tentar esboçar uma relação entre as características simbolistas e a evolução da Filosofia. Ultrapassou, assim, a simples enumeração do tópico simbolista, erro em que caíram diferentes teóricos que, por vezes, esqueceram de compreender o movimento em um contexto mais amplo.¹⁴⁰

Percebia, ainda, o simbolismo como uma *solução de continuidade violentíssima entre duas tendências humanas, a realista e a idealista.*¹⁴¹ Como um hiato entre duas gerações que se sucediam imediatamente, nasceu da influência negativa ou antipática da anterior sobre a sua sucessora e da repulsa que o materialismo dos naturalistas, na literatura, provocou em uma dúzia de sonhadores.

O programa simbolista não conseguiu, no entanto – muito, devido ao exagero provindo da falta de perspectiva, própria do momento em que viviam –, conter o radicalismo de tendência aristocratizante, hermética e esotérica inscritas no ponto capital

¹³⁹ Ibid., p. 238.

¹⁴⁰ GOMES, ... p. 140-1.

¹⁴¹ NESTOR VÍTOR. *A Crítica de Ontem*. Obra crítica... v. I. Op, cit., p. 393.

do movimento originário. Para Nestor Vitor, *os primeiros simbolistas, que pretenderam isolar-se aristocraticamente na “Torre de Marfim”, erraram por falta de contato verdadeiramente humano e produziram obra de estufa, que de pronto envelheceu.*¹⁴² Na absurda fé que tinha em si mesmo, o simbolismo assistiu à derrocada do curto período de sua existência.

O movimento simbolista, com efeito, foi efêmero, datado, mas crucial no momento de formação e cristalização do pensamento intelectual de Nestor Vitor. Ao contrário daquele, a obra de Nestor Vitor não estagnou. O período de efervescência simbolista constituiu apenas o momento de germinação de algumas idéias que tratou recorrentemente ao longo da sua produção literária, ao mesmo tempo em que se manteve, de fato e notavelmente, em dia com o progresso literário do Brasil e do mundo.

É inevitável dizer, como Muricy, que toda a sua vida foi um culto só à memória de Cruz e Sousa;¹⁴³ por outro lado, sua presença na cultura brasileira não se restringiu à defesa do autor de *Faróis* ante a incompreensão parnasiana.¹⁴⁴ Mais do que isso:

*Espírito aberto às várias tendências do pensamento e da arte pós-naturalista, Nestor Vitor parece-nos hoje, um pouco talvez como Araripe Jr., mais um semeador eclético de idéias que, a rigor, um crítico dos valores estritamente literários da obra. Pode-se, porém, confiar no tato do seu impressionismo. Ele compreendeu, por exemplo, que o interesse dos problemas nacionais traçara um sulco inapagável antes do Modernismo; (...) A meio caminho entre o psicologismo e a análise ideológica, Nestor Vitor não se perdeu, por isso, em obras esteticamente inferiores. A escolha prévia de um Ibsen, de um Novalis ou do nosso Cruz e Sousa já é garantia do nível de seu gosto.*¹⁴⁵

Nestor Vitor foi um leitor sensível e inteligente. Inspirado no simbolismo fez-se, inclusive poeta, porém, não deveria ser verdadeiramente um poeta quem *possuía em tão*

¹⁴² Idem. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro, Ed. do Anuário do Brasil, 1924. In: *Obra Crítica...* v. I. Op. cit., p. 229.

¹⁴³ MURICY, ... p. 342.

¹⁴⁴ BOSI, ... p333.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 334.

alto grau o gosto da análise, do raciocínio, da meditação, o golpe certo no jogo fascinante das idéias.

2.3 NO EXERCÍCIO DA CRÍTICA

Já no período romântico falava-se de um Brasil em crise, expressado tanto na poesia social de Castro Alves e de Sousandrade, como no romance nordestino de Frânklin Távora ou na última ficção citadina de José de Alencar.¹⁴⁶ Alguns fatores, com efeito, proporcionavam essa atmosfera. Em 1850, a partir da extinção do tráfico de escravos acelerou-se a decadência da economia açucareira; houve o deslocamento do eixo de prestígio para o Sul ao passo que os estertores das classes médias urbanas compunham um novo quadro para a nação, fértil ao surgimento de idéias liberais, abolicionistas e republicanas. De fato, foram estas as teses abraçadas, de 1870 a 1890, pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se postulava em torno da filosofia positivista e do evolucionismo. *Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel foram os mestres de Tobias Barreto, Silvio Romero e Capistrano de Abreu e o seriam, ainda nos fins do século, de Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Medeiros de Albuquerque, enfim, dos homens que viveram a luta contra as tradições e o espírito da monarquia.*¹⁴⁷

A preparação para uma ruptura mental com o regime escravocrata e com as instituições que o sustentavam já havia se iniciado nos anos 60; em 1868, antecederam à formação de um partido liberal radical declarações de princípios abolicionistas e pré-

¹⁴⁶ BOSI, ... p. 181.

¹⁴⁷ Ibid., p. 181.

republicanos, sendo logo em seguida, em 1870, fundado o então Partido Republicano, que combinaria taticamente a nova inteligência ao arrojo de alguns políticos de São Paulo, interessados na substituição do trabalho escravo pela mão-de-obra livre.

As contradições da sociedade brasileira do II Império não estavam sendo sanadas pelos compromissos do período romântico. De fato, pelos meados do século, desapareceram em todo o Ocidente os suportes do romantismo passadista, ou seja, a velha nobreza e a camada do clero resistente à nacionalização e ao laicismo que a Revolução Francesa fizera triunfar na primeira fase, já não tinham mais função social. A agressividade romântico-liberal das classes médias, por sua vez, que se pautava contra o mundo dos altos negócios, canalizou-se para o socialismo. Duas vertentes ideológicas, dessa forma, tornaram-se extremamente relevantes a partir dos anos 60 em diante na Europa culta: o pensamento burguês, conservador (outrora, radical, em face da tradição aristocrática), e o pensamento das classes médias (ou, em alguns casos de consciência de classe, dos proletários), que assumiu os vários matizes de liberalismo republicano e de socialismo. O Brasil e toda a América Latina, áreas de extração colonial, carentes de indústrias e de grandes concentrações urbanas se viram motivadas e movidas a reivindicações já triunfantes e determinadas na Europa e nos Estados Unidos, levando-as, em última análise, à luta democrática.¹⁴⁸

Nesse espírito tomaram corpo as campanhas abolicionistas e republicanas que constituíram a partir de 1870, o sustentáculo das opções ideológicas do homem culto brasileiro. Empenhados, assim, em uma grande transformação social, os intelectuais brasileiros foram buscar no fluxo cultural europeu soluções para um país caracterizado por

¹⁴⁸ Ibid., p. 185.

um *passado obscuro e vazio de possibilidades* e um presente desejoso de ações reformadoras que proporcionassem *um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia.*

Dessa maneira, a *geração modernista de 1870*, como ficaram conhecidos aqueles intelectuais, enfatizava alguns tópicos como principais exigências da realidade brasileira, ou seja, *a atualização da sociedade com o modo de vida promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da nação.* Para se obter tais metas, seriam necessárias *a aceleração da atividade nacional, a liberalização das iniciativas – soltas ao sabor da ação corretiva da concorrência – e a democratização, entendida como a ampliação da participação política.* De fato, *uma lição bem acatada de liberalismo progressista.* E ainda, *a assimilação das doutrinas típicas do materialismo cientificista então em voga, que os lançou praticamente a todos os campos do anticlericalismo militante.*¹⁴⁹

Destacaram-se nessa época, entre outros, os intelectuais ligados à chamada Escola do Recife aglutinada em torno de Tobias Barreto e que teve como seu fiel discípulo Sílvio Romero, a quem se deve, segundo Bosi, a primeira transposição daquela realidade em termos de consciência cultural.¹⁵⁰ Toda esta elite letrada esteve, com efeito, envolvida no processo de transformação do cenário econômico, político e social brasileiro. Porém, *eles tendiam a considerar-se não só como agentes desta corrente transformadora, mas como a própria condição precípua do seu desencadeamento e realização.* Em decorrência disto, o

¹⁴⁹ SEVCENKO, ... p.79.

¹⁵⁰ BOSI, ... p.183-4

*caráter mais marcante dessas gerações de pensadores e artistas suscitou o florescimento de um limitado utilitarismo intelectual tendente ao paroxismo de só atribuir validade às formas de criação e reprodução cultural que se instrumentalizassem com fatores de mudança social.*¹⁵¹

A intelectualidade brasileira lançou-se então à tarefa de, além de aplicar aqui as técnicas de conhecimento desenvolvidas na Europa, produzir um saber que lhe fosse próprio, com a ressalva, entretanto, que este pudesse ser cientificamente comprovado. Conhecer o Brasil nos moldes da ciência seria a maneira mais segura e eficiente de garantir o seu destino e de legitimar o poder.¹⁵²

Esse nacionalismo intelectual refletiu-se na literatura através de uma nova corrente denominada de Realismo, ou ainda *naturalismo*, no romance e no conto, sempre que fez personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das *leis naturais* que a ciência da época julgava ter codificado; ou *parnasianismo*, na poesia, à medida que se esgotava no labor do verso tecnicamente perfeito.¹⁵³

Já em 1845, entretanto, Karl Friedrich Phillip von Martius havia proposto as bases da historiografia naturalista, de orientação etnológica, com a sua *Dissertação Offerecida ao Instituto Historico e Geografico do Brasil*¹⁵⁴. A partir deste texto formulou um programa para os historiadores do Brasil, baseado na abordagem dos elementos raciais, na diversidade de suas origens e manifestações: línguas, mitologias, costumes, conhecimentos, preconceitos e superstições, considerando que dessa forma seria possível elaborar uma

¹⁵¹ SEVCENKO, ... p. 80-1.

¹⁵² Ibid., p. 85.

¹⁵³ BOSI, ... 187.

¹⁵⁴ *Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil*. Rio de Janeiro, n.24, p.389-411, jan. 1845.

“história pragmática”, centrada na *ação dos fatores raciais*.¹⁵⁵

Primordialmente destinado à historiografia brasileira, o texto de Martius foi um *projeto assumido talvez até mais claramente, ou com menos culpas, pela literatura, mais especificamente pela ficção, não só na produção da época, mas desde então até hoje, alternando períodos de consciência desse papel de forma mais acentuada com outros em que se atenua, mas nunca desaparece de todo*.¹⁵⁶ Neste sentido, a partir da leitura de *Como se deve escrever a História do Brasil*, segundo Marilene Weinhardt, é possível se fazer uma releitura da ficção histórica brasileira, esta com manifestações tão justamente destacadas no período romântico, sob a ótica de uma proposta quanto ao modo de compor a história nacional e ao significado de fazê-la. E ainda, como *intelectual do tempo da história narrativa, o texto de von Martius, pelo seu caráter didático, apresenta a sùmula da teorização que está na base daquela metodologia*.¹⁵⁷

O naturalismo, por sua vez, que foi predominante na crítica literária brasileira no último terço do século XIX, deu continuidade à concepção documentalista da crítica, herdada da tradição romântica, em que o retrato da natureza tropical e dos costumes indígenas se impunha como programa literário nacionalizante, pois abordava o texto como reflexo de condições sociais e naturais e estabelecia, como critério de valor, a *correspondência entre ambos*. Assim, as obras literárias eram tomadas como *documentos* que revelavam a psicologia de um século ou raça, ao representar a sociedade e a natureza que as produziram, ao passo que os *monumentos*, as obras como representações artísticas

¹⁵⁵ VENTURA, ... p.110.

¹⁵⁶ WEINHARDT, Marilene. Um possível sentido do diálogo Literatura e História. Conferência apresentada no curso *Os Sentidos da Viagem - Semana Professor Francisco Moraes Paz*, promoção do Núcleo de Estudos Avançados- UFPR, 13-17 mai. 1996, p. 2.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 3.

ou estéticas, só teriam valor em função de sua representatividade. Tal concepção naturalista foi adotada por críticos, como Romero, Araripe, Veríssimo, Capistrano de Abreu e Rocha Lima.¹⁵⁸

Somente com a estabilização política alcançada a partir de 1898¹⁵⁹ que os escritores deixaram de lado a luta pela “regeneração” nacional, ligada aos movimentos abolicionistas e republicano, característica da “geração de 1870”. Devido não apenas à desilusão política vivenciada nos anos 90, mas também à necessidade latente de uma modernização cultural no campo literário, foi criada, em 1897, a Academia Brasileira de Letras.

O escritor voltava-se de fato a desenvolver uma tarefa, no sentido estrito, mais literária e a Academia representou, neste patamar, as tendências estéticas e as perspectivas da sua profissionalização na virada do século.¹⁶⁰ A Academia nasceu por iniciativa do grupo que se reunia na *Revista Brasileira*, dirigida por Veríssimo, para debater temas estéticos e literários, sem o envolvimento de questões políticas. Ou seja, ao buscar o reconhecimento da criação literária, os acadêmicos adotavam certa distância entre a sociedade e a sua própria esfera, mas não mais aceitavam a marginalidade ou o engajamento.¹⁶¹

Para Roberto Ventura, aquela orientação naturalista foi responsável pela abertura da crítica à sociedade e à história. Ou seja, *essa concepção, que toma o texto como “reflexo de condições sociais e naturais” e cujo critério de valor é a correspondência entre ambos, foi adotada pelos críticos que remetiam as “origens” da nacionalidade literária à ação da miscegenação ou da natureza tropical sobre as formas européias.* Por

¹⁵⁸ VENTURA, ... p. 88.

¹⁵⁹ Sobre o assunto ver: Nicolau SEVCENKO. Op, cit.

¹⁶⁰ VENTURA, ... p. 112.

¹⁶¹ Ibid., p. 103.

outro lado, essa mesma concepção naturalista *reduziu o alcance analítico da própria crítica e a colocou em uma verdadeira “tradição do impasse”*.¹⁶²

Tal impasse foi o resultado de uma adoção sem disfarces de modelos *universais*, entendidos como válidos para todos os campos de conhecimento, numa alusão anacrônica à crença na unidade do saber, distintiva da história natural e do saber clássico do século XVIII. Assim, sem contar com método e teoria específicos que norteassem tanto a reflexão sociológica como a abordagem crítico-literária, o modelo naturalista foi mais tarde substituído por conceitos particulares a cada uma das disciplinas.

Alguns críticos da época, no entanto, como Veríssimo, Araripe e também Nestor Vítor, procuraram superar as limitações do modelo do cientificismo naturalista ao mesmo tempo que foram aqueles que mais avançaram em questões estéticas, relativas à técnica ou arte literária.¹⁶³

Dentre esses críticos, no entanto, Nestor Vítor foi o único que se manteve afastado dos padrões parnasianos vigentes no começo do século. Suas idéias a respeito do trabalho do crítico eram bastante interessantes. Acreditava que, em termos de poesia, o melhor crítico que se poderia ter era o próprio público, enquanto a crítica, ao contrário, o que fazia em geral era *conturbar facciosa e autoritariamente o juízo espontâneo do leitor*. Aquele, todavia, que se dedicasse a interpretar o que *o público sente mas não consegue dizer com precisão*, ou seja, seguisse o ofício de crítico literário teria, segundo Nestor Vítor, que relevar algumas condições. Assim:

A primeira condição para sermos crítico, conseguintemente, é sermos dotados de simpatia. Só compreende quem simpatiza: a própria palavra o está dizendo.

¹⁶² Ibid., p. 160.

¹⁶³ Ibid., p. 161.

A segunda é não trairmos tal simpatia por força de outro sentimento qualquer. É sermos ingênuos na crítica como o poeta o é na criação.

De onde se está vendo que o verdadeiro crítico do verso é aquele que melhor sabe simpatizar com o que produz e que tanto se doa de trair o poeta como este de emitir uma nota falha na interpretação da natureza.¹⁶⁴

Ou seja, *as chamadas naturezas irregulares também têm seu ritmo, seu modo de ser harmônicas, que só a simpatia descobre.*¹⁶⁵

Paña Nestor Vítor, o crítico deveria entregar-se à obra sobre a qual se debruçava, não com a intenção de falsear suas opiniões, mas no sentido de interagir com ela. A simpatia, dessa forma, seria o tono que permitiria uma melhor comunicação entre o crítico e o artista. *Sem amor, dizia, ninguém se apropria de coisa alguma porque não lhe apanha o sentido.*¹⁶⁶ Sentido este que, para Benjamin por sua vez, se revela no decisivo momento dialético do pensar sobre o próprio pensar, cuja correspondência na relação da crítica com a literatura deveria levar a obra à consciência de si mesma, ou seja, no fato que o crítico teria por tarefa revelar a intenção da própria obra.¹⁶⁷

Na crítica, Nestor Vítor percorria caminhos singulares. Raramente permanecia no campo exclusivamente literário. Como se buscasse a essência não apenas da obra como também do autor, mergulhava no contexto em que fora produzida, nas idéias e temas de que tratava, no ambiente que a proporcionou. Assim, utilizando-se dos esboços teóricos da psicologia, Nestor Vítor arriscava análises introspectivas nos seus ensaios críticos, ou seja, baseava-se na descrição da experiência pessoal dos autores em termos de elementos e atitudes para formar sua própria acepção acerca de determinada produção.

¹⁶⁴ NESTOR VÍTOR. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. I. Op, cit., p. 124.

¹⁶⁵ Idem. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 40.

¹⁶⁶ Idem. *Rumo à América, uma página de Keyserling*. O Globo (16-12-1929).In: Obra Crítica... v. III. Op, cit, p. 245.

¹⁶⁷ Ver: KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976; BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Crítica da Arte no Romantismo Alemão*.

Para ele, o crítico literário, por sua vez, não tinha o direito de intervir com pretensões corretivas na formação da alma dos autores, pois considerava que o artista se expressa a partir dos referenciais do seu tempo e do desencontro de sentimentos que este lhe causa. Se o poeta é o herói intelectual do seu tempo, como dizia Nestor Vítor, o crítico literário propriamente dito também é um poeta, porque é ele o *idealizador dos idealistas*.

Contudo, os verdadeiros vitoriosos na luta por um lugar junto ao reconhecimento do público, que obtém plenamente o sucesso do dia, eram aqueles sinceramente aceitos por este. A partir desta idéia, Nestor Vítor mesmo não comungando com o conceito poético de Olavo Bilac, escreveu sobre o autor notabilizadamente de veia parnasiana:

*Estas são coisas que ninguém discute. Não é à toa que uma sociedade, que um povo, que uma raça qualquer cria fé num tipo seu, apaixona-se por ele, e levanta-o. É que esse tipo de qualquer forma corresponde aos ideais dessa coletividade, de qualquer modo representa-a legitimamente. Não são coisas que se possam fabricar por artificios, ou combater com razões frias e abstratas, sempre incompletas, principalmente quando se trate de artistas.*¹⁶⁸

Mesmo por que, para Nestor Vítor, a crítica contemporânea sempre trazia maior ou menor eiva de paixão e influiu menos para o julgamento definitivo das obras do que se pode supor. Para ele, não há dúvidas que o público deixe-se influenciar por ela, inebriando-se inclusive temporariamente, daí entende-se *o prestígio momentâneo das mediocridades favoneadas pelo reclamo num dado momento. Decorrido, porém, certo lapso de tempo, só fica flutuando o que tem valor: tudo o mais se submerge em justo e irremediável olvido.*¹⁶⁹ Tal efeito reflete-se, assim, aos olhos de Nestor Vítor:

[...] o que falta ao leitor, geralmente falando, é o que sobra ao crítico profissional, que é a audácia de afirmar, não o instinto de beleza propriamente dito. Tal seja a influência da crítica favorável ou contrária ao que o leitor sente, que chegue a perturbar-lhe completamente o critério: poucos são aqueles capazes de formular nítida e prontamente um juízo em questões desta ordem, e ainda mais raros os que não se acorvadam diante do clamor da claque, embora

¹⁶⁸ NESTOR VÍTOR. *A Crítica de Ontem*. Obra crítica... v. III. Op, cit, p. 304.

¹⁶⁹ Idem. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 208.

*seja este, porventura, contrário aos seus sentidos espontâneos. A timidez e o amor à comodidade caracterizam a gente comum. As impressões fortes e definidas, porém, são as únicas que perduram nestas coisas. Com o correr dos dias vai desaparecendo na memória de cada um o que provisoriamente pode atravancá-la por efeito de inculcas ou de passageiro prestígio. No fim de certo tempo todos somos mais ou menos bons juizes. É o que, aliás, também se dá no mundo das ações.*¹⁷⁰

A crítica não ficava, com isto, fadada ao descaso ou mesmo a uma produção inútil, como sugere Nestor Vitor na seqüência de seu raciocínio:

*Não quer isso dizer que os elogios sistemáticos a uns, a má vontade também sistemática contra outros, ou o silêncio unânime – a pior de todas as guerras no terreno intelectual, – deixem de produzir efeito. Produzem, porque, conforme o caso, obstam ao desenvolvimento das aptidões. Estas só se desenvolvem onde encontram um apoio, ainda que seja muito escasso. Um espírito que tenha a infelicidade de vir inteiramente fora de seu tempo, pode ser completamente esmagado, pode bem desaparecer, até, sem deixar nenhuma prova de seu valor. Os mártires que o futuro sagrará como tais já representam a aurora de uma próxima época: para ganhar o prestígio necessário de modo a merecerem perseguição é indispensável como discolos, como forças dissidentes, porém já relativamente apoiadas e por conseguinte ponderáveis onde se afirmem.*¹⁷¹

No momento em que Nestor Vitor procura desenvolver uma *Crítica à crítica* como o próprio título sugere, aparece uma das idéias mais recorrentes da sua produção intelectual, ou seja, a necessidade de o homem corresponder aos referenciais de seu tempo. Nas suas palavras:

[...] o homem tem de agir sempre em função da sociedade a que pertence. “Não sou eu quem pensa, pensam por mim”, é o aforismo que ora se propõe a substituir o “cogito, ergo sum” cartesiano. Uma dada virtude como uma determinada idéia só pode merecer tais nomes quando traduzam certa atitude moral ou certa preocupação intelectual compatíveis com o estado de evolução em que se acha a sociedade onde acaso se afirmem.

Neste sentido, para ele, um homem superior fazia lembrar aquelas “modernas antenas” que serviam nos navios para comunicar-se com as ondas hertzianas. Elas precisam ser altas o bastante para poder captar o pensamento ou a mensagem de que as mesmas são o “maravilhoso veículo”. Também o homem representativo precisaria ter a

¹⁷⁰ Ibid., p. 208.

¹⁷¹ Ibid., p. 208-9.

elevação necessária para tornar-se o órgão de apreensão no que respeita aos sentimentos e ideais da sociedade a que pertence. Quando, porém, nada se tenha a transmitir, aqueles instrumentos de captação figuram a bordo como simples inutilidade. Numa sociedade cujo grau de cultura e desenvolvimento não se permite ainda ter certas preocupações e certos ideais, não há gênio que os possa criar por si unicamente. Se os concebe, é sob a influência de um meio inteiramente estranho àquele em que vive e a que se deveria consagrar. Dessa forma, se são pensamentos de mera importação, que ainda não tiveram tempo de transmitir-se a sua sociedade, não há como esta sociedade reconhecer-lhe a sua capacidade de elaboração.

Embora a falta de apoio que viessem a sofrer alguns desses pensadores de maior magnitude, pudesse até prejudicá-los pessoalmente, para Nestor Vitor a sociedade nada perde com o fato de esses espíritos passarem despercebidos, porque ainda não tem necessidade deles. Dessa maneira, retomando a questão da crítica:

Verifica-se por tudo isto que a crítica contemporânea é um instrumento secundário de depuração e indício bastante falível de critério de um dado momento. Ela, como tudo o mais, está em função do meio onde se produz e só pode destruir o que traga em si próprio o germe da destruição: o que não presta ou então que venha inteiramente fora de seu tempo. Se não existisse tal crítica, nem por isso o que ela pensa ser por sua ação arrasado ficaria de pé, como não deixara de prevalecer o que julgue vingar porque teve sua consagração. Quando ela é justa, apenas antecipa o que com o correr dos dias, mesmo sem sua interferência, ficaria assentado.

Seja, porém, como for, o crítico contemporâneo deve apenas considerar-se um simples ministrador de elementos à crítica definitiva, em que a colaboração do tempo é verdadeiramente essencial. Por mais imparcial e arguto que ele se presuma, nunca saberá bem ao certo até que ponto seus modos de ver coincidirão com o critério do futuro. Na suposta imparcialidade pode haver muita paixão inconsciente, na argúcia, tida como tal hoje em dia, quem sabe não existe lastimável vício de visão, motivado por um centro de perspectiva infeliz que se adote ou outras coisas assim. O que pode tranquilizar um pouco quem toma sobre os ombros tais responsabilidades, será a consciência da honestidade

*que acaso o anime, da pureza e elevação que ele saiba existirem nas suas intenções.*¹⁷²

Mais do que isso, para Nestor Vitor a própria crítica teria a importante tarefa de, além de informar e avaliar o seu circuito literário contemporâneo, servir de documentação, como fonte (tal como se propõe neste trabalho) de investigação da sociedade e do período em que foi produzida. Pois, segundo ele mesmo, *a crítica, tanto mais a crítica das coisas contemporâneas, como ramo literário é apenas mais uma concorrente no acervo de obras que oferecemos ao juízo do futuro. Ela vai falar com mais segurança, afinal de contas, de quem a fez, e da época em que foi feita, do que dos próprios objetos a que conscientemente se consagra.*¹⁷³

O traço do crítico de fato é sempre particularizado pois, *no fundo, por maior boa vontade que tenhamos de falar de alguém, e o façamos embora produzindo uma obra prima, falando de outrem é sobre nós principalmente que conseguiremos falar.*¹⁷⁴ Ou seja, aquele que escreve não consegue se desprender da sua personalidade, ao contrário, ela se faz sempre presente através de seus textos, ao passo que quando se tenta abstraí-la o que se acaba produzindo é uma obra descaracterizada.

A crítica, como se viu, também não exclui parcialidade: *que esta seja involuntária é o que se pode exigir de quem toma a pena para julgar.*¹⁷⁵ Isto porque a verdadeira função do crítico literário, segundo Nestor Vitor, consiste em votar um amor especial às letras e naturalmente ainda mais as do seu país. Seu dever é demonstrar esse amor *porque as estuda, porque as acaricia, certo que com discernimento, mas sem estreiteza, sem*

¹⁷² Ibid., p.210-11.

¹⁷³ Ibid., p.211-2.

¹⁷⁴ Idem. Introdução à *A Sabedoria e o Destino*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 22.

¹⁷⁵ Idem. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit., p. 165.

*exclusivismo literário algum. Mas acima de tudo: porque as estimula mais que a qualquer outra manifestação do pensamento.*¹⁷⁶

Nestor Vitor foi um intelectual de extrema perspicácia, capaz de observar e analisar os fenômenos da sua contemporaneidade com a segurança de quem, além de desfrutar de um fino senso estético, possuía a inteligência exigida para tanto.

Ao se referir a Sílvio Romero em um dos seus artigos, por exemplo, Nestor Vitor depois de discorrer sobre a “revolução” que ele marcara nas nossas letras, sua forma de exercer a crítica sendo um sociólogo antes de um crítico literário, ou ainda, um Taine pelo avesso, *um Taine de que se vê sobretudo são os andaimes, isto é, a ciência, as teorias, os a-propósitos, senão os sem muito a-propósitos do assunto em questão*, sua facilidade de se apaixonar pró ou contra os autores e da mesma forma por quem os comentava – não raramente caindo em excesso oposto –, tudo devido a sua infantilidade e a sua incapacidade de odiar a alguém, concluía nos seguintes termos:

*Dispondo-se de todos estes elementos, compreender-se-á que o seu livro seja, de fato, como ele o quis fazer, “um trabalho naturalista sobre a história da literatura brasileira”, mas de que o melhor dos retratos, o mais curiosamente feito, aquele que mais clara idéia há de no futuro dar de um nosso homem de letras, como o nosso meio atual o formou, será, penso eu, o próprio retrato do nosso bravo autor.*¹⁷⁷

Nestor Vitor costumava dizer que *as idéias não separam corações se estes por si continuam a corresponder-se.*¹⁷⁸ Assim, embora Romero representasse uma visão contraditória ao seu entendimento do exercício da crítica, Nestor Vitor buscava a melhor maneira de expressar suas idéias opostas, pode-se dizer, a forma mais suave, a mais *simpática* de se contrapor. Aliás, esta é uma outra característica do *estilo* próprio deste

¹⁷⁶ Idem. *Os de Hoje*. São Paulo: Sociedade Editora Ltda, 1938 (obra póstuma). In: *Obra crítica...* v. II. Op, cit., p. 374.

¹⁷⁷ Idem, *Cartas à Gente Nova*. *Obra crítica...* v. II. Op, cit, p. 166.

¹⁷⁸ Idem, *Os de Hoje*. *Obra crítica...* v. II. Op, cit, p. 282.

crítico. Segundo ele mesmo, *a inteligência é por índole egoísta, antes de tudo é um instrumento de defesa a depois de domínio: a bondade é que a torna distributiva e pródiga, e por isso, em última análise, é que a amplia, ampliando os seus fins*. Assim, demonstrava rigidez, sensibilidade, moralismo, mas ao mesmo tempo uma erudição extraordinária.

Provido sempre de termos amigos, Nestor Vítor devolvia aos literatos cartas sobre as produções que estes haviam lhe enviado para apreciação, apontando-lhes as faltas, os excessos, os problemas que ele via na obra e as virtudes também, ou seja, a crítica. Mesmo que uma obra se mostrasse por demais deficitária, dispunha sempre do modo menos traumático de dizê-lo ao seu autor. Talvez muito em função desta relação, conseguiu manter a respeitabilidade que alcançou no âmbito literário, sobretudo entre as gerações mais novas que passavam a figurar neste circuito. Assim mostra Jackson Figueiredo no prefácio do livro de Nestor Vítor, *Cartas à Gente Nova*:

Digo mesmo sem temor de parecer exagerado: dificilmente o futuro historiador das nossas letras poderá definir com exatidão o papel que exerceu Nestor Vítor em meio da gente moça a que os tenebrosos dias da Grande Guerra apressaram a madureza do espírito e aguçaram a capacidade da análise introspectiva. A verdade é que foi mais que um mestre, mesmo no sentido mais nobre da palavra, mais que um irmão mais velho, mais que um chefe de movimento literário: tem que ser comparado a uma paisagem, a uma daquelas estepes do Norte, de que fala Valois, nas quais, em noites de maio, não é possível distinguir Levante e Ocaso, porque o céu "no mesmo instante, em seus dois pontos extremos, apresenta resplendores iguais, de que uns, no entanto, pertencem ao fim do dia, e os outros à sua aurora".¹⁷⁹

Por mais difícil que seja a definição do papel histórico exercido por Nestor Vítor, os indícios encontrados no interior do seu próprio texto indicam um possível caminho que leva ao encontro do crítico, cuja constituição simbolista, revela um olhar que, além de dirigido aos conflitos e sensações de ordem intuitiva, também demonstra um interesse

¹⁷⁹ Idem. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 67.

atento pela produção intelectual e literária brasileira.

Nestor Vitor, neste sentido, mantinha-se atento a todas as novidades que surgiam no campo das letras, disposto a ouvi-las e conhecê-las para tentar então compreender o rumo que tomava a literatura nacional. Isto, com efeito, possibilitou inclusive o seu diálogo com a geração dos modernistas. Considerava que na crítica também se deveria acompanhar a linha da vida. O crítico, tendo por objeto os *idealistas da natureza*, deveria escolher outro ângulo do qual os pudesse melhor acompanhar se acontecesse destes mudarem de ponto de vista. E como tal, estava acontecendo:

*Só quem não tem olhos para ver, ainda aos escritores já formados e definidos, pode não se ter apercebido de que tudo está mudando, até nossas letras, com a mudança do mundo. Enquanto neste a obra dos que dominam na hora é de destruições e calamidades que o coração não tem força para ir acompanhando emocionalmente com a compunção que correspondesse de modo exato à grandeza de tais barbaridades, quem quer que tenha na mão uma pena vai sentindo por instinto pender dela o mundo que há de substituir esses terríveis escombros de hoje.*¹⁸⁰

Um mundo que se projeta antes pelas mãos do escritor. Essas linhas foram escritas em 1918 e bem demonstram o ambiente de um período de guerra. Porém, na continuação já revela o espírito combativo de caráter nacionalista que marcou fase em toda literatura brasileira:

*Quem ora não mata, criando o vácuo, tem por obrigação empenhar-se por que se produza um fiat. O escritor deve ser o arauto da nova cruzada que se impõe. Aquele que escrevendo com fins pacíficos não for edificante hoje, é um corsário sobre todos odioso, depredando sem finalidade fora das águas em que a luta se considera legal ou pelo menos indeclinável. É um pirata das economias humanas que ainda não se tornou inevitável lançarem-se à voragem.*¹⁸¹

É interessante notar que Nestor Vitor, apesar de se manter atualizado no debate com as novas manifestações, não só literárias mas artísticas em geral, manteve uma unidade quase sem contradições no interior de sua obra. O papel do escritor, por exemplo,

¹⁸⁰ Idem. *A Crítica de Ontem*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p. 256.

¹⁸¹ Ibid., p. 256.

foi um tema recorrentemente explorado por ele, reafirmando sempre um caráter social que este tinha a desenvolver, o *arauto*, na verdade, das novas cruzadas:

Atravessamos um período de formação da nossa psiché, e a quantos manejamos uma pena cumpre não esquecer que a nossa missão mais alta por enquanto é a de educadores, de pais espirituais da massa que se vai entre nós organizando.

Quem não confie e não creia, quem mesmo propriamente não sonhe, ainda não tem uma função normal entre os escritores deste continente.¹⁸²

Esta função a que Nestor Vítor se referiu foi posterior e consistentemente analisada pelo crítico Angel Rama.¹⁸³ A classe letrada, segundo Rama, desempenhou um importante papel no planejamento, evolução e desenvolvimento dos centros urbanos como núcleos de poder na América Latina. Desde a remodelação, a partir da conquista, do Novo Mundo até os dias em que vivemos esta *intelligentzia* – que só é possível dentro de uma estrutura cidadina – vem agindo articuladamente na ordem abstrata dos signos, orientando e dominando a *cidade real*. Ora vinculada à uma tradição conservadora e ordenadora, ora à uma perspectiva mais revolucionária e modernizante da sua função, quando não a ambas concomitantemente, a *cidade letrada* esteve sempre relacionada ao exercício do poder. Não apenas como servidora das Instituições burocráticas a que se manteve ligada boa parte da intelectualidade, mas também devido à sua *peculiar função de produtores, enquanto consciências que elaboram mensagens, e, sobretudo, sua especificidade como desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição de ideologias públicas.*¹⁸⁴ A classe letrada, portanto, não apenas foi veículo de um poder, como também foi dona de um poder próprio, o da elaboração.

Para Nestor Vítor ainda, o intelectual, o escritor teria para si uma árdua missão.

¹⁸² Idem. *Os Anais*, seção “A Livraria”, 6-9-1906. (publicado sob o pseudônimo *Nunes Vidal*). In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit., p. 9.

¹⁸³ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 47.

Assim, revolucionários e conservadores a um tempo, os intelectuais hoje em dia conscientes do papel que lhes incumbe, são talvez até agora, de todos os homens que têm existido, aqueles que sentirão sobre os ombros o peso de uma responsabilidade maior. Tal tarefa seria a de salvaguardar tudo que a humanidade havia conquistado até então, representado na moral e nos ideais estéticos, mesmo que sentisse que eles iam se tornando insuficientes ou anacrônicos. Para ele, frente aos conturbados eventos que se sucediam na virada do século, nossa história não poderia correr o risco de ser perdida, devendo ser cada vez mais registrada, cada vez mais investigada.

2.4 NESTOR VÍTOR E A HISTÓRIA

Nestor Vítor, embora denunciante das mazelas sociais e culturais que assolavam a sociedade de seu tempo, não renunciava à esperança de se construir uma vida mais digna, mais humana. Para tanto, a atuação da intelectualidade seria imprescindível:

É que a Vida, apesar de tudo, já vai proporcionando este lento despertar. Virá um dia em que do campo teórico o Sábio terá a coragem de passar à realidade plena, de ir buscar a felicidade com toda pureza de intenções, de fruí-la com toda limpidez de uma consciência que não se deixa ilaquear, e pela forma mais ativa possível, – amando, fazendo feliz tudo o que em torno lhe esteja e possa receber sua influência, mas isto fundamente, humanamente, por uma forma intrépida e cabal, própria das consciências verdadeiramente robustas. De modo que caminhamos para o dia em que Vida e Sabedoria, Realidade e Felicidade, Aceitação e Vitória serão mais ou menos sinônimos. Enquanto lá não chegamos, contentemo-nos em sonhar, em aspirar, em tentar.¹⁸⁵

O importante era acreditar que poderia haver transformação. Primeiro porque a realidade é o que de menos real poderia existir, seria quando muito a mínima parte do que se deva chamar a *verdadeira realidade real*. Para ele, não deveria ser mais do que uma pobre sugestão destinada a fazer-nos imaginar o que seja a realidade infinita que nos

¹⁸⁵ NESTOR VÍTOR. Introdução do livro *A Sabedoria e o Destino*. Obra crítica... v. II. Op,cit, p. 40.

escapa. Segundo, porque o que ele não acreditava era que o nosso destino não fosse magnífico, mais inclusive do que se pudesse conceber; não acreditava possível que a natureza medisse a grandeza de seus fins e o esplendor da sua obra pela estreiteza do nosso horizonte visual e das nossas pobres concepções humanas.

O pessimismo, neste sentido, seria um sentimento inútil, pois *não é mais do que uma ingrata flôr degenerescente da felicidade*. Afinal, o pessimista não é o lavrador, nem o proletário que trabalha nas minas de carvão, mas Schopenhauer, por exemplo, do fundo dos seus aquecidos aposentos europeus, sob suas confortáveis peliças e graças à firmeza constante de sua situação econômica. Isto porque, quando a vida atinge certo grau de dificuldade, só se pensa em viver; quando ela atinge certo grau de conforto é que nos lembramos de apresentá-la sem encanto.¹⁸⁶

A idealização de um mundo em que as verdades morais, espirituais e sentimentais desenhariam-se mais sugestivas do que designativas também foi uma novidade trazida pelos simbolistas. Uma vez reabilitada a fantasia, que até certo ponto havia sido banida da arte pelo Realismo, legitimou-se a convicção de que a alada imaginação corresponde a uma necessidade que o ser humano tem – necessidade esta brotada de razões profundas –, de evadir-se da realidade presente e circundante num mundo sonhado. Por outro lado, o simbolismo, à medida que apresentava sentidos e dimensões novas de um mundo supra-real, mostrava também um sentido diferente da realidade objetiva.

Embora os românticos já houvessem apontado para esse caminho, foi com os simbolistas, decididamente, que se passou a entender que a realidade objetiva, de que se toma consciência, tem um significado em si a partir do esforço intelectual, teórico. Tem,

¹⁸⁶ Idem. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 6-7.

antes, um sentido muito especial e circunstancial para quem a consciencializa. E foi esse sentido *personalíssimo, circunstancial e profundo* das coisas, da natureza, das pessoas, dos fatos, dos ambientes, do cotidiano, do passado que o simbolismo procurou expressar.¹⁸⁷

Nestor Vítor, ao compartilhar do momento em que novas formas de refletir, de agir estavam sendo elaboradas, testadas, pôde-se abandonar ao sabor dessas aventuras do pensamento. Ao acompanhar de perto o desenvolvimento da escola simbolista, abraçou seus preceitos de forma cabal, porém sem se deixar levar pela excentricidade e o virtuosismo formal que acabaram por caracterizar tal tendência estética.

Assim, pode-se entender com maior clareza a forte noção de contemporaneidade circunscrita nos seus textos:

*Todos nós temos que participar, mais ou menos, das ingenuidades, das frivolidades e até dos ridículos de nossa época. Participar deles em conta, em vez de prejudicar-nos, favorece-nos, prestigia-nos, completa em nós aquele ar de contemporaneidade indispensável a todos os tipos representativos, não só perante a gente da hora a que pertencemos, como diante dos posterios, mesmo. Aos olhos destes, tais frivolidades ou ridículos darão ao nosso ser encantado, de um ponto de vista retrospectivo, certo característico por que todos os homens se irmanam e solidarizam-se mutuamente, sendo ele o atestado de nossa fraqueza humana. – coisa essencial, entretanto, para se nos reconhecer dentro da Espécie.*¹⁸⁸

Ou ainda:

*Tem-se por coisa original geralmente aquilo com cujas fontes ainda não nos encontramos. Chegado um homem a certo grau de cultura, perde a ilusão dessa grande originalidade sonhada a princípio. Vê que os maiores escritores de todos os tempos não representam uma grande diferença senão no seu conjunto, – pelo seu temperamento, pela altura de suas visões, por sua maior ou menor capacidade de expressão – coisas que tornam novo o seu pensamento, porque este, no fundo, é antes propriedade de sua época, lhe é imposto, de certo modo: ele não tem o poder de recusá-lo ou de radicalmente refundi-lo.*¹⁸⁹

¹⁸⁷ AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira* (Séculos XVI - XX). São Paulo: Edição Saraiva, 1958. p. 144 -5.

¹⁸⁸ NESTOR VÍTOR. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 178-9.

¹⁸⁹ Idem. *A Crítica de Ontem*. Obra crítica... v. I. Op, cit. p.295.

Nestor Vítor tinha consciência da efervescência, da grande movimentação de idéias sugeridas pelo seu tempo e neste sentido declarava: *Estamos, com o mundo inteiro, numa volta da história.* Porém, tinha a consciência também de que a sucebilidade dos eventos não se restringia a um direcionamento preestabelecido. *Amanhã, dizia, podem vir acontecimentos que transfîgurem os espíritos ainda em formação aqui.*¹⁹⁰ O futuro, assim, caberia ao devir, enquanto o passado seria inteligível de acordo com as interpretações que o determinado presente lhes propusesse:

*No programa que [as ações que alguns homens do passado] trazem, sempre existe uma parte boa ("não há erro que não tenha um fundo de verdade"), porém ou muito mal formulada ainda, ou complicada de tanta extravagância que o bom senso humano as repele, como se se tratasse de um desvio absoluto, até que outras épocas chegam, depuram a verdade ali contida, contemplam-na, dão-lhe então evidência numa fórmula feliz, modelam-se à sua feição, cabendo só aí, a essa verdade, a glória de propriamente Ser.*¹⁹¹

A própria idéia de história, para Nestor Vítor, ficara evidenciada a partir de Nietzsche: *a história é um tribunal, não há dúvida, mas um tribunal como podemos, nós outros, pobres homens, criar. É um instrumento de organização ou de combate, que cada cultura utiliza como convém melhor aos seus instintivos intuitos. Volonté de Puissance.*¹⁹²

Para ele, os alemães haviam feito um moderno e extraordinário esforço para persuadir o mundo de que julgando o passado tinham eles intuitos puramente culturais. De que somente eles é que começavam então a escrever propriamente história, pelo privilégio de sua capacidade para erudição, pelo transcendentismo de seu espírito, pela seriedade que tinham os seus homens de ciência. Desta maneira, consideraram o historiador como pertencente ao número destes e a análise, tal qual nas outras ciências, como coisa essencial ao seu método. O mundo inteiro, inclusive os franceses, hipnotizados pelos filósofos

¹⁹⁰ Idem. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 260.

¹⁹¹ Idem. *A Hora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. In: Obra crítica ... v. I. Op, cit, p. 84.

¹⁹² Idem. *O Globo*, 2-6-1930. Obra crítica... v. III. Op, cit, p. 266.

germânicos, deixara-se arrastar por eles, aceitando-os com a maior confiança como se propuseram.

No entanto, somente muito tempo depois foi que se pode verificar que *sob a capa da ciência, os historiadores alemães eram, por instinto, muito bons imperialistas, e concorreram poderosamente para criar a atmosfera de que resultou por fim na Guerra Grande*. Por outro lado, não se poderia negar eminência a um Gervinus, a um Niebuhr, a um Mommsen, inclusive como artistas. Embora Nestor Vítor considerasse, ao mesmo tempo, que esses escritores não tivessem a clareza, a simplicidade e, sobretudo, o encanto intelectual de um Guizot, e muito menos ainda pudessem se comparar em sensibilidade literária com um Renan, com um Taine, para nós latinos seria muito mais laborioso estudá-los do que estudar os grandes franceses. Aqueles, pelo menos, sendo poetas de grande envergadura, trazem alta visão, *ou para solapar, pulverizar as bases tradicionais da história ou para reconstruir outra história, para pôr de pé os grandes tipos sob nova luz*.¹⁹³

Mas mesmo Nestor Vítor percebia que os próprios alemães já estavam seguindo outro rumo:

*Sobretudo Goethe e Nietzsche, espíritos intuitivos por excelência, é que os inspiram. Ler um Spengler ou um Keyserling, se conseguimos bem entendê-los, é um grande encanto, pois estes, poderosos poetas também, põem, no entanto, francamente a intuição acima dos recursos da ciência como sendo o melhor meio de julgar. Para eles, quer o fato quer a história rigorosamente fiel do indivíduo são coisas de segunda ordem. O que é preciso apanhar dos fatos é o sentido e do homem o símbolo que ele represente.*¹⁹⁴

Essa constatação levava o crítico a indagar se estavam estes mais certos do que os outros, e a resposta vinha de forma elucidativa: *Estão, pelo menos, mais alto; fazem a*

¹⁹³ Ibid., p. 266.

¹⁹⁴ Ibid., p. 267.

*história dar a mão mais francamente à lenda, são mais lealmente, mais descobertamente poetas. Têm fim cultural, sem dúvida; mas que, já se sabe, há de redundar necessariamente em proveito do prestígio deles, do povo ou da raça que representam.*¹⁹⁵

Havia nele a preocupação de que aqui no Brasil, em consequência da busca do progresso material e da crise financeira que assoberbava o país, os quadros culturais ainda tão mal organizados que eram, corriam o risco de *cair aos pedaços* em detrimento da falta de uma atmosfera favorável para o desenvolvimento do pensamento. Embora houvesse moços de muito talento nas diversas esferas da atividade, quando se tratava de coisas que requeressem certa transcendência, principiando pela política até chegar-se às puras letras ou à filosofia, a todos, com exceção dos cientistas da ciência aplicada, Nestor Vítor julgava faltar cada vez mais estímulo, porque faltava ambiente para desenvolverem-se e se imporem à coletividade. E ressentia-se, sobretudo, desse panorama porque para ele a guerra verdadeiramente decisiva era sempre a das idéias.

Mesmo assim, além de se tentar superar tal situação, dever-se-ia, utilizando-se dos instintos de conservação e defesa, tratar dos assuntos históricos nacionais, e inclusive do folclore, pois para ele: *Lembrar-se e honrar-se o passado é sinal de que se tem preocupação com o futuro, ao menos subconscientemente, é revelar-se que na realidade ainda não se quer sucumbir. É volonté puissance.*¹⁹⁶

2.4.1 Essa tal modernidade...

Para Nestor Vítor, a Grande Guerra havia proporcionado mudanças radicais nas

¹⁹⁵ Ibid., p.267.

¹⁹⁶ Ibid.,p.267.

tendências e em todos os campos de atividade. Era como se a guerra houvesse levado tudo o que era, e chegassem, não se sabe de onde, novos ocupantes, a cujos olhos o que estava era como se nunca estivesse estado, o que foi como se não tivesse sido. O pós-guerra, em tal sentido, era de uma ingenuidade que, segundo ele, estonteava.

Por toda parte sentiam-se essas novas forças, num movimento que mal se podia acompanhar, mas que empolgava, que enfebrecia. Na filosofia, na alta ciência, nas letras, na vida social, na vida política, nada os satisfazia, nada os tranquilizava. Mas, senão toda a massa anônima, ao menos a camada que emergiu com os que sonhavam, pensavam e mandavam, a contrapelo do que era teoricamente aceito ou se achava estabelecido antes da guerra, ia-se conformando com as novas tendências de maneira que pareciam terem vindo instintivamente com elas.

Na verdade, os anos que decorreram de 1910 a 1920 enquadraram, muito em consequência do simbolismo (espiritualista, aristocrático, esteticista, paradoxalmente afrancesado e nacionalista), a gênese do Modernismo: então, acontecimentos de vária ordem, como o movimento geral das idéias na Europa e a I^o Grande Guerra (com suas desilusões políticas, sociais e morais) foram impondo um espírito, uma mentalidade e um sentido ativo, completamente novos perante os problemas gerais da cultura e os problemas imediatos da vida brasileira. Uma nova geração, integrada não apenas por jovens, mas também por homens, já então da velha guarda, abertos ao progresso das idéias, aqui e ali se insinuava na vida mental do país, e acabou por se impor, revolucionariamente, depois de 1920.¹⁹⁷

Ainda que o esquecimento dos novos expoentes das gerações que os havia

¹⁹⁷ AMORA, ... p.178.

precedido, incomodasse a Nestor Vítor, admitia que as grandes transformações se operam de modo contraditório. De qualquer forma, para ele nada mais lógico: as letras tinham que traduzir, por força, tal estado de espírito.

Assim, *guerra ao que se foi, principiando pelo verso. Verso novo, ritmo novo, e, para os falsos poetas, nada de verso, até nada de ritmo propriamente dito. É pouco: mesmo na poesia, tudo, mas poesia não. "A arte é um brinquedo e nada mais".*¹⁹⁸

Para Nestor Vítor, o futurismo, o cubismo, o dadaísmo, o expressivismo, o supra-realismo ainda não haviam dado e parecia não poderem dar um grande vulto. No entanto, o que considerava ser sua contribuição mais importante eram os seus programas. E mais: com essa orientação ninguém mais poderia apresentar nada que se pudesse dizer bem atual. Fora por bovarismo que, segundo Nestor Vítor, essas tendências estéticas invadiram o país. A vanguarda brasileira soube se aproveitar desse momento, afinal, dizia ele, *esse era o único meio de fazermos, sem dúvida, pela primeira vez, obra nossa. Ruim, mas nossa!...*

Criava-se, pois, no Brasil um interessante espetáculo intelectual, novo como novo era o momento que o país atravessava. Porém, o seu lado mais sério, segundo Nestor Vítor, só com o correr dos dias poderia ir se tornando mais patente, porque era próprio da época do *jazz-band* julgar-se que só a extravagância, senão a loucura deveria prevalecer.

Ao personificar, geralmente, de um modo essencial o indefinido e a instabilidade do seu tempo, para ele, numa coisa, entretanto, aqueles vanguardistas eram invariáveis: todos eles vinham, mais ou menos, *brincando*. Esse era um dos meios mais fáceis de distingui-los. Nunca o divertimento se havia generalizado como então. A cara alegre, os ares leves eram a forma mais comum de heroísmo da época. Até nos rimos para não parecermos mal

¹⁹⁸ NESTOR VÍTOR. *Os de Hoje*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 296.

cotados, dizia Nestor Vítor. Mas não só por isto, as pessoas, segundo ele, procuravam mesmo rir por gosto.

E o crítico procurava o significado desse riso. Corresponderia talvez ao tão conhecido fenômeno da ebriedade, do contentamento em que se cai, como uma criança, após grandes catástrofes sociais, à exemplo da guerra. Para ele, aquela arte barulhenta que se vivenciava era singular, porque quanto mais procurava imitar a vida nos seus aspectos estúrdios e vãos, quanto mais para isso proclamava ser a negação de si mesma, porque se recusava a tomar-se a sério, e assim menos se fazia entender.

As artes plásticas, a música e a literatura, inclusive o teatro, que fossem conseqüências de tal gosto, combinavam-se com as manifestações do momento, mas apenas para melhor caracterizar o estonteamento deste, o seu amor ao escândalo, a futilidade chispante e cínica. O público via, ouvia ou lia, ria ou sorria, sacodia a cabeça, sem nenhuma indignação, é certo, mas também não se entusiasmava. Isto, dizia Nestor Vítor, porque não entendia. Tais artes vinham, segundo ele, com a intenção de *instaurar o sentido esportivo e festivo da vida*. Mas, eram tão cerebrais, tão desumanizadas que só as poderia bem compreender a “aristocracia neuropática” – uma pequena humanidade que Epstein, um crítico judeu, descobriu e assim classificou.

Nestor Vítor entendia também que tudo isso, no entanto, visava a uma coisa justa: pôr abaixo o excessivo objetivismo em que caíra a arte ocidental. Em outras palavras, era um ataque formidável ao realismo. *Formidável não tanto pelo talento, mas pela veemência com que vinham os reacionários, quase todos em pleno vigor da mocidade.*¹⁹⁹

A preocupação em se produzir uma arte nacional, tal como preconizava essa

¹⁹⁹ Ibid., p. 325.

geração de vanguarda, era válida, inclusive essencial, porém, ela deveria também ser verdadeira, sincera com os parâmetros nacionais. Para ele, muitas vezes a ambição com que vinham os novos era a de fazer um novo Brasil, a de criar nesta terra e mostrar ao estrangeiro que se criou mais alguma coisa, além das maravilhas que a natureza pôs aqui. *Ser tacanho, ser estreito de alma trazendo tal programa, não é apenas incoerência: é estupidez, digamos, por mais duro que seja o vocabulário,*²⁰⁰ dizia. Ser moderno não era decididamente, para Nestor Vitor, ser europeu no Brasil.

A crítica lançada à geração modernista foi sempre questionadora. Possivelmente, por ter assistido à dissipação do próprio movimento simbolista, cobrava que seus representantes não se perdessem em meio à tentativa de levar ao extremo, ou ao exagero, a sua proposta estética. Além disso, e apesar das conquistas que as novas tendências vinham proporcionando à cultura em geral, para Nestor Vitor, enquanto não se realizasse a volta com que sonhava Goethe, do predomínio do espírito sobre o temperamento, em arte, esta indicaria que ainda não se havia saído do ciclo romântico aberto por Jean-Jacques Rousseau.

É interessante observar que, embora a obra de Nestor Vitor tenha discutido marcadamente a questão da estética tanto no seu âmbito literário como filosófico, o fio condutor, a linha mestra que fixou o seu pensamento foi de fato a determinante ética. O predomínio de uma cultura meramente estética, enquanto um legado do Renascimento italiano,²⁰¹ não contemplava sua apreensão da realidade brasileira. Sua profissão de fé em valores espirituais, ao invés da exaltação de uma cultura de caráter ornamental, bem

²⁰⁰ Ibid., p. 355.

²⁰¹ Sobre o assunto ver: MÁRIO VIEIRA DE MELLO. *Desenvolvimentismo e cultura*. O problema do esteticismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

demonstra seu posicionamento crítico frente a esta última, ainda que esta nunca tenha sido uma tarefa de fácil aceitação.²⁰²

Nestor Vítor há muito tempo já tinha essa consciência:

Hoje, quando se fala num moralista, põe-se todo mundo a rir. Moralizar, atualmente, é dar prova de pouquidade e demonstrar-se que não se tem nenhum sentimento do ridículo.[...] Principalmente tudo quanto tenda para reagir contra a obscenidade e a pulhice dos teatros e dos jornais é recebido como antipática manifestação contra a liberdade da arte e do pensamento, cujos órgãos faz-se acreditar serem ainda aquelas duas instituições. O argumento-clava, porém, é que impugnar tais coisas representa feio delito contra o bom-gosto.

Fazem-se órgão de tal defesa os jornalistas arvorados em arbitros de elegância, que se vestem como vestem a própria frase, - atormentadamente up to date. Porque, se há alguma coisa pela qual se vai ganhando certa superstição religiosa é a chamada “estética”, como a entendem esses novos Petronios. Desde que se respeitem os cânones da “estética”, somos irreprensíveis. E é indispensável fazer-se o nosso paladar ao faisandé no que respeita aos costumes para que não pecamos contra essas supremas leis. Conseqüentemente, para reconhecerno-nos como gentleman da gema, força é darmos provas robustas e incontestáveis de canalhismo elegante.²⁰³

E finaliza, ainda, com uma leve alfinetada:

Só se admite a censura quando esta possa chamar-se uma “perversidade”, quer dizer quando não tenha a intenção de corrigir, mas simplesmente de ferir, e por conseguinte quando não se preocupe com a justiça de seus fins, quando seja, numa palavra, apenas um vício a mais entre tantos outros “deliciosos” vícios que hoje indicam superioridade, aristocracia, um pouco por toda parte, é exato, mas principalmente no mundo da macaqueação, – no mundo rastaquera.²⁰⁴

A solução para o fim de toda essa “macaqueação” estaria no esforço de entender as

²⁰² No Brasil, com efeito, presenciamos ainda hoje um certo culto a esta cultura ornamentalista cujos aspectos estetizantes se sobrepõem a qualquer relevância moral que ela possa inspirar. Neste sentido, poderíamos utilizar, por exemplo, permitindo-nos com isso um salto temporal, do recente jargão “politicamente correto”. Ao utilizá-lo o que está em pauta é normalmente mais um posicionamento atual, contemporaneamente moderno, do que as implicações éticas que o assunto em questão tenda a suscitar. Quando se fala, como um outro exemplo, da integridade de uma certa pessoa, dificilmente este qualitativo assume o mesmo peso que quando se fala da inteligência de uma outra. As qualidades morais nos parecem às vezes pertencer a um mundo desencarnado, a uma certa irrealidade, de forma que quando ouvimos falar sobre alguém que as detém, temos a sensação de estarmos ouvindo uma lição aprendida de cor, uma lição articulada numa voz sem alma, numa voz de aluno que utiliza métodos mecânicos de memorização! No entanto, com que calor, com que entusiasmo, com que paixão não nos são muitas vezes descritas as realidades do mundo intelectual, a lucidez do homem, o seu domínio das palavras, a sua perfeita articulação das idéias! Como resultado temos que a má consciência do caráter e a boa consciência da inteligência tornam no Brasil tímidas as pessoas mais sensíveis aos valores morais (MELLO, 1980, p. 192-3).

²⁰³ NESTOR VÍTOR. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 139-140.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 140.

tendências e as idéias que chegavam de fora com vistas brasileiras, ou seja, a partir da realidade que circundava o país e não da realidade em que foram concebidas, a partir de um olhar crítico que equilibrasse os ideais éticos e estéticos de uma cultura em formação.

Nestor Vitor acreditava que antes de tudo era preciso pensar o Brasil, pensar uma *brasilidade* que ainda não existia. Para além dos aspectos artísticos e culturais, fazia-se urgente investir num crescimento político, econômico e social da nação. Numa época tão decisiva como a que se vivia então, era preciso sair da inércia, do comodismo a que elites estavam acostumadas. O Brasil era um potencial, mas seu sucesso dependeria da forma como os problemas seriam conduzidos. Neste sentido, não descansou a pena. Participando dessa discussão que girava em torno dos centros intelectuais, atuou como crítico ativo na construção de uma identidade nacional brasileira.

CAPÍTULO 3

POR UM BRASIL NACIONAL

A especial sensibilidade dos escritores permitiu-lhes, como uma espécie de vanguarda da sociedade, perceber e expressar mudanças que estavam ocorrendo no campo mais amplo da sociedade em que viviam. Não fosse assim, eles não teriam encontrado leitores que os compreendessem e apreciassem. Essas formas literárias constituem, na verdade, testemunhos da lenta ascensão, que pode ser observada em diversas sociedades, para um novo nível de consciência.

(Norbert Elias)

A década de 1880 marcou o clímax, no Brasil, da atuação revolucionária da geração então denominada realista, quer no campo da literatura de ficção e de idéias, quer no campo social e político. Porém, já em fins dos anos 80, abolida a escravatura, proclamada a República e pouco depois sistematizados os ideais da revolução na Constituinte de 1891, começou a manifestar-se, entre os próprios realistas e da parte de uma geração nova, a certeza de que o ideário da revolução mental, literária e política triunfante começava a ser superado, tanto pelo movimento geral das idéias na Europa como pela própria realidade nacional.

No tocante à vida política do país, caracterizaram essa época a insatisfação e a inquietação provocadas, por um lado, pelos monarquistas inconformados com a República – exemplificados nos artigos publicados por Visconde de Taunay, *Império e República*, entre 1890-1900; *Aos Monarquistas* de Afonso Celso, 1895; *A Ilusão Americana* de Eduardo Prado, 1896 –; por outro lado, pela irreconciliação das várias facções republicanas: positivistas, militaristas, civilistas, presidencialistas, parlamentaristas. Além disso, agravando a crise política, surgiam incidentais atitudes anarquistas e a ação

intelectual daqueles que, sem compromisso com o regime monárquico ou com o republicano, compreendiam de modo diverso a realidade nacional, e não vacilavam em afirmar a falência dos ideais republicanos e de sua constituição. Esses intelectuais acabaram influenciando a geração que veio a atuar nos movimentos da década de 1920, como Alberto Torres e Oliveira Viana, por exemplo.²⁰⁵

Essa época foi marcada também por uma imitação entusiástica da cultura francesa, leia-se com isso parisiense, tanto pela aristocracia dos dois principais centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, como pela maioria dos escritores. O francesismo era de fato a grande influência nas idéias, na literatura, na educação, no modo de viver, de se vestir, de se divertir, no urbanismo, na arquitetura, caracterizando uma tentativa de se sobrepor um estilo de vida e uma paisagem urbanística “raffiné” aos traços de uma cultura luso-africana. Com esse espírito, tiveram início as reformas urbanas no Rio de Janeiro e em São Paulo; promoveu-se a elegância feminina (silhuetas de cogumelo) e masculina, não raramente extravagante, refletida no “dandismo”. Promoveu-se também no refinamento de idéias e atitudes, tão típico da geração literária do começo do século, nas reuniões mundanas e literárias, nos cafés e nas academias; no monóculo de fita, nos bigodes encerados, na gravata “plastron”. Em tudo enfim que lhes conferisse um certo grau de civilização, nos moldes parisienses.

No encaço desse processo de refinamento que procurava sobretudo resgatar o país, ou ao menos sua aristocracia urbana, do vulgar e do caipirismo, encontrava-se um programa de desenvolvimento de instituições de cultura, de investigação científica e de ensino superior. Caso, por exemplo, da Academia Brasileira de Letras, dos institutos

²⁰⁵ AMORA, ... p. 134.

Manguinhos, Pasteur e Butantã e das escolas superiores de Agricultura, Engenharia e Medicina.

Esse período foi também marcado por uma campanha nacionalista que visava preferencialmente instaurar a fé no homem brasileiro e nos destinos do país. Por volta de 1890, essa campanha começou a reagir contra o ceticismo dos que se desiludiram, ou mesmo que nunca se iludiram com a República. E também contra a dominação do “esnobismo” francês e do influxo português, avivado por um novo surto imigratório dessa etnia.

Tal nacionalismo propunha-se a influir na política apelando para os poderes, no sentido de se vencer o caos criado pelas lutas partidárias e de se buscar leis e programas governamentais mais de acordo com a realidade brasileira. Pretendia igualmente influir sobre a vida mental, apelando para o conhecimento da realidade histórica e moral, sobretudo para o conhecimento mais íntimo do homem brasileiro. Esquecidos pela aristocracia europeizada, o mestiço, o negro, o índio, eram os verdadeiros potenciais humanos postos à margem das cogitações e mal compreendidos pelo realismo, e cuja defesa e educação eram essenciais ao reerguimento do país. Da mesma forma, esse nacionalismo inspirava a vida literária, apelando para a definição do caráter nacional da cultura e da literatura. A educação era dirigida à formação da infância e da mocidade escolar, através de um programa de elevado caráter cívico e patriótico.²⁰⁶

O nacionalismo dessa época não chegou, entretanto, a iniciar uma discussão sobre a realidade do país e a despertar as primeiras idéias de um movimento que originasse um país realmente *brasileiro*. Porém, enquanto muitos intelectuais preconizavam o

²⁰⁶ Ibid., p.139.

nacionalismo como panacéia das mazelas sociais, as elites políticas estavam convencidas de que o Brasil tinha que civilizar-se à semelhança dos modelos europeus.

À interpretação da realidade nacional calcada no realismo, particularmente em seu sociologismo materialista e seu espírito crítico, devem-se os primeiros estudos da nossa cultura, mas também a convicção notoriamente pessimista de nosso atraso, de nossas deficiências e de nossas anomalias étnicas, sociais e políticas. Muito dessa herança de descrença nas possibilidades da nossa cultura permaneceu. Em meio a essa interpretação, surgiu o movimento simbolista. Embora nos primeiros momentos tal corrente não tenha se distanciado muito do realismo, dando continuidade às preocupações sociais, antropológicas e culturais, ao mesmo tempo, proporcionou um outro olhar mais introspectivo da condição brasileira.

Uma vez restabelecidas a evidência e a prioridade da realidade espiritual pelos movimentos espiritualistas, teve início um processo de compreensão de um mundo, sem dúvida, abstrato. Mas, para a convicção geral, muito mais atuante e decisivo na história de um povo do que os elementos estritamente de ordem material, quer seja, o mundo da alma nacional, da psicologia e do caráter do povo, das virtudes morais da “raça”.

Assim, na grande maioria das obras dos literatos do período, verifica-se a certeza da deficiência e anomalias da cultura brasileira. Em contrapartida, a mesma certeza de que não faltariam ao luso-brasileiro, ao índio, ao negro, ao mestiço, reservas morais que lhes possibilitassem a ascensão cultural, desde que empreendida uma firme campanha de recuperação. Tal “descoberta” da alma popular e das proezas da raça que lograram a caracterização de alguns tipos regionais como o seringueiro, o sertanejo nordestino, o praieiro baiano, o gaúcho, o caipira, acabou também por chamar a atenção para uma

estudo dessa realidade só foi levado a cabo pela decidida orientação nacionalista do movimento modernista.

3.1 NA PAUTA DA CRÍTICA, A REPÚBLICA

Nestor Vitor considerava que a proclamação da República havia sido uma resultante da profunda transformação produzida na vida orgânica do país pela Abolição da escravatura. Esta, por sua vez, representava a vitória do elemento revolucionário em luta contra o elemento tradicionalista desde os primórdios da fase histórica da Independência.

No entanto, os tipos representativos da República refletiam, de maneira geral, o espírito de seus mandatários que eram os sucessores do velho fazendeiro, ou seja, desordenados, intranquilos, instáveis. Inclusive um pouco piores, ele dizia, pois além do instinto ditatorial dos seus antecessores, eram despidos de qualquer escrúpulo e de sentimento de justiça.

Ao se lançarem em busca de um novo ponto de apoio que representasse uma transição entre o braço livre e o escravo, os homens do poder corriam, segundo Nestor Vitor, grande risco. Isto, porque ele acreditava num espírito revolucionário que vinha atuando no Brasil desde a Independência. Este espírito (que não era, no fundo, mais do que espírito americano em organização por todo o novo continente), uma vez que se visse traído pelos seus representantes de ontem, *poderia esmagá-los, indo procurar no subsolo social as avalanches capazes de personalizá-lo e com ele identificar-se*. Tanto mais porque, para Vitor, os representantes da República viam no sistema federativo um auxiliar poderoso para qualquer obra de anarquização e esfacelamento, cujo resultado

exemplificava-se pela amoralidade política da época.²⁰⁷

Nestor Vítor achava que os republicanos podiam sentir tal perigo e, a par daquele *baixo e sorrateiro cesarismo*, procuravam desenvolver uma temerária política econômico-financeira,²⁰⁸ pela qual se distinguiam tão diametralmente dos estadistas imperiais.

Nesse sentido, advogava a adoção de uma política que privilegiasse a imigração européia, o aproveitamento das riquezas naturais do país, a solução dos problemas de comunicação terrestres e marítimas, por exemplo, para que se pudesse dissimular a decadência moral instalada sob o novo regime. Tal política mostraria, paralelamente, um “recoo” necessário para a acomodação das condições a que se vira lançado o país.

Porém, mesmo descrente numa atuação mais sensata por parte dos políticos, Nestor Vítor não se cansava de interagir com o seu público leitor, alertando para que não lhes deixassem faltar aquela vitalidade, coragem e espírito de iniciativa, característicos de países novos quando são viáveis. E ele acreditava que o Brasil o era.

O advento da República causou, de fato, uma grande repercussão também nas letras e no jornalismo. Os jornalistas e os literatos, na sua maior parte, viram-se obrigados a deslocar-se das posições em que viviam, bem ou mal, acomodados. De críticos e demagogos, como se caracterizavam a maioria dos que figuravam na imprensa da época, vários deles passaram a participar das responsabilidades do poder. Os que não colaboraram com o governo foram apanhados pela atividade industrial que se viu redobrada com o aparecimento de instituições democráticas. Os literatos que, por aquela época, mantinham íntimo contato com os jornalistas (sendo inclusive muitas vezes confundidos com aqueles),

²⁰⁷ NESTOR VÍTOR. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 212.

²⁰⁸ Sobre o assunto ver: *História geral da civilização brasileira – Brasil Republicano*, volumes organizados por Boris Fausto. São Paulo: Difel, 1974.

também não puderam se eximir da nova situação. De uma forma ou de outra, quase todos se destinaram ou a atividades burocráticas, alguns no ensino, outros na política, ou a dirigir, secretariar ou fiscalizar bancos ou companhias. Foi o caso de Nestor Vítor, por exemplo, que trabalhou como secretário na Companhia Metropolitana do Paraná.

A República se consolidou. No entanto, não exatamente como imaginara ou mesmo desejara grande parte da intelectualidade. O passo havia sido dado, porém, o rumo que tomou indicava outros caminhos. Trinta anos mais tarde, Nestor Vítor ao ressentir-se da democracia que ruía e se esclerosava em todos os lugares, afirmou: *Os tipos que ainda a representam de boa fé são os que mais depressa, justamente, ficaram anacrônicos, como podemos ver com os nossos republicanos históricos aqui no Brasil. (Eu também sou republicano histórico, e creio que a boa fé será o meu único valor, considerado como tal).*²⁰⁹

3.2 RIO DE JANEIRO, CAPITAL DA INTELLECTUALIDADE

O Rio de Janeiro foi, sem dúvida, a arena principal de muitos dos mais importantes acontecimentos da vida brasileira na virada deste século. Enquanto capital do país assistiu à desestabilização gradativa do Império até a consolidação definitiva da República. Era também o centro onde se concentrava a maioria da intelectualidade nacional. Afinal, como se dizia, era ali que as coisas aconteciam.

Nestor Vítor morou a maior parte de sua vida no Rio. Tinha, como todos, a consciência de que o homem de letras que quisesse alcançar amplitude nacional teria que freqüentar e fazer parte daquele circuito social e cultural. Notoriamente, os mais

²⁰⁹ Idem. *Os de Hoje*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p.295.

consideráveis poetas daqueles tempos formaram sua reputação à luz da então metrópole intelectual. Os outros que preferiam ou que, por outros motivos, se deixavam ficar na província, acabavam por ter seu prestígio irradiado em menor escala. O Rio de Janeiro tornava-se cada vez mais absorvente; e os intelectuais cada vez mais se fechavam em círculo, paradoxalmente em um país onde se instituíra uma federação.

Porém, para o espírito crítico de Nestor Vitor, esta não era a situação desejável, pois provinha *de uma lassidão moral sempre crescente em todo o país*. Por um lado, isso demonstrava que os estados iam perdendo o pouco sentimento de autonomia que já haviam tido - perda essa, conseqüente da passividade com que se submetiam aos detentores do poder. Desde que já não existiam mais as lutas travadas por esse poder nos estados, os que neles eram influentes, sob qualquer aspecto, sentiam que para se perpetuarem em suas posições bastava-lhes viver aliados aos poderes centrais do país.

Da mesma forma que o governo federal podia fazer cair por terra qualquer governo estadual, literariamente, os grupos fixados no Rio tinham o poder de destruir ou enaltecer uma obra, um escritor. Assim, uma vez que Rio de Janeiro detinha uma imprensa capaz de fazer circular a obra de um autor pelos quatro cantos do país, e não se tinha nos estados movimentos literários consideráveis, era “interessante”, para quem estivesse fora do meio carioca, obter a simpatia dos literatos e jornalistas que ali residiam. Como resultado, o centro, tendo o conhecimento de sua força, no campo político e literário, acabava tratando cada vez mais desdenhosamente os “desafortunados provincianos”.

Para Nestor Vitor, o resultado dessa situação era ainda pior:

Justamente porque o país abdica de si mesmo e entrega-se de pés e mãos ao Rio, o Rio vai perdendo sua condição de legítimo refletor da opinião nacional e tornando-se apenas um órgão artificioso, cheio de caprichos, tirânico, em tal sentido. A corrupção vai podendo lavrar mais e mais. A imprensa, que devia

*guiar o poder, ora torna-se cúmplice dos seus desvarios, ora reflete o mal-estar, a anarquia dos espíritos.*²¹⁰

Considerava também que, no Brasil, as vias de comunicação para as relações de ordem intelectual eram muito mais deficitárias, mais cheias de hiatos e de vícios do que os caminhos marítimos e terrestres para a comunicação de comércio e de indústrias. A razão, é claro, estava principalmente no Rio de Janeiro, não exatamente pela atuação dos representantes das letras, mas pelo estilo de vida que lá imperava.

O intelectual no Rio de Janeiro precisava antes de tudo viver, ou melhor, conviver, e isso significava seguir o comportamento que a sociedade impunha. Ele não era mais tão-somente um boêmio como fora noutros tempos. Agora, ele queria vestir-se, casar-se e acomodar-se bem. O momento para isso não lhe era desfavorável. Muitas das pessoas de destaque na vida social já se honravam de sua companhia, desde que, obviamente, ele também desfrutasse de alguma reputação. Uma parte delas, na impossibilidade de ser, fazia-se, ao menos, passar por homens de letras. Os literatos começavam, assim, a exercer certa influência, estendida também entre as mulheres que passavam aos poucos a se interessar de alguma forma pela literatura.

*De tudo isso resulta a vida de salão para os nossos intelectuais, que até há pouco quase que a não conheciam. Eles hoje dançam o to-step, o one-step, la matchiche e outras danças modernas às vezes com a perfeição dos melhores dançarinos. Quando não dançam, dizem versos e ouvem música, de que se vão tornando até bons críticos. Compreendem desde Wagner até Debussy.*²¹¹

A vida de salão, a que se referia Nestor Vítor, foi marcada sobretudo pela moda das conferências literárias. Embora se possa falar de conferências realizadas em períodos anteriores, sua época de excelência foi, certamente, a primeira década deste século.²¹²

²¹⁰ Idem. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p. 180.

²¹¹ Idem. *Três Romancistas do Norte*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1915. In: Obra crítica ... v. I. Op, cit, p.170.

²¹² BROCA, ... p.136.

Eram conferências pagas, na maioria das vezes, por quem as assistia e para quem as pronunciavam. Nesse sentido, situações interessantes, quando não bizarras, aconteciam para chamar a atenção do público sobre essas apresentações, uma vez que elas tinham se tornado uma verdadeira *epidemia insuportável*.

Por outro lado, além do lucro financeiro, os escritores inclinavam-se para essa atividade porque vivia-se uma época em que o sensacionalismo começava a se implantar nas letras. E, na ausência de um sistema de propaganda literária massiva, as conferências transformavam-se nos melhores meios de promoção de um literato, ou mesmo, de um pretense literato. Nas palavras de Nestor Vítor,

*As visitas que o literato faz aos salões lhes são generosamente pagas pelas cheias à cunha que vários deles obtém da nata social feminina e masculina, quando realizam suas conferências ou seus mais complexos festivais artísticos-literários. Até quem vos fala, apesar de tão pouco mundano e tão canhestro, já os realizou, e pode envaicidamente dizer que com bom êxito.*²¹³

Embora dessas conferências tenham frutificado alguns bons exemplares da literatura brasileira,²¹⁴ o que prevalecia normalmente era divagações de pura forma, temas que mais lembravam os moldes de expressão inferior do parnasianismo, tais como: “A Água”, “O Fogo”, “O Dia e a Noite”, “A Dança”, “O Espelho”... Como o público era mais aliterado do que realmente voltado ao profundo conhecimento das letras e sendo as conferências pagas, o que se tratava de fazer era, de fato, agradar à freguesia. O próprio Nestor Vítor dava o tom daquelas conferências dizendo-se *tão pouco mundano e tão canhestro*. E como bem observou Brito Broca:

[...] o êxito do gênero resultou, principalmente, do seu caráter mundano. Tratava-se de uma reunião social, onde as mulheres, geralmente, iam com o espírito com que se vai ao chá-dançante, e os homens acorriam, em parte, para

²¹³ Nestor Vítor. *Três Romancistas do Norte...* p.170.

²¹⁴ Ver Brito Broca. *A Vida Literária no Brasil - 1900*. Op, cit.

*ver as mulheres. Além do que, uma circunstância importantíssima pesava no caso: em Paris se fazia assim, êsse era o chique em Paris.*²¹⁵

E chique em Paris, *chiquérrimo* no Brasil, ao menos para a época.

Mas a vida do literato no Rio de Janeiro não se resumia apenas aos salões de conferência, como nos lembra Nestor Vitor. Havia ainda os salões familiares, os salões de pintura, a Academia Brasileira, a recente Sociedade dos Homens de Letras e, com a grande guerra, as festas da Liga pelos Aliados, além de outras pelas vítimas da seca ou dos jagunços do sul, os cinemas, os teatros, os piquiniques, os casamentos, as casas de chá.

Nem tudo, porém, era divertimento. Havia o *terrível ganha-pão*: a sala do jornal ou o emprego público sob qualquer modalidade; as visitas de imediato interesse; as cartas, os cartões, telegramas; os enterros; as missas; as entrevistas; as *trepações* literárias por política literária nas livrarias ou cafés. Havia ainda os artigos de encomenda para abrilhantar as revistas e os jornais e as poses nos fotógrafos para os clichês dos diários e semanários. O literato tinha de freqüentar as redações mesmo que não fosse daquele meio, pois esta era uma forma de se manter próximo dos jornalistas e talvez conseguir uma nota sobre a sua última obra. E naquela vertigem, tinha também que se esquivar das brigas, *quase sempre por letras ou por amores*, das intrigas no ofício, dos combates a *pistolão* nos corredores das Secretarias.²¹⁶

Nestor Vitor circulou por todos esses ambientes da vida carioca; afinal, como ele mesmo dizia, o homem devia sempre seguir o seu tempo. Mesmo assim, isso não o impedia de enxergar o que ocultava esse comportamento. Para ele, levava-se *uma vida de aparência muito brilhante, é certo, mas quase sempre muito vazia, e principalmente*

²¹⁵ Ibid., p.141.

²¹⁶ NESTOR VÍTOR. *Os Três Romancistas do Norte*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p.171.

*muito inferior, além de tudo pela nossa iniquidade, pelo nosso egoísmo.*²¹⁷ A multidão que aos poucos passava a se aglomerar no Rio, contribuía em grande parcela para tal situação, pois, para ele, todos se pareciam *farinha do mesmo saco*.²¹⁸ A estandartização verificada nas ruas era decorrência, menos da miséria do que do soerguimento do padrão de vida. No anseio de compor efetivamente o momento, as pessoas acabavam suportando e obedecendo a todos os excessos e, com isso, relegando seu senso crítico a último plano.

Contudo, viver na metrópole não deixava de configurar uma aventura. Sua modernidade, de fato, seduzia. O Rio de Janeiro representava ainda a “Meca” para os literatos do início do século: por mais que lá não estivessem, para lá estariam voltados seus olhos. É que as metrópoles exerciam uma importante função, a dos banhos químicos, ou seja, *revelam, muitas vezes, nos indivíduos o que eles não julgavam trazer e levam na lavagem quanto não pode resistir à prova, que, no entanto, eles pensavam lhes ser característico e inalienável. Não transfiguram as naturezas; antes as põem bem a nu.*²¹⁹

Paralelamente àquela vida de frivolidades e ao mesmo tempo de empenho em se afirmar enquanto um profissional das letras, a preocupação em se respaldar histórica, política e economicamente esta nação em vias de consolidação tomava corpo e se inseria na pauta do discurso da intelectualidade de forma significativa. Os textos dos autores da época dão testemunho dos diversos modos pelos quais se tentou resolver a questão da identidade nacional. Como quem parte em busca da fórmula secreta que a todos os males poderia curar, os literatos de então mergulharam num projeto ao qual sentiam-se compelidos a adicionar seus esforços pessoais, imaginativos e teóricos. Desempenhavam

²¹⁷ Ibid., p. 171.

²¹⁸ Idem. Três livros de conto. *O Globo*, 14-4-1930. In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p. 265.

²¹⁹ Idem. Antecipações e relembração. *O Globo*, 28-7-1930. In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p. 276.

sistematicamente seu papel de agentes históricos num momento em que todos os campos do conhecimento e atuação humana passavam por uma inovação, ora sublime, ora trágica.

3.3 A CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO NACIONAL

Não menos influenciado pelo clima cultural de seu tempo, para Nestor Vitor, o Brasil somente poderia se afirmar enquanto nação independente e consolidada e com isso, evitar a reverência total ao crescente imperialismo europeu e norte-americano, se investisse numa descoberta e no desenvolvimento de uma originalidade nacional, se conseguisse demonstrar seu alto grau de organização e desenvolvimento cultural.

Por mais que o tema da construção da nacionalidade brasileira tenha inspirado a quase totalidade daqueles intelectuais, a interpretação, o olhar de cada um deles foi sempre particularizado, uma vez que passou pelos filtros dos referenciais que lhe eram próprios e que compunham a sua formação intelectual.²²⁰

Assim, para Nestor Vitor, era preciso que o Brasil *arejasse o cérebro*, tornasse-o mais complexo, mais transcendental, ou ainda, que se interessasse, não só pelos seus problemas, como pela vida do planeta, se integrasse na civilização conforme suas forças já lhe permitiam.²²¹ Mas, ao tentar inserir o Brasil num *humanitarismo cosmopolita*,²²² acabava aludindo a um sistema de pensamento, herança distante do Iluminismo, reavivada pelo positivismo e pelo evolucionismo progressista liberal. Um conceito complexo que se traduzia, na prática, pela elevação da humanidade em conjunto, sem distinções nacionais, à

²²⁰ Como numa via de mão dupla, é exatamente a partir desta interlocução entre escritores e público e mesmo entre os próprios escritores que nos é possível dialogar com o *espírito de uma época*.

²²¹ NESTOR VÍTOR. *Cartas à gente nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p.134.

²²² Expressão emprestada por esta autora de Nicolau Sevcenko. *Literatura como missão*. Op, cit.

condição de referência última como padrão de solidariedade ideal a ser alcançado pelos homens na terra.²²³

É certo que o crítico se posicionava francamente contra o positivismo, ainda que comungasse com alguns de seus postulados.²²⁴ De fato, não se encontra na sua obra menção à diluição das nacionalidades, porém é implícita a sua crença no poder da solidariedade futura entre os homens.

Dir-se-á que essa diferenciação hoje em dia, com todos os aparelhos de propagação, de difusão intelectual que utilizamos, e com todo este sistema de relações íntimas e constantes que a civilização contemporânea estabeleceu, é uma fantasia à Vico, uma suposição gratuita de retorno na vida dos povos, de repetição nos grandes fenômenos da História.

Pensa quem escreve estas linhas que o cosmopolitismo é uma vitória sobre a barbária, mas que, por outro lado, combater-se radicalmente o espírito nacionalista seria deficiência lastimável de capacidade intelectual. A civilização tenderá de cada vez mais a unir a Humanidade, mas sempre de acordo com o progresso da afirmação, do advento do Indivíduo.

De homem para homem não há verdade relativa, mas cada um de nós deve ter o seu modo de vê-la. É apenas uma questão de temperamento, de cor peculiar à visualidade de cada um, isto com os indivíduos, como com os povos e com as raças entre si. Mas sonhar com a unificação da Humanidade pela anulação de seus temperamentos é não compreender a necessidade do matiz para a harmonia das cores e a multiplicidade destas para a estética da Natureza. Um dia virá em que todos os homens prosternar-se-ão no altar de uma só crença, cada um deles, no entanto, genuflexando a seu modo. [...] As nacionalidades subsistirão vivazes, e com elas os múltiplos povos, as diferentes raças humanas. As lutas, as rivalidades, as emulações, portanto, serão igualmente mantidas, embora modificando-se na sua expressão.²²⁵ (sem grifo no original.)

A crença a que o crítico se refere seria a crença numa forma mais humana de conceber a vida. Uma crença, no entanto, que se via cada vez mais ameaçada pelo sistema econômico capitalista que estimulava a concorrência e o conflito ao invés da harmonia e

²²³ SEVCENKO, ... p.121.

²²⁴ É difícil saber até que ponto é possível se abster totalmente de uma filosofia tão dominante como foi a positivista, sobretudo no Brasil, na virada do século.

²²⁵ NESTOR VÍTOR. *A Hora*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p.69-70. Interessante observar, na fala de Nestor Vítor, uma preocupação tão evidente nos debates intelectuais de hoje em dia, como a questão da multiplicidade e da diferença entre povos, culturas, gêneros etc.

solidariedade pregadas pelas doutrinas universalistas.

É possível identificar na fala de Nestor Vitor uma articulação entre a busca de uma humanização que transcendesse os limites geográficos, e a ânsia da afirmação de uma identidade extremamente arraigada em solo pátrio. O que pode parecer um estranho paradoxo é compreensível na ótica dos simbolistas, já que o vôo por esferas universais não só era permitido como era o próprio alimento da alma humana e, isso coexistia uma realidade brasileira envolta por problemas sociais de maior urgência e carentes de reflexão.

Nesse sentido, enquanto alguns autores simpatizantes das doutrinas universalistas lançavam-se a uma produção crítica desabrida e contumaz contra os efeitos, a seu ver nocivos, da intensificação mercantil no país, após a República e o Encilhamento,²²⁶ Nestor Vitor entendia o desenvolvimento econômico como fundamental para o Brasil, desde que o comércio e a indústria fossem de fato nacionais, dentro das legítimas possibilidades de produção do país. Sua grande preocupação era que o país fosse entregue ao predomínio do capital estrangeiro, perigo que identificava na própria política de tarifas protecionistas à produção nacional. Considerava, então, fictícia, e em última análise perniciosa, a indústria estrangeira. Estabelecida em solo brasileiro, ela apenas deslocava o campo de manufatura por esse processo artificial, restando como saldo à verdadeira indústria nacional o encarecimento significativo da matéria-prima, cuja importação era forçosa, quando não se tratasse de todos os elementos que lhe eram complementares:

Por tal sistema, que representa, é certo, uma condição de estímulo draconiano, porém não raro isolada na época de outras ainda mais propulsoras e essenciais, estabelece-se um feudalismo sui generis, com a carestia da vida geral e a prosperidade de uns poucos indivíduos, que são os capitalistas, quase sempre estrangeiros, os quais à socapa sorriem da simplicidade nacional. O equilíbrio econômico do nosso país está hoje dependente da justa compreensão deste problema, temporariamente conturbada pela influência de teorias estranhas, de

²²⁶ SEVCENKO, ... p. 121.

*que certo ponto em diante vem apenas fazer-nos aberrar leviana, senão criminosamente, do programa que a nós deve ser próprio.*²²⁷

Para Nestor Vítor, o processo advindo da reformulação das cidade, da construção dos portos, da facilitação das comunicações provocava uma espécie de letargia na população; letargia essa compreensível, porque não havia dúvidas que aqueles empreendimentos já importavam numa solução parcial dos problemas. Porém, o crítico identificava uma ruptura entre progresso material e reflexão sobre a realidade circundante, capaz de propiciar um sentimento de segurança, o que, em última instância, traria a alegria de viver e com ela ordinariamente todos os encantos da idealização.

Nesse sentido, atendia e reproduzia a convocação que imperava nas classes mais intelectualizadas do momento: era de urgência que o Brasil se discutisse. Era preciso que o país se convencesse de que a época dos expedientes havia passado; que, ou se trabalharia de verdade, mostrando-se capaz, sem mais delongas, ou se viveria a derrocada, porque: *esta, faz tudo supor, vai ser a época mais decisiva dos nossos destinos como nação entre quantas temos atravessado até aqui.*²²⁸

Sua ferramenta ativa de discussão constituiu a crítica aos textos literários. Um livro que causou polêmica e escandalizou Nestor Vítor foi *Urupês*, de Monteiro Lobato. A obra tratava dos usos e costumes do mestiço do sertão e Nestor Vítor interpretou-a como intenção consciente de o autor fazer guerra ao caboclo, pois toda a narrativa dava a entender que este fosse uma criatura irremediavelmente inútil e prejudicial numa terra progressista.²²⁹

²²⁷ NESTOR VÍTOR. *A Terra do Futuro* (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913, p.139.

²²⁸ Idem. *Os Anais*, seção “A Livraria”, 17-5-1906. Publicado sob o pseudônimo de Nunes Vidal. In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p.292.

²²⁹ Idem. *Cartas à gente nova*. *Obra crítica...* v. II. Op, cit, p. 135.

Para o crítico, era perfeitamente compreensível que se pudesse ter tal impressão do pobre caipira brasileiro em face do estrangeiro e mesmo do brasileiro culto, modernizado. Mas era preciso não esquecer que aquele caboclo *formidável mameluco bandeirante* foi até o extremo sul, conquistou Minas, Mato Grosso e Goiás, chegou até o Maranhão, que expulsou os espanhóis para tão longe quanto foi possível e ampliou enormemente as fronteiras do Brasil. Tratava-se do próprio bandeirante, então personalizado naqueles seus representantes retardatários, que não eram definitivamente os donos políticos dos estados nem senhores de cafezais imensos, mas uns pobres párias, corridos por estes e pelos imigrantes estrangeiros. E acima de tudo, era importante reter que: *mais do que essa gente triste, da sua miséria é culpado o seu próprio irmão triunfante, que não lhe ministra instrução nem lhe proporciona higiene em grau bastante extensivo para assimilá-la de modo conveniente ao fim ambicioso que tem em vista.*²³⁰

Isso pode ser entendido reconhecendo-se nas idéias que, ao final do século XVIII e em todo o século XIX, iriam determinar a evolução da cultura no Brasil, nenhuma relação possuíam com o clima intelectual que precedera sua erupção no cenário brasileiro.²³¹ Com o eclipse pelo qual passou a Companhia de Jesus, o Brasil ficou durante mais de um século destituído de uma consciência cultural católica, que bem ou mal informava a população em geral. Contudo, um outro fator muito importante foi a adoção da França como fonte exclusiva de inspiração cultural brasileira, criando um abismo entre a consciência das classes educadas e a mentalidade simples do povo, agravado à medida que se absorvia mais e mais nas idéias estrangeiras.²³²

²³⁰ Ibid., p. 135.

²³¹ MELLO, ... p. 174.

²³² Ibid., p. 174.

Dessa forma, todo o cerco de idéias e as maneiras de sentir que articulavam o binômio língua e religião, e que de certo modo permitia alguma noção de unidade, se descaracterizou. Embora se falasse o português e se freqüentasse a Igreja Católica, tais práticas representavam apenas o ponto de contato entre as elites cultas e o povo inculto. A atividade de pensar passou a ser para as elites o elemento diferenciador da plebe, e não mais um modo de elevar os sentimentos e esperanças obscuras do povo ao nível de consciência clara e articulada das idéias.²³³

Para Nestor Vítor, os resíduos do descomprometimento com as pessoas menos privilegiadas, como no caso do caboclo, poderiam até ser um elemento perigoso, sobretudo, porque elas representavam a massa única com que se poderia contar para fazer frente amanhã ao *ádvēna que nos queira por ventura absorver*.²³⁴ Assim, para ele, os brasileiros deveriam procurar reverter a situação em que estava inserido o caboclo. Primeiro, porque ele era um agente histórico; depois, porque ele atuaria como um guardião da nação no caso de uma invasão estrangeira; e, por último, porque é sabido que as massas insatisfeitas eram potencialmente capazes de fazer uma revolução:

*[...] não está livre o Brasil de uma sublevação tremenda, que se estenda de ponta a ponta em toda a medula do país. Mas no dia em que o homem da floresta se revoltasse contra o parasita da cidade, aqui, poderíamos ter cenas análogas àquele tremendo espetáculo que hoje a Rússia oferece.*²³⁵

Monteiro Lobato, após um tempo da publicação de *Urupês*, presenteou Nestor Vítor com seu próximo opúsculo *O Problema Vital*. A carta que Nestor Vítor enviou-lhe a respeito da leitura que fizera deste último não podia, no entanto, deixar de referenciar àquele outro que tanto o incomodara, mesmo porque estavam ambas as obras

²³³ Ibid., p.174.

²³⁴ NESTOR VÍTOR. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p.135.

²³⁵ Ibid., p.137.

intrinsecamente relacionadas. Dessa forma, lembrava que em sua última publicação o autor se revelava um panfletário ardoroso e persuasivo, tanto quanto se revelara um curioso e empolgante criador na primeira. Mas que, à força do ardor, nesse e naquele, não poderia fugir a ser muito unilateral.²³⁶

Em *Urupês*, Monteiro Lobato havia feito de Jeca Tatu – símbolo do nosso caboclo – conforme Nestor Vitor, uma criatura condenada para a civilização por “orgânica incapacidade radical”. Mas agora, num segundo momento, ele tentava convencer a todos de que tudo teria remédio no Brasil, até mesmo o urupê ou o cogumelo que viu no tipo do matuto, se *metêssemos ombro* com verdadeira decisão e pertinácia na obra de profilaxia.

Embora Monteiro Lobato então reconhecesse que “a nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação”; que “é boa por índole, meiga e dócil”; que “o pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol”; por outro lado, Nestor Vitor apontava que para aquele escritor o caboclo ainda “é um homem em estado latente”, possuidor de “grande riqueza de forças, mas forças em estado de possibilidade”, que ele “é assim porque está amarrado pela ignorância e pela falta de assistência a terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito”, concluindo que o caboclo “não é assim, está assim”, de forma que “não é a raça - a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais para filhos e agravado dia a dia”.²³⁷

Nestor Vitor dizia, ainda, ficar contente ao ver tão de pronto corrigida a visão do brilhante autor de *Urupês* no que se referia à virtualidade do nosso “patricio das selvas”.

²³⁶ Ibid., p.139.

²³⁷ Ibid., p. 139-40.

Porém, discordava dele apenas quando afirmava que, nesta terra, “programa patriótico, e mais que patriótico, humano, só há um: sanear o Brasil”. Para o crítico, ambos estariam de acordo se a significação da palavra *sanear* fosse ampliada de modo a não se referir apenas à obra do médico que cura o corpo, mas também dos médicos que curam o espírito e o coração. E, completava: *Nisto estou com os positivistas: julgo que as endemias e as epidemias, se não provêm das crises morais, pelo menos com elas se agravam.*²³⁸ Daí a unilateralidade identificada por ele na obra de Monteiro Lobato.

O que o Brasil estava sobretudo necessitando era, segundo Nestor Vitor,

*[...] de acordar da “bestificação” em que caiu desde o 15 de Novembro, de tomar posse de si mesmo, depois destes trinta anos de República, que não tem sido sua, mas dos politiqueros e dos militares. O que se me afigura é que esta instituição cada vez vai separando mais o povo dos que detêm o poder, e assim, estabelecendo crescente mal-estar moral, de onde resulta em muito boa parte ir-se transformando rapidamente o país numa imensa enfermaria, reconhecida como tal pela medicina, conforme as eloquentes e pavorosas estatísticas – embora, talvez, bastante exageradas – que ela nos tem ultimamente fornecido [...]. Se não cuidarmos do moral, a ciência poderá mitigar estes males de hoje, mas outros hão de surgir, quem sabe se ainda mais temerosos.*²³⁹ (sem grifo no original)

Nestor Vitor não condenava a República, sistema pelo qual ele também havia lutado, mas a forma como ela vinha sendo conduzida, sem a valorização do povo. Para isso, era preciso que a constituição refletisse de fato a índole do país, estivesse de acordo com as condições da cultura existente e que fosse um instrumento de defesa eficaz, a fim de que o Brasil não escapasse das mãos dos brasileiros e que, por fim, viesse a representar a vitória da sua raça.

²³⁸ Ibid., p. 140.

²³⁹ Ibid., p. 140.

3.3.1 Uma raça que faz a diferença

Nestor Vitor afirmava que no Brasil, nesta *grande terra menina*, onde se assistia ao cruzamento de brancos, caboclos e negros, ter-se-ia uma *humanidade nova*.²⁴⁰ Uma nova humanidade, no entanto, que não tinha um caminho já trilhado, já certo. Não se sabia ainda claramente qual haveria de ser o seu papel no mundo, uma vez que o país vivia um período de organização, de aprendizagem, de assimilação.

Ao mesmo tempo que nenhum homem poderia ir além das possibilidades que sua raça lhe oferecesse, acreditava também que ninguém pudesse impedir que tais possibilidades o amesquinhassem ou engrandecessem conforme o *habitat* dessa mesma raça e de outras diferentes circunstâncias. O significado deste pensamento paradoxal era que todo povo, seja qual for, é assim um imprevisto no potencial que lhe cabe, no mesmo grau que o são os seus tipos representativos, afinal *em face de cada um de nós pode haver sempre uma escapada para o infinito, tanto quanto isto esteja no homem*.²⁴¹

A questão das raças, na verdade, é uma discussão que aparece na obra de Nestor Vitor de uma forma dissimulada pelo desencontro de idéias e sentimentos informados pelos discursos vigentes no momento. Nestor Vitor entendia que o universo humano era complexo por demais para ser comprimido em teorias científicas, fossem elas “raciológicas” ou outras, e que, ao se tentar fazê-lo, inevitavelmente parte dessa humanidade se perderia.

Tal foi a linha de argumentação utilizada por ele na crítica desenvolvida ao livro *Os Desplantados*, de Maurice Barrès.²⁴² Esse livro trata da história de sete rapazes franceses,

²⁴⁰ Ibid., *Cartas à gente nova*. Obra crítica... v. II. Op, cit, p. 164.

²⁴¹ Idem. *Folhas que ficam*. Op, cit, p.17.

²⁴² Este texto faz parte da obra *A Hora*. Obra crítica... v. I. Op, cit.

lorenos, filhos da fronteira, mas *desplantados* da província, que procuram se adaptar ao solo parisiense. O romance se desenrola num sucedâneo de eventos trágicos e decepcionantes, segundo a própria resenha feita por Nestor Vítor, tendo o autor do livro por objetivo apontar para as diversas causas da dissociação e decerebração da França em fins de século, frente ao embate com a Alemanha. Para Nestor Vítor, no entanto, o livro era menos um grito de alarma do que um disfarçado murmúrio de angústia que mais parecia ter sido escrito fora das fronteiras da França por um triste prisioneiro de guerra sob a vigilância e a censura de sentinelas germânicos.²⁴³

Um agravante na construção daquela obra era que as próprias personagens se viam tolhidas no interior do romance. E isto, segundo Nestor Vítor, porque o próprio Barrès

*[...] tem os mais estreitos preconceitos da época sobre a questão da hereditariedade, é crente de olhos fechados na tal cultura aplicada ao homem como um desenvolvimento da zootecnia, viciou-se profundamente nesse erro que consiste em andar utilizando no exame dos fenômenos sociais o mesmo método que se aplica no estudo dos fenômenos orgânicos, e em olhar sempre o homem do inferior ponto de vista zoológico.*²⁴⁴

Assim, Nestor Vítor criticava em Barrès o fato de ele não ver na vida sua estranheza, subordinada a grandes leis incognoscíveis que em vão se poderiam querer abranger numa fórmula. Segundo ele, para Barrès, as teorias eram mais exatas do que a natureza fosse real, de modo que seus homens não procediam desta, mais pareciam homúnculos nascidos daquelas e por elas dirigidos automaticamente. Isto porque não havia ar nos horizontes abertos por ele; não havia vida porque propriamente não havia o indefinido no movimento das personagens; não havia fatalidade natural; não havia verdade, portanto, nos deslocamentos de massas que ele provocava e nos desfechos de sua

²⁴³ NESTOR VÍTOR. *A Hora*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p. 61.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 65.

fabulação. E, em tais termos:

[...] não se pode ser jamais um criador, um expoente da verdade. Assim, é inevitável, quando se quer fazer um romance, em vez de homens produzimos magros símbolos de idéias, em vez de ação vital conseguimos um seco combate de teorias. Tudo, menos humanidade. Só com esta, no entanto, o coração é solidário; o homem só se emociona quando é do homem propriamente que se fala; por este, amando ou odiando, é que lhe é possível ter simpatia.²⁴⁵

Mas Nestor Vitor procura deixar claro que não foi exatamente para discutir a tese de Barrès que ele empreendeu a leitura de tal livro. Foi, sobretudo, para assinalar a decadência intelectual que a França vinha sofrendo. Esta era a sensação que aquele livro lhe passava, um livro que valia mais como um sintoma do que como uma obra de arte, pois, era difícil não se deixar impressionar quando um escritor notável, representante de um grande povo, não podia reprimir gritos de angústia como aquele. Era como se pudesse sentir a aproximação de indefinidos cataclismos, de deslocções históricas que poderiam modificar profundamente a trajetória de toda a civilização.²⁴⁶

Porém, como era possível que ocorressem fenômenos com que ainda não se contava, de que ainda não se conjecturava, Nestor Vitor sabia que no futuro a França poderia, por uma ou outra razão, sucumbir à Alemanha. Por mais que tal *fatalidade* ocorresse, não havia ainda motivo para graves apreensões. Elas deveriam caber a esses tempos que eventualmente estariam por vir. E assim, concluía: *Um francês ficar apreensivo com a hegemonia da raça germânica! E então como haveremos de ficar nós outros, pobres negróides da América do Sul?!²⁴⁷*

Na verdade, quando se tratava dos nossos “negróides” a coisa mudava um pouco de figura. Embora Nestor Vitor considerasse que os negros seriam elementos constitutivos

²⁴⁵ Ibid., p. 66.

²⁴⁶ Ibid., p. 71.

²⁴⁷ Ibid., p. 73.

do que chamou de uma nova humanidade brasileira, para a época, o negro, recém-saído do âmbito das senzalas, era visto como pertencente a uma raça inferior ainda que pudesse ser “recuperado” para integrar a sociedade. Na impossibilidade de se ter a predominância européia, esta recuperação passava pela idéia de branqueamento da população negra, pois o fato de se ter uma raça mestiça, *sui generis*, era menos cara à elite brasileira.

Nestor Vitor escreveu certa vez sobre a *desagradável estranheza* que os pretos causavam aos americanos do sul em viagem, quando encontrados no estrangeiro, embora fossem eles perfeitamente irmãos de raça dos que se conhecia na nossa terra. Considerava:

Provirá isso de que na fisionomia dos negros brasileiros já se acham impressos, por efeito de educação, os estados de almas mais predominantes no nosso tipo. Torna-se isso flagrante nas mulheres. Encontramo-las em nossa terra muitas vezes inteiramente pretas, sem indício algum de cruzamento com branco, em cuja fisionomia, no entanto, há certo ar de uma das nossas “senhoras de família”, pela modéstia, bondade e honestidade que aquela feição respira. Assim, os nossos pretos já têm uma semelhança física conosco.²⁴⁸

Segundo ele, brasileiros já haviam se habituado a ver os negros do país sem a fisionomia primitiva, substituída que fora por uma mais civilizada, por isso estranhavam a feição dos negros estrangeiros. Ora, tal raciocínio bem demonstra uma disposição de Nestor Vitor em aceitar uma vontade de verdade, como diria Foucault, como sendo a própria verdade. Ou seja:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.²⁴⁹

Assim, quando Nestor Vitor dizia que, aos olhos dos brasileiros, os “nossos” negros nem pareciam negros, num esforço de concatenar os discursos deterministas raciais

²⁴⁸ NESTOR VÍTOR. *Folhas que ficam*. Op, cit, p. 53.

²⁴⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 49.

e a realidade brasileira, ele lhes atribuiu ainda um “certo ar” de brancos. Embora isso não lhes garantisse o *status* de igualdade com a tida raça superior, seria, ao menos, uma forma de criar uma diferenciação projetada dos negros de *desagradáveis feições selvagens* de outros lugares.

O negro, com efeito, inexistia nas preocupações do campo social até o advento da Abolição. Um autor conservador como Sílvio Romero chegou inclusive a denunciar este descaso como tendo consequências nefastas para as Ciências Sociais.²⁵⁰ Os primeiros estudos sobre o negro no Brasil, embalados ainda pelas teorias raciológicas, foram iniciados em fins do século XIX (como, por exemplo, nos estudos de Nina Rodrigues), ao mesmo tempo em que se começava a forjar a ideologia de um Brasil-cadinho, ou seja, uma busca da identidade no nível simbólico que exprimisse a realidade social daquele momento histórico. Assim, o que se viu foi a escolha e o uso inusitado das teorias estrangeiras, a partir de uma necessidade interna brasileira de dar conta, ao menos no plano intelectual, dos problemas nacionais.

A intelectualidade da época, que se propunha a pensar uma identidade nacional para o país, tinha inevitavelmente de se confrontar com as contradições existentes na prática do discurso, como também na realidade brasileira. Da mesma forma que a inferioridade da raça explicava o porquê do atraso brasileiro, a noção de mestiçagem apontava para uma possível unidade nacional. E, ao mesmo tempo que se procurava implementar o desenvolvimento real do capitalismo no Brasil, pairavam as dúvidas em relação a esse desenvolvimento, pois a identidade forjada era ambígua, reunindo pontos positivos e

²⁵⁰ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (4ª ed.), p. 36.

negativos das raças que se cruzavam.²⁵¹

No caso de Nestor Vítor, pode-se utilizar ainda do exemplo da sua grande amizade com o notabilizado *Poeta Negro*, Cruz e Sousa. Embora, em 1905, não hesitasse em dizer:

*Para mim, a razão principal [do estágio atual de desenvolvimento brasileiro] está no grau de evolução em que se achavam as raças do africano e do aborígene que se incorporaram, em grande proporção, à massa que constitui a nossa população atual. Eu não sou dos que negam a capacidade de progresso nessas raças, tidas hoje, em geral, como absolutamente inferiores; mas não reconhecer a lentidão com que elas caminham em comparação com as raças, é negar a própria evidência, parece.*²⁵²

Sua vida, contudo, foi uma verdadeira ode àquele amigo que considerava seu referencial, seu fulcro catalisador de energia e inspiração. E com isso, é possível conjecturar que, além de uma discussão intelectual sustentada pelas mais diversas teorias – fossem elas raciológicas, evolucionistas, humanistas – existia ainda em suas relações pessoais a experiência do cotidiano, influenciando na miscelânea daquela discussão. A respeito de Cruz e Sousa escreveu:

Cruz e Sousa é um homem preto, e por ser tal é a essa qualidade que o mundo lhe há de atribuir muitas das suas qualidades extraordinárias que são defeitos aos olhos vulgares, e todos os defeitos e deficiências que ele tenha e que tem realmente em sua obra.

Como se os homens de outras raças, por maiores que sejam, não fossem deficientes e defeituosos também.

*Certamente que haverá na biologia e na sociologia dos povos algumas leis que sejam particularmente características de cada um e a essas o extraordinário artista estará sujeito no seu círculo, como nós estamos às nossas no nosso. Mas quererem partir do princípio da comum inferioridade africana atual para preconcebidamente anular a individualidade deste glorioso representante da raça maldita, em frente de seus livros, é uma tal futilidade asinina que a mais estreita ciência qualificaria de irrisória, é o mesmo que se quisessem negar a existência das auroras boreais porque tais fenômenos não se passam em todos os meridianos do mundo.*²⁵³

Novamente encontra-se em Nestor Vítor a idéia de que a coletividade configura

²⁵¹ Ibid., p. 39.

²⁵² NESTOR VÍTOR. *Os Anais*, 5-10-1905. Obra crítica... v. III. Op, cit, p. 286.

²⁵³ Idem. *Cruz e Souza* (monografia). In: Obra crítica... v. I. Op, cit, p. 21.

mas não determina, exclusivamente. Para ele, as barreiras raciais, culturais ou sociais poderiam ser superadas, se o espírito individual de criatividade e elaboração se impusesse.

O mais interessante, contudo, é poder observar, através das fontes, o confronto de idéias no interior de uma mesma fala, tentando ajustá-las, coaduná-las com o intuito de conferir-lhes um significado plausível. Em meio a este processo de seleção e adaptação de pensamentos e interpretações é que, muitas vezes, as contradições e inconsistências dos documentos se aguçam. Por outro lado, é exatamente através deste processo que se pode perceber uma nova visão de mundo tentando emergir, em que a dimensão social do pensamento pode revelar os deslocamentos que aquelas idéias tiveram no seio da sua sociedade e da sua época.

3.3.2 Construindo uma idéia de Brasil

Com a grande guerra tudo havia ficado e tudo ainda continuava *periclitante* no mundo, dizia Nestor Vitor. Tudo era risco, para as nações e para os indivíduos, de forma que o movimento e a inércia eram igualmente perigosos. Os elementos ameaçadores da relativa ordem em que o mundo ainda podia acordar, passado o cataclisma, perduravam e persistiam. O falso valor, considerado como tal pelo senso comum, ainda dominava em maior ou menor cotação. Podia-se até *medir ombro* com aqueles que se considerava barras de lei, porque esta havia se ab-rogado desde que não havia mais critério seguro. Tudo oferecia aspecto bom e mau ao mesmo tempo.²⁵⁴

Neste sentido, lutar era correr o risco de um nocaute, nem que fosse por efeito de qualquer golpe de azar. Mas, fugir ao pugilato poderia significar ser atirado

²⁵⁴ Idem. Correio da Manhã, 3-7-1927. In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p.155.

desonradamente para o desvio. Daí, ele entendia, o prurido que levava as nações e os indivíduos a movimentarem-se e agir. Por mais instável que fosse cada passo, tinha-se que avançar. *Por isso mesmo, entretanto, que o instinto, quase só, é que nos guia, a transigência é de regra, e mesmo inevitável. Não somos nós que queremos: os fatos querem por nós.*²⁵⁵ Fatos que formam e informam a experiência.

Por outro lado, era também impossível negar que a guerra trouxera um mundo novo. Ela quebrara, aos olhos de Nestor Vítor, com toda a continuidade entre o que foi antes dela e o que depois vinha se revelando. E isso era evidente, por exemplo, no comportamento dos jovens que se consideravam absolutamente inovadores em tudo. E numa coisa eles realmente estavam sendo originais: na tendência de encarar a vida de forma lúdica. Empreendimento válido, segundo Nestor Vítor, porque em todos os tempos, considerava, veio sempre dos moços o impulso para as novas formas que a vida ia assumindo.

Os jovens podem não ter, às vezes, razão no que querem, dizia citando Ortega y Gasset, mas sempre têm razão no que não querem.²⁵⁶ Neste sentido, julgava que os ideais eram coisas que os jovens vinham achando ridículas, não restando, assim, remédio aos mais velhos senão eliminar de seu programa o que eles não queriam. E embora isso pudesse parecer por demais estranho a Nestor Vítor, ele não tinha dúvida *que tudo isto acabará por levar-nos para novos destinos, de que os homens estão necessitando, talvez para não perecer...*²⁵⁷

Os anos pós-guerra marcaram definitivamente uma fase de reformulação nas várias

²⁵⁵ Ibid., p. 155.

²⁵⁶ Idem. *O Estado de São Paulo*, 4-1-1930. In: *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p. 311.

²⁵⁷ Ibid., p. 311.

instâncias da vida brasileira. Os movimentos armados de 1922, 1924 e 1930 acabaram por destruir a conjuntura política da Primeira República e por negar totalmente a Constituição de 1891. Os novos figurinos políticos europeus e as necessidades nacionais, impostos à consciência de jovens líderes políticos, definiram, ao lado do partido da Aliança Liberal, os partidos de *esquerda* e de *direita*. No setor econômico, a crise do café, em 1929, foi o ponto de chegada da diluição política econômica e financeira da Primeira República; no setor espiritual e artístico, a negação, por vezes violenta, irreverente e anárquica, do ideário e da estética até então dominante. E a par da aceitação aliciante do modernismo europeu, teve-se ainda a reflexão ansiosa e confiante sobre a realidade nacional, com vistas a difundir a autenticidade e a originalidade do espírito e da arte brasileira.²⁵⁸

Embora a conciliação entre *modernismo* e *nacionalismo* possa ser evidente na literatura brasileira, é importante salientar que o nacionalismo não foi uma atitude nova, pois, desde o romantismo tal conceito dominava o espírito, a arte e a política, tanto que se tornou um lugar-comum referi-la. Porém, ao longo dos períodos foi recebendo conotações diferenciadas. No romantismo, o sentimento nacionalista, apesar de legítimo e oportuno como atitude política e sincera em suas raízes sentimentais, conduziu a errados prejuízos antilusistas e a uma exagerada valorização do índio e da paisagem. De saldo positivo ficou-lhe ter iniciado o processo de conscientização da realidade nacional.

Já os realistas empenharam seu sentimento nacionalista numa revolução social e política em favor do progresso material do Brasil, no intuito de elevá-lo à categoria dos países civilizados. Com os recursos das novas ciências humanas era possível se ter uma definição mais compreensível da realidade brasileira, ao mesmo tempo que se tornava

²⁵⁸ AMORA, ... p.178-9.

inaceitável, ou inadequada, a manutenção do sistema de governo baseado na escravidão e no Império. Porém, esse período foi ainda claramente marcado pela influência indiscriminada de idéias estrangeiras.

Contra esse “desvio de sentimentos” já identificado pelos simbolistas, a radicalidade de expressão da geração modernista a partir da Semana de Arte Moderna: “nacionalizar a nação; abrigar o Brasil”. Ou seja, encetava-se um programa que propunha nacionalizar a nação na sua ordem política, social e moral e abrigar o Brasil na sua expressão artística.²⁵⁹

Nestor Vitor, por sua vez, considerava que o povo brasileiro era idealista, com o coração sempre voltado à doçura dos ritmos. E embora a vida cotidiana, exata, repugnasse aos sentimentos e ao caráter brasileiros, eles não deveriam se julgar incapazes “de amar a verdade em arte, contanto que ela representasse o ideal do real, como havia de representar sempre nas legítimas obras-primas de qualquer literatura considerável”. Neste sentido entendia que o erro dos naturalistas residia na estreiteza com que haviam imaginado o verdadeiro, tal como acontecera com os românticos, mas neste caso pelo falso modo de conceber o que fosse idealização.

Nestor Vitor denunciava uma grande crise das nacionalidades. As pátrias pequenas, por esse pensamento, seriam as mais vulneráveis, ou os países grandes que ainda não tivessem conseguido internamente uma identificação legítima entre os seus membros.

²⁵⁹ Na época do modernismo, nacionalismo veio a ser busca da realidade nacional, mas realidade nacional como expressão brasileira de um patrimônio cultural evoluindo num meio étnico e natural *sui generis*; veio a ser reconhecimento e valorização das peculiaridades dos centros regionais e, conseqüentemente, a conciliação de dois elementos fundamentais da nossa história cultural: região e tradição; e busca de mitos capazes de operar a unidade moral da nacionalidade: *o bandeirismo e a marcha para o Oeste; a cultura luso-brasileira; o brasileiro homem cordial; Brasil, pai do futuro; o verde-amarelismo; o pau-brasil; o Brasil antropofágico.* (AMORA, 1958, p. 191)

Aquela geração tinha, pois, sobre os seus ombros uma responsabilidade formidável, sobretudo nas terras cuja organização ainda se processava. Vinha daí, segundo ele, o movimento nacionalista que por toda parte se estava produzindo e, por instinto, refletindo-se em quase todas as manifestações artísticas.²⁶⁰

Considerava que o fervor nacionalista, estava em vias de substituir em todo o mundo os sentimentos cosmopolitas, de que o bolchevismo havia sido a última fórmula alucinada. O nacionalismo, como se apresentava então na Europa, talvez se tornasse um antípoda, embora igualmente passageiro, daquele monstruoso reversor de valores. Porém, com uma diferença:

Lenine é o cataclisma, não há dúvida, mas que representa um sonho, embora unilateral; Mussolini pode vir a ser a galvanização que barbariza, em todo caso sem a justificativa de um verdadeiro ideal. Se Lenine contagiasse o mundo inteiro, este se transformaria numa anarquia organizada a procura de um amanhã melhor do que o de hoje. Se Mussolini definitivamente prevalecesse, principiariam as nações por libertar-se, talvez, de muito do que nelas já está moribundo, mas ao mesmo tempo de tudo o que lhe resta de superior, para acabarem em mútuos ataques de feras entre si, sem que pudéssemos esperar no fim um resultado compensador de tão lamentável retrogradação.²⁶¹

O nacionalismo local felizmente está muito longe de ser assim, dizia Nestor Vitor. Embora aqui sempre houvessem existido entre os clássicos, os românticos e os naturalistas, escritores interessados pelas nossas coisas e pelos nossos problemas, considerava que de Graça Aranha, Euclides da Cunha, Alberto Tôrres, Rocha Pombo e Farias Brito para cá, tal interesse passou a ganhar certo ardor, tornando-o lírico ou épico e, por vezes, até místico.

Por outro lado, o que distinguia aqueles últimos eminentes escritores, fossem os autores de ficção, os sociólogos ou os filósofos, dos românticos era a preocupação,

²⁶⁰ NESTOR VITOR. *Cartas à Gente Nova*. Obra crítica... v. II. Op.cit, p. 189.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 255.

consciente ou inconsciente, segundo Nestor Vítor, de fazer a psicologia rigorosa, embora não pessimista, da nação. Ou pelo menos, a de representarem genuinamente o que já se podia reconhecer como a psique nacional, e daí também a de indicar uma orientação de acordo com o modo de ser brasileiro.²⁶²

A elaboração de um programa bem definido e bem aceito por todos que o constituíssem, quando menos em suas linhas gerais, seria um passo importante para se construir uma consciência da identidade nacional. Assim, o que se procurava através do modernismo era, conforme sua opinião, instintivamente dar uma pequena indicação que despertasse a atenção ou a memória em todo o país para aquela necessidade, fosse recorrendo ao sertanismo, ao caipirismo, ou a qualquer outra manifestação popular facilmente reconhecível.

*Queremos conhecer-nos e prezar-nos segundo somos sem ter até que nos arriscarmos a perder o sentimento de medida, dizia. E o perderemos, se arvorarmos estultamente em Homeros trovadores muito curiosos e valiosos, que possuímos, mas, de certo ponto em diante, desorientados ou cabotinantes.*²⁶³ Para Nestor Vítor não se faria mais do que praticar um alucinado bolchevismo literário, anarquisando a tábua já instável de valores do país, se houvesse satisfação com a glória de produzir esses “gênios” analfabetos ou propositadamente barbaristas e solícitas.

*Não, a obra que nos cumpre à geração atual é, sobretudo, ver se tomamos posse de nós mesmos, mas justamente por ganhar a consciência do que somos, sem deprimentes preconceitos bebidos na falsa ciência, já hoje desmoralizada entre os próprios europeus, que pretendia fazer do louro dolococéfalo um tabu sacrossanto, em todo caso bem compreendidamente críticos e positivos, para não resultar dos nossos ardorosos esforços uma obra negativa, contraproducente, o que em tais casos sempre resulta nos povos inviáveis.*²⁶⁴

²⁶² Ibid., p. 190.

²⁶³ Ibid., p. 191.

²⁶⁴ Ibid., p. 191.

Dessa forma, para Nestor Vitor, a geração dos modernistas havia proporcionado um avanço em termos de interpretação da realidade nacional, mas que em muito deveria ser superada se se quisesse construir um Brasil mais condizente com as suas potencialidades. Na verdade, as expressões de cunho popular, tais como “seu coroné”, “nhô fulano”, entre outras que foram elevadas ao estatuto de arte pelos vanguardistas, mostravam-se inadequadas e insuficientes para Nestor Vitor. Não que ele desprezasse tais manifestações, que de fato compunham uma grande parte do acervo cultural brasileiro, devendo serem investigadas e reconhecidas enquanto tal, mas para um intelectual elitizado e erudito como ele, a afirmação das características brasileiras passariam também por outras instâncias.

O que o Brasil precisava de fato era avigorar as idéias – forças que necessitavam naquele momento, dizia Nestor Vitor. A superioridade que as novas gerações deveriam mostrar seria a de compreender que já era tempo de ensaiar um pensamento propriamente local, tanto mais porque se sentia que o pensamento europeu ia se tornando deficiente para a solução do problema universal. Assim, mais que atitudes e costumes brasileiros, precisava-se de um pensamento que caracterizasse a nação.

Nestor Vitor tinha muito claro que o reflexo dos acontecimentos que se davam na Europa havia de ser inevitável aqui. Porém, apenas desejava que se fosse imitador menos servil, de modo que, mesmo imitando, se pudesse oferecer qualquer coisa de criação também, sobretudo uma criação que honrasse o país. Assim, considerava que não se deveria mostrar receios das influências intelectuais estranhas, pois ao fazê-lo era já, de qualquer modo, revelar-se influenciado, ou pior que isso, mostrar-se vencido, porque *o superior não é aquele que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila*

*superior não é aquele que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila sem perder seu cunho individual.*²⁶⁵

A percepção que se espera que cada povo tenha de si mesmo não é de fato uma tarefa fácil, principalmente quando se tratava de um país como este que na virada deste século ainda não tinha uma idéia clara do que ele exatamente era ou viria a ser. Para Nestor Vitor, tal como para Benjamin,²⁶⁶ essa percepção avivava-se com a oportunidade de um olhar sob outro prisma, do estrangeiro, pois *não podíamos figurar a nós mesmos tal qual como é, antes de sairmos daqui.*²⁶⁷

Porém, um outro fator que contribuía para a falta de esclarecimento acerca da condição do país seria, segundo Nestor Vitor, a própria ignorância do estrangeiro sobre o Brasil. Ignorância que nem sempre significava falta de noções, mas sim informações por demais incipientes e às vezes desvirtuadas pela incapacidade que arraigados preconceitos iam criando no espírito dos velhos povos, para julgarem valores novos.²⁶⁸ Para ele, em consequência, seria difícil esperar depois *livrar os indivíduos como os povos que a primeira idéia formulada a seu respeito venha a ser, pelo conjunto das circunstâncias, uma idéia infeliz. Porque este juízo inicial será o preconceito do futuro. Corrijam-no como quiserem: dele sempre restará alguma coisa.*²⁶⁹

Nestor Vitor não procurava, no entanto, enganar-se acerca da condição real da cultura brasileira, a qual considerava que, por maiores que fossem os esforços, durante muito tempo ainda o seu caminhar, comparado com os das nações em primeiro plano, teria

²⁶⁵ Idem. *A Hora*. Obra crítica... v. I. Op, cit, p. 64.

²⁶⁶ Ver: Walter Benjamin. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1994 (4. ed.), p. 155-191

²⁶⁷ NESTOR VÍTOR. *Os Anais*. Obra crítica... v. III. Op, cit, p. 283.

²⁶⁸ Ibid., p. 284.

²⁶⁹ Ibid., p. 284.

de ser lento nesta parte da América. Ao mesmo tempo, porém, acreditava que se as complicações da política mundial continuassem a inibir os povos conquistadores de se voltarem exclusivamente para este lado do mundo, sem outras preocupações, tais circunstâncias inspirariam uma séria esperança de chegar a um legítimo estado de organização. *Salvos da conquista e da dissolução, certos que um dia haveremos de ser grandes e gloriosos como os maiores povos da Terra.*²⁷⁰

Como a história se mostrava imprecisa, numa de suas curvas os elementos poderiam se combinar de forma tão desfavorável ao Brasil que ficaria reduzido unicamente a seus próprios recursos. Neste sentido, segundo Nestor Vítor, convinha aperfeiçá-los, alargá-los e multiplicá-los da melhor forma possível. Assim:

*É claro, penso eu, que é preciso valorizar as nossas forças tornando-as forças vivas, inteligentes, pela cultura, mas ao mesmo tempo voltar-nos para todos os lados, na proporção dos nossos recursos e da nossa energia: povoar, plantar, abrir caminhos, fomentar indústrias, construir cidades decentes e sãs, instruir, armar, proteger nossas costas, disciplinar-nos, estabelecer entre nós a justiça, tornar um fato a liberdade como deve ser entendida, produzir, estimular-nos entre nós, mostrar, numa palavra, que somos povos que merecem viver e que estão aptos a defender-se, mesmo, se tanto for necessário, a agredir.*²⁷¹

O desenvolvimento do país estaria assim atrelado ao empenho que fosse empregado na educação do seu povo e nas condições de estruturas materiais e espirituais que deveriam sistematicamente ser implantadas. Contudo, independente do que o futuro reservasse ao país, Nestor Vítor tinha a noção clara e bem acentada de que, para alcançá-lo, seria imprescindível que o Brasil fosse o que de fato era, bem reconhecendo-se em seu passado, fazendo para isso da crítica honesta um instrumento de orientação.

Nessa tarefa de se pensar o Brasil, os intelectuais é que dariam a sua contribuição mais significativa. Para ele, os homens de letras, voltados ao estudo dos problemas

²⁷⁰ Ibid., p. 286.

²⁷¹ Ibid., p. 287.

nacionais mas que tinham, ao mesmo tempo, um conhecimento mais universalizado das idéias que influenciavam nas dinâmicas sociais, poderiam fazer uma leitura diferenciada da realidade brasileira e colaborar na consolidação de uma nação tal como se pretendia. E, de fato, naquele momento foi a intelectualidade que empreendeu a busca de uma identidade coletiva para o país e de uma base para a construção da nação.²⁷²

Nestor Vitor, como um crítico atento, sempre reservou atenção especial aos intelectuais, pensadores ou literatos. Este era o seu ambiente e nele se sentia à vontade para exercitar a sua própria capacidade de síntese e de elaboração. Achava que a eles cabia o papel de concatenar a história do país, sem nenhuma forma de preconceito e, assim, respaldar legitimamente os pensamentos conforme iam surgindo e se tornando forças às suas épocas.

Ao delegar ao intelectual o papel de quem divulga as correntes que se vão formando, o de quem veicula perante o grande público o que parece difícil ou por demais extravagante aos olhos comuns, pode-se aproximar esta fala de Nestor Vitor da interpretação em que esses intelectuais atuavam como mediadores simbólicos, estabelecendo um elo entre o passado e o presente e, conforme o mediador, a legitimação desta ou daquela visão, deste ou daquele destino.²⁷³

O processo de construção de uma idéia de Brasil, ou mesmo de uma identidade brasileira, se fundamenta sempre numa interpretação, pois atua no nível simbólico e como tal é um produto da história dos homens. Assim, a identidade seria o resultado do jogo das relações apreendidas pelo autor que se dedica a uma interpretação do Brasil. Os

²⁷² CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32.

²⁷³ ORTIZ, Renato. *Um outro território*. Ensaio sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'água, s.d., p. 78.

intelectuais poderiam então ser definidos como mediadores simbólicos, porque constróem uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global, se orientam no sentido de elaborar um conhecimento de caráter globalizante, ou seja, são eles que deslocam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende.²⁷⁴

Nestor Vitor foi um homem que usufruiu plenamente a atmosfera intelectual da sua época. Embalado pelas aventuras e desventuras daquelas idéias que circulavam por uma sociedade que se pretendia moderna, embora ainda incipiente, idéias que informavam e estabeleciam os parâmetros do pensar e do agir brasileiro, ele estabeleceu seus próprios critérios éticos e estéticos para interpretar seu tempo.

Ciente da importância que ele e toda a sua geração teriam enquanto vozes de um determinado presente da história, Nestor Vitor deixou uma obra em que transparece aquilo que ele mais prezava e lastimava estar se perdendo para os novos tempos: uma alma humana preocupada também com as coisas do espírito, com uma essência do homem que refletia, sobretudo, um caráter moral bem definido.

²⁷⁴ Idem. *Cultura brasileira e identidade nacional*. Op, cit, p. 139-141.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestor Vitor foi uma daquelas pessoas que ajudaram a formar a “plêiade” dos pensadores, escritores, poetas, enfim, que delegaram ao seu tempo, no advento de um novo século e de novas idéias, uma conformação histórica e uma condição intelectual específicas que vem despertando o interesse de historiadores e pesquisadores afins.

Amante das letras e dotado de um senso crítico muito apurado, fez-se crítico literário. Sua consciência crítica, no entanto, por vezes se confundia com outro aspecto marcante do seu perfil, o seu moralismo intelectual. Um moralismo, no entanto, que não deve ser entendido no sentido professoral do termo, ou seja, o de quem dita normas estreitas e falsas, mas o de quem selecionava conscientemente a melhor trilha para a plenificação ética do homem.²⁷⁵ De fato, na sua crítica literária pressupunha-se uma inteligência para a qual a valorização do senso estético se apoiava explicitamente no referencial das verdades éticas. Neste sentido, crítica e moral se interpenetravam formando a peculiaridade do seu posicionamento em meio à cultura literária.

Sua forma de exercer a crítica foi marcada pelo impressionismo, ou ainda, baseada nas sensações que as obras lhe ofereciam. Ao delimitar o critério da simpatia como o elemento que o norteava no processo da interpretação, deixava claro um caráter excludente com aquilo que não correspondia diretamente a sua forma de apreender a estética literária. Contudo, não faria sentido, de qualquer maneira, cobrar-lhe

²⁷⁵ MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*. O simbolismo. vol. IV. São Paulo: Cultrix, 1966, p. 270-1.

imparcialidade e objetividade crítica, uma vez que se conhece seu percurso intelectual e se tem que o simbolismo proporcionou uma franca inversão de valores priorizando elementos como, por exemplo, a vida, a mente e a escolha ao invés da matéria, do corpo e do determinismo.

Assim, influenciado pelos pressupostos do simbolismo que, de certa forma, se consolidou enquanto uma escola, embalada pela descoberta do subconsciente e do inconsciente, temas diletos da psicologia, abrindo à intuição poética os abismos nebulosos em que se agitavam os fatos mais misteriosos e as forças mais profundas da personalidade, Nestor Vítor também se lançou pelos caminhos da subjetividade, em busca da intuição dos sentimentos que estariam conformando o espírito daqueles a quem tecia suas críticas. Esta era a base para as suas leituras, e é possível que isto estivesse claro não só para ele, como também para os seus interlocutores contemporâneos. A análise, porém, que se pode fazer sobre tal forma de exercer a crítica já é uma discussão a ser feita no campo da literatura e, enquanto tal, ultrapassa os limites deste trabalho.

Aos olhos da historiadora, a obra de Nestor Vítor revela-se interessante porque apesar de inserida na esfera literária, não está unicamente relacionada a ela. Ou seja, identifica-se nela uma grande liberdade de movimento não só pelos assuntos culturais, mas também políticos e sociais. Assim, temas como modernidade, metrópole, progresso tentavam coexistir com outros como raça e atraso intelectual, por exemplo. Dessa forma, com o mediador simbólico escolhido para se estabelecer um diálogo com o seu tempo, foi possível apreender uma parte daquela insólita experiência de se viver a virada do século XX enquanto um intelectual.

A linha de interpretação da realidade nacional que o crítico traçou revela, na

desenvolvimento, humano e material, do Brasil, identificados à primeira vista na sua produção, de fato existia. Porém, existia também um condicionante, o de que houvesse vontade política para fazê-lo. A crença no devir era uma constante na fala de Nestor Vitor. Como para ele nada no futuro era certo, tudo estaria por se construir, dependeria, então, do empenho que o homem depositaria em tal tarefa. O Brasil era, sobretudo no início do século, um potencial, suas riquezas e seus recursos naturais o denunciavam, mas isto não garantiria, como não o fez, um futuro condizente.

O tempo encarregou-se de confirmar muitas das ponderações de Nestor Vitor. Sua preocupação com o tipo de cultura em formação, já naquela época, sem nenhuma referência a valores éticos e morais que fornecessem um parâmetro ao convívio coletivo, encontra uma triste correspondência com os dias de hoje, nos quais a corrupção dos políticos brasileiros, a violência cotidiana, seja a dos bandidos, a da polícia ou mesmo a da falta de comida, saúde e educação, entre outros exemplos, tornam-se lugares-comum.

Seguindo Buckhardt, entende-se, no entanto, que do estudo do passado pode-se apreender sabedoria, nunca porém lições absolutas para os problemas do presente.²⁷⁶ O fato é que num trabalho como este, pensado como uma linha de diálogo entre dois tempos – um passado e um presente –, torna-se quase inevitável uma comparação de discursos.

Neste olhar que assim se estabelece, é possível pensar que, se no início do século uma das preocupações da intelectualidade girava em torno da defasagem sócio-econômico, político e cultural do país em relação à Europa, por exemplo, hoje o parâmetro para avaliar tal defasagem pode ser constituído pelo próprio país. Quase um século depois, com toda liberdade de pensamento que se experimenta, com toda a velocidade que a tecnologia

²⁷⁶ Apud GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1995, p. 389.

proporciona, verifica-se ainda a recorrência das mesmas preocupações de ordem social, apenas traduzidas de forma diferenciada para cada época. Porém, se naquele tempo pensava-se em termos de como essas questões poderiam ser tratadas no futuro que se construiria, agora, o futuro já é presente, ou mesmo passado, e a experiência histórica nacional se revela como uma incansável reatualização dos discursos nos impasses que ainda não se conseguiu sobrepujar.

Mas a obra de Nestor Vítor remete ainda a outras questões. Sua compreensão enquanto um microcosmo, um círculo que relaciona sua produção e a recepção pelos contemporâneos, proporciona imagens fragmentadas da sociedade que informou o seu olhar. Imagens projetadas, sem dúvida; contudo, repletas de história. Imagens que também revelam o interlocutor e o seu pensamento.

Assim, neste estudo de caso, na singularidade foram perseguidos referenciais universais. A partir da apreensão das idéias em circulação no contexto histórico em que Nestor Vítor viveu e produziu, pode-se identificar os pensamentos que atraíram as gerações passadas e de que forma influenciaram o seu tempo. A interpretação e reelaboração dessas idéias por este intelectual passou, obviamente, pelos filtros da sua historicidade e, como tal, representa uma contribuição àquela intelectualidade preocupada, na passagem do século, em pensar o Brasil. Neste sentido, recorre-se mais uma vez, a sua fala: *De tudo o que possamos ter apreendido o que sabemos é que a vida é uma perfeita instabilidade. Resistamos, pois, ao erro do exemplo. Não há exemplos. Há experiências. Caminhamos para uma época sem prederminações.*²⁷⁷

De fato, a vida é instável e o pensamento e o discurso se renovam conforme novas

²⁷⁷ NESTOR VÍTOR. *Obra crítica...* v. III. Op, cit, p. 317.

questões vão surgindo. Contudo, não se está isento das peças que o tempo e a história podem pregar. Há poucos dias, por exemplo, esta pesquisadora assistiu a uma entrevista²⁷⁸ do brasilianista Thomas Skidmore (ironicamente, se lembrarmos de Nestor Vitor, um estrangeiro especialista em assuntos do Brasil), na qual ele dizia, resumidamente, que o Brasil atual está carente de idéias. Na sua opinião, faltam ideais tanto quanto programas intelectuais aos nossos políticos e àqueles que detêm o poder no país. Dessa forma, o Brasil precisa, além de uma política econômica, de uma política intelectual, respaldada por uma séria revisão das obrigações morais. Em outras palavras, o que se percebe é uma retomada gradual de muitas daquelas temáticas discutidas por Nestor Vitor no início do século.

O momento para tanto é propício. Vive-se novamente um final de século, e a reflexão acerca da “condição humana” torna-se imprescindível para o futuro que agora se pretende construir. Tarefa esta que novamente passará pelo clivo existente entre a teoria e a prática, mas que nem por isso terá sua relevância diminuída. Enquanto um exercício de ordem teórica, pode-se afirmar, com Nestor Vitor, que *até agora pude voar mais alto nas regiões do espírito, junto à qual mais intimamente pude viver a vida das emoções e das idéias.*²⁷⁹ Ou, ao menos, vivenciar as delícias e angústias do fazer-se história.

²⁷⁸ Programa Roda Viva, levado ao ar pela TV Cultura no dia 23/06/97.

²⁷⁹ NESTOR VÍTOR. Cruz e Sousa (monografia). v. I. Op, cit, p. 3.

FONTES

A obra de Nestor Vitor encontra-se distribuída da seguinte forma:

Sete volumes de crítica:

1899 – *Cruz e Sousa* - / monografia. Rio de Janeiro.

1901 – *A Hora* / “Os Desplantados”, de Maurice Barrès / “O Cyrano de Bergerac”, de Edmund Rostand / H. Ibsen. Rio de Janeiro. Livreiro Editor H. Garnier.

1915 – *Três Romancistas do Norte*. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio.

1917 – Farias Brito. Rio de Janeiro, *Revistas dos Tribunais*.

1919 – *A Crítica de Ontem*. Rio de Janeiro, Editora Leite Ribeiro.

1924 – *Cartas à Gente Nova*. Rio de Janeiro, Edição do Anuário do Brasil.

1938 – *Os de Hoje* / Figuras do Movimento Modernista Brasileiro (obra póstuma). São Paulo, Cultura Moderna.

Dois volumes de viagem:

1911 – *Paris* / (Impressões de um Brasileiro). 1º milheiro, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves.

1913 – *A Terra do Futuro* / (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio.

Três volumes de ensaios:

1915 – *O Elogio da Criança*. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio.

1920 – *Folhas que ficam* (Emoções e Pensamento) / 1900-1914. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro.

1921 – *O Elogio do Amigo*. Curitiba, Edição da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Comp. Ltda.

Dois volumes de poemas:

1900 – *A Cruz e Sousa*, Poema.

1902 – *Transfigurações* / 1888-1898. Rio de Janeiro, Livreiro Editor H. Garnier.

Um volume de contos:

1897 – *Signos*. Rio de Janeiro.

Dois volumes de ficção romanesca:

1900 – *Amigos* / (romance). Rio de Janeiro.

1928 – *Parasita* / (novela). In: “*Feira Literária*”, São Paulo.

Da obra de Nestor Vitor constam ainda artigos em jornais e revistas e cartas enviadas aos seus interlocutores, reunidos juntamente com algumas das obras acima citadas na coletânea *Obra Crítica de Nestor Vitor*, organizada em 3 volumes pela Fundação Casa Rui Barbosa, editada no Rio de Janeiro, em 1969, 1973 e 1979, respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. (Séculos XVI - XX). São Paulo: Saraiya, 1958.(2º ed.).
- BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
- BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Vol. I. Séculos XVII e XVIII, Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. *O pensamento europeu moderno*. Vol. II. Séculos XIX e XX, Lisboa: Edições 70, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3)
- _____. *Magia e técnica, arte e política; Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras escolhidas; v. 1)
- _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 2)
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3º ed. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Olympio Editora, 1960.
- CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Curitiba: As imagens da experiência urbana no início deste século por Nestor Vitor*. Curitiba: 1990. Monografia, Departamento de História, UFPR.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- _____. *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CORDIOLLI, Marcos A. O olhar de um ponto diverso; as gênesis de um idílio; a trajetória de Dario Velloso (1890-1909). *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, ano I, n.01, p.5-26, mar./1988/ Projeto: *O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920* - Série Monografias.
- CUNHA, Euclides da. Da independência à Republica. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. s/d.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, n.d.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1995.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: F. Alves Editora, 1976.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. História de uma ideologia. São Paulo: Ática, 1992.
- LESSA, Pedro A C. Reflexões sobre o conceito de história. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. s/d.
- LIMA, Luis Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.
- MELLO, Mario Vieira de. *Desenvolvimento e cultura*. O problema do esteticismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980 (3. ed.).

- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MURICY, Andrade *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: brasiliense, 1994.
- _____. (org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *Um outro território*. Ensaio sobre a mundialização. São paulo: Olho d'água. n.d.
- PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da História*. A realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- _____. Pensar a utopia da ciência na crise das utopias contemporâneas. In: *Humanas*, Curitiba, n. 3, p. 167-182. Editora da UFPR.
- PEYRE, Henri. *A Literatura Simbolista*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo. Romantismo e Utopias: (1880-1905)*. Curitiba, UFPR. Dissertação de mestrado, 1994
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- _____. O Brazil Social. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. s/d.
- RONCATO, Maria Aparecida. *Nestor Vitor: a atividade crítica como e enquanto projeção de um discurso ideológico*. Rio de Janeiro: 1979. Dissertação, Mestrado, Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. A fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como representação*. São Paulo: Abril, 1974.
- SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 79.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias*; mulheres de Curitiba na Primeira República. São Paulo, 1992. Tese, Doutorado em História, Universidade de São Paulo.
- THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TUCHMAN, Barbara. *A torre do orgulho*: um retrato do mundo antes da Grande Guerra, 1890-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.